

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Thiago Kader Rajeh Ibdaiwi

**TODO DIA É DIA DE FEIRA: UM ESTUDO SOBRE AS FEIRAS DA CIDADE DE  
SANTA MARIA - RS**

Santa Maria, RS  
2023

Thiago Kader Rajeh Ibdaiwi

**TUDO DIA É DIA DE FEIRA: UM ESTUDO SOBRE AS FEIRAS DA CIDADE DE  
SANTA MARIA - RS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em Extensão Rural**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Cristina Dorr

Santa Maria, RS  
2023

Ibdaiwi , Thiago Kader Rajeh  
TODO DIA É DIA DE FEIRÃ:UM ESTUDO SOBRE AS FEIRAS DA  
CIDADE DE SANTA MARIA - RS / Thiago Kader Rajeh Ibdaiwi  
. - 2023.  
127 p.; 30 cm

Orientador: Andrea Cristina Dorr  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós  
Graduação em Extensão Rural, RS, 2023

1. Feiras Livres 2. Qualidade de Vida 3. Condições de  
Trabalho 4. Mulheres I. Cristina Dorr, Andrea II.  
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, THIAGO KADER RAJEH IBDAIWI , para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Thiago Kader Rajeh Ibdaiwi

**TUDO DIA É DIA DE FEIRA: UM ESTUDO SOBRE AS FEIRAS DA CIDADE DE  
SANTA MARIA - RS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em Extensão Rural**.

Aprovado em 09 de fevereiro de 2023

---

**Andrea Cristina Dorr, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)**

---

**Janaina Balk Brandão, Doutora (UFSM)**

---

**Luis Felipe Dias Lopes, Doutor (UFSM)**

---

**Damiana Machado de Almeida, Doutora (SOBRESP)**

---

**Vanessa dos Santos Nogueira, Doutora (SOBRESP)**

Santa Maria, RS  
2023

Dedico este trabalho a você, Gabriel, meu filho amado! Fonte das minhas forças diárias, com quem eu aprendo a cada dia, o valor do amor incondicional, algo que ultrapassa esse plano e vem de vidas passadas. Gratidão à minha esposa, Vivian, por todo amor e paciência. A vocês, o meu amor eterno.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao nosso **Pai Celestial**, que me deu forças para nunca desistir dos meus sonhos, que apesar de todas as adversidades que passei e estou passando, nunca me deixa cair no desânimo. Obrigado Senhor, pelo Dom da Vida!

Agradeço aos meus antepassados por tudo que fizeram e ainda me guiam neste plano astral, em especial ao meu eterno avô **Amin Kader**, um imigrante palestino, empreendedor, pai excepcional e avô incondicional, gratidão por tudo.

Agradeço a minha **mãe Hana**, mulher batalhadora, um ser humano sem igual... não há palavras suficientes para agradecer a ela, por tanto. Te Amo Mãe! Obrigado por nunca desistir.

Agradeço a minha esposa **Vivian Pereira Munro**, fonte de inspiração e determinação. Uma esposa e mãe espetacular, te amo meu amor. Obrigado por tanto, por não deixar eu desistir nunca.

Ao meu filho **Gabriel Munro Ibdaiwi**, que me ensinou o verdadeiro sentido do amor, és nossa maior benção, filho amado, esse trabalho é teu, obrigado por entender minhas ausências e falhas como pai.... te amo!

Aos meus familiares, pelo apoio, convívio e paciência, em especial ao meu afilhado **Érick Kader** pelas suas valiosas contribuições ao longo do percurso do doutorado.

Não posso deixar de citar alguns nomes que cruzaram em minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, **Vanessa**, uma amiga sem igual, com ela não tem tempo ruim, obrigado por compartilhar teus conhecimentos e amizade. **Dimy**, minha eterna ex-aluna e hoje colega de profissão e motivo de orgulho por sua trajetória, obrigado por todo o apoio. **Leandro**, mais que um amigo, um conselheiro, um guia, um irmão, gratidão por todas as conversas e pelos incentivos. Professor **Rolando**, um incentivador, que nunca me deixou desistir do sonho do doutorado. Aos meus irmãos **Tárik e Tatiana Kader**. Aos meus colegas de trabalho da Faculdade Sobresp, meus alunos que me incentivam e me motivam a continuar.

Agradeço aos professores que participaram da banca de qualificação, Professor **Marcelo Tatsch** - gratidão por tudo meu querido; Professor **Luis Felipe Lopes** - que me acompanha desde o mestrado, meu eterno orientador; A professora **Vanessa Nogueira**, Professora **Damiana Machado**; Professora **Lisiane Faller**, e Professora **Melissa Braz** mais que colegas de profissão, verdadeiros mestres na arte de ensinar.

De uma forma muito especial, gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora **Andrea Cristina Dorr**, que me acompanhou durante toda essa trajetória do doutoramento. Mais que uma professora orientadora, um ser humano admirável, competente, que soube

conduzir meus passos nesta longa batalha e que nunca me deixou desistir, o seu zelo, cuidado, seu amor com tudo que faz, pode ser visto à frente da coordenação do programa de pós-graduação. Hoje mais do que uma profissional brilhante, mãe do pequeno príncipe Arthur, que o Papai do Céu ilumine sempre vocês. Gratidão por tudo!

Enfim a todos que foram compreensivos nesta fase tão significativa e importante na minha vida, a todos vocês minha eterna Gratidão. Aqueles os quais os nomes não foram citados, não se sintam injustiçados, pois com toda a certeza, de uma forma ou de outra, colaboraram para a concretização deste sonho, e serão lembrados sempre de uma forma muito especial em minhas orações.

A todos vocês meu abraço e minha eterna gratidão.

Obrigado!

*Quando a falta de esperança decidir lhe açoitar  
Se tudo que for real for difícil suportar.  
É hora do recomeço. Recomece a sonhar.  
Enfim,  
É preciso de um final pra poder recomeçar.  
Como é preciso cair pra poder se levantar.  
Nem sempre engatar a ré significa voltar.  
Remarque aquele encontro. Reconquiste um amor.  
Reúna quem lhe quer bem. Reconforte um sofredor.  
Reanime quem está triste e reaprenda na dor.  
Recomece! Se refaça! Relembre o que foi bom.  
Reconstrua cada sonho. Redescubra algum dom.  
Reaprenda quando errar. Rebole quando dançar.  
E se um dia lá na frente, a vida der uma ré, recupere sua  
fé, e recomece novamente.*

*(Bráulio Bessa)*



## RESUMO

### **TUDO DIA É DIA DE FEIRA: UM ESTUDO SOBRE AS FEIRAS DA CIDADE DE SANTA MARIA - RS**

AUTOR: Thiago Kader Rajeh Ibdaiwi  
ORIENTADORA: Andrea Cristina Dorr

Feiras livres não são apenas conglomerados de comerciantes com o propósito de venda. A partir de um olhar científico para sua organização, percebe-se uma organização complexa, de dinâmica peculiar a cada lugar urbano ocupado. Movimentos, afetos e processos de troca de bens e serviços são elementos que transbordam em cada feira. Constituições internas subjetivas a partir do espaço geográfico ocupado, criadas a partir do compartilhamento de vida e alimentos entre aqueles garantem seu funcionamento. Contudo, para além dos processos organizacionais, feiras livres são constituídas de seres humanos, de idiosincrasias tanto individuais quanto coletivas, de sujeitos condicionados ao âmbito de sentimentos, ou seja, de seres humanos que também buscam qualidade de vida. Além disso, feiras livres são mantidas por homens e mulheres, marcadas pelo contexto social rural e urbano, no papel de agricultores. Portanto, o problema de pesquisa emerge das seguintes perguntas: quais são as concepção e condições de trabalho que apresentam as feiras livres na cidade de Santa Maria/RS? Há, de fato, igualdade e equidade entre mulheres e homens quando se fala em feiras livres? Quais fatores podem explicar a qualidade de vida dos agricultores familiares que atuam como feirantes? Quais domínios da qualidade de vida predominam na qualidade dos feirantes? Para que se possa responder às problemáticas postas, os objetivos gerais desta pesquisa são i) analisar a qualidade de vida dos agricultores familiares que atuam em feiras livres na cidade de Santa Maria/RS; ii) verificar se há equidade entre homens e mulheres que exercem o trabalho de feirantes; iii) verificar e descrever as percepções das condições de trabalho de acordo com a ótica dos feirantes e quais domínios de qualidade de vida são mais presentes nos atores do estudo. Desmembraram-se os objetivos gerais nos seguintes objetivos específicos: i) levantar qual perfil predominantes dos agricultores participantes das feiras livres da cidade; ii) verificar qual contexto rural feminino e se há equidade entre homens e mulheres feirantes; iii) identificar as condições de trabalho e como eles exercem a profissão de feirantes nas feiras livres da cidade; iv) identificar quais são os domínios físicos e psicológicos mais comprometidos a partir do que for apresentado pelos feirantes em relação a sua qualidade de vida. Para se responder o problema de pesquisa a partir dos objetivos geral e específicos, escolheu-se a metodologia mista quali-quantitativa: quantitativa pelo caráter numérico sobre as condições e percepções de feirantes em relação às condições de trabalho e da qualidade de vida, a partir de roteiro de entrevista composto de perguntas de escolha única e de múltipla escolha. A natureza qualitativa da pesquisa recai sobre a interpretação das respostas fornecidas pelos atores, a partir do instrumento da Organização Mundial da Saúde (OMS) - WHOQOL-BREF – no qual abarca os domínios previstos para a indagação desta pesquisa. Os sujeitos do estudo, foram 90 (noventa) feirantes, dos quais atuam nas mais diversas feiras livres da cidade de Santa Maria – Rio Grande do Sul. Os resultados abordam mais que somente aspectos relacionados à qualidade de vida, enlaçam histórias de vidas que demonstram a superação de agricultores, que buscam nas feiras livres, um meio de comercialização de seus produtos. Grupos familiares de pequenos agricultores, que comercializam seus produtos, que compartilham suas histórias e seus saberes, herdados de outras gerações, fornecem muito mais do que alimentos, e sim trocas de saberes.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, feirantes classificam como positivo seus aspectos de qualidade de vida, sendo o principal fator de interferência às condições de trabalho e a falta de condições adequadas nos locais de realização das feiras. Já fatores como grupos familiares, religião e satisfação com o que se faz, são questões constantes entre os feirantes.

**Palavras-chave:** Feiras Livres, Qualidade de Vida, Condições de Trabalho, Mulheres e Agricultura Familiar.

## ABSTRACT

### EVERY DAY IS FAIR DAY: A STUDY ON CITY FAIRS IN SANTA MARIA - RS

AUTHOR: Thiago Kader Rajeh Ibdaiwi

ADVISER: Andrea Cristina Dorr

Free fairs are not just a conglomerate of marketers with the purpose of selling. Through a more scientific approach to their organization, one notices a complex organization, of peculiar dynamic depending on the occupied urban space. Movements, affection, and goods-and services exchanges are elements that are a part of each fair. Internal and subjective from each geographical space occupied, created from sharing life experiences and food amongst those who maintain its functioning. However, beyond organizational processes, free fairs are comprised of human beings, of specific characteristics, whether individual or collective, of subjects conditioned to sentiments, that is, of human being who also seek quality of life. Furthermore, free fairs are maintained by men and women who are marked by their social, rural, and urban contexts, playing the role of agriculture workers. Therefore, the research problem emerges from the following questions: what are the conceptions and work conditions that free fairs present in Santa Maria/RS? Is there equality and equity between women and men when one talks about free fairs? Which facts may explain the quality of life of Family agriculture works that act as marketers in free fairs? Which domains of quality of life prevail among marketers? In order to provide answers to the questions, the main objectives of this research are: i) to analyze the quality of life of family agriculture workers that act on free fair in Santa Maria; ii) to verify if there is equity between man and women that work as marketers; iii) to verify and describe the work condition perceptions in according to the perspective of marketers and which life quality domains prevails among the agents of this study. From the main objectives, specific objectives arise: i) to collect data about the prevailing profile of agriculture workers who participate in free fair in Santa Maria/RS; ii) to verify the rural female context and if there is equity between men and women; iii) to identify work conditions and how they interfere within the work of free fair marketers; iv) to identify which physical and psychological domains are more compromised from what was presented by marketers in relation to their quality of life. To answer the research problem from the general and specific objectives, a quali-quantitative methodology was chosen: quantitative because of the numeric character about conditions and perceptions of free fair marketers upon their work conditions and quality of life, through an interview script composed of single choice and multiple-choice questions. The qualitative nature of research functions to interpret the answers provided by the agents of the research, using WHO's instrument – WHOQOL-BREF – in which approaches domains that serve this research. 90 marketers were the agents of this study who work in many free fairs in Santa Maria – RS. The results approach more than just aspects related to quality of life, the results intertwine stories of life that show the overcoming of agriculture workers that seek, through free fairs, a way of commercialization their products. Family groups of small agriculture workers that sell their products, that share their stories and wisdom, inherited from older generations, provide more than food, they exchange knowledge. Despite the difficulties, free fair marketers classify their quality-of-life aspects as positive, being the main interference factor the work conditions and the lack of conditions within the workplace. However, factors as Family groups, religion and satisfaction with the professions are constant questions among free fair marketers.

**Keywords:** Free fairs, quality of life, work conditions, women, and family agriculture.

## **LISTA DE FIGURAS**

### **Artigo 1**

FIGURA 1 – Síntese da Estrutura da Tese.....	32
----------------------------------------------	----

## **LISTA DE TABELAS**

### **Artigo 2**

TABELA 1 – Perfil das entrevistadas.....	62
------------------------------------------	----

### **Artigo 4**

TABELA 1 – Qualidade de Vida Global dos Feirantes por Gênero (n=90).....	100
--------------------------------------------------------------------------	-----

## **LISTA DE QUADROS**

### **Artigo 1**

QUADRO 1 – Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.....	44
---------------------------------------------------------------------------------------------------	----

### **Artigo 4**

QUADRO 1 – Componentes essenciais da qualidade de vida.....	94
QUADRO 2 – Domínios e facetas do WHOQOL-BREF.....	96

## **LISTA DE GRÁFICOS**

### **Artigo 4**

GRÁFICO 1 – Síntese das variáveis dos domínios.....	106
-----------------------------------------------------	-----



## **LISTA DE SIGLAS**

BEP	Bem-estar Psicológico
BES	Bem-estar Subjetivo
CLT	Consolidação das leis do trabalho
DAP	Declaração de Aptidão ao Pronaf
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PMSM	Prefeitura Municipal de Santa Maria
QV	Qualidade de Vida
QVT	Qualidade de Vida no Trabalho
RS	Rio Grande do Sul
SMDR	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
WHOQOL	World Health Organization Quality of Life

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	29
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA .....	32
1.2	OBJETIVOS .....	33
1.2.1	Objetivo geral .....	33
1.2.2	Objetivos específicos .....	33
1.3	JUSTIFICATIVA .....	33
1.4	ESTRUTURA DA TESE .....	34
<b>2</b>	<b>ARTIGO 1 – ENTRE O CAMPO E A CIDADE: AS FEIRAS LIVRES</b> .....	37
<b>3</b>	<b>ARTIGO 2 — CONTEXTO RURAL FEMININO: AS DIVERSIDADES E SINGULARIDADES NAS FEIRAS LIVRES DA CIDADE DE SANTA MARIA–RS</b> .....	56
<b>4</b>	<b>ARTIGO 3 — AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS FEIRANTES: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E EMOÇÕES DOS AGRICULTORES DAS FEIRAS LIVRES DE SANTA MARIA</b> .....	74
<b>5</b>	<b>ARTIGO 4 — QUALIDADE DE VIDA DOS FEIRANTES DA CIDADE DE SANTA MARIA–RS COM A UTILIZAÇÃO DO METÓDO WHOQOL - BREF89</b>	
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	112
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	116
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>	118
	<b>ANEXO A – QUESTIONÁRIO</b> .....	121

## 1 INTRODUÇÃO

*Ela [feira] muda, mesmo que seja por algumas horas, toda a dinâmica da cidade em face da movimentação de pessoas que se deslocam, seja de suas residências na cidade, de uma comunidade rural próxima à cidade, de outro município e, também, de outros estados, dependendo dos raios de abrangência da feira (DANTAS, 2008, p. 92).*

Este estudo tem como propósito investigar os processos cotidianos que organizam o trabalho nas feiras livres e como essas funções afetam a qualidade de vida dos feirantes. Diversas são as concepções sobre o que é uma “organização”. Como destaca Morgan (1996), há diversas imagens metafóricas para apresentar tais concepções: da máquina (tayloriana ou fordista), do cérebro (cibernética), de prisões psíquicas (psicanálise) ou até de sistemas governamentais (política), podendo variar em suas múltiplas atribuições.

A concepção que se adota para este trabalho é devedora de uma literatura que compreende as pessoas em interações simbólicas como construtoras dos processos administrativos. Tais interações são necessárias para situar seus lugares, suas regras<sup>1</sup>, seus valores, suas crenças e suas metas, os quais são definidos de um modo autônomo ou heterônomo. Ainda, parte-se do pressuposto de que tais processos encontram sua racionalidade interna e singular nos métodos práticos, criados, apropriados e partilhados pelas pessoas envolvidas, fazendo das feiras livres, no caso, realidades organizadas (SATO, 2012).

Muitas sensações emanam das feiras livres por meio de cheiros, cores e sons. Os diversos temperos, frutas, pães e flores distribuídos no local estimulam sentidos e, a depender dos horários, já anunciam as boas oportunidades ali comercializadas, as quais capturam o foco de atenção de indivíduos pela diversidade de sabores, formas e texturas. Mesmo que o produto possa parecer o foco de atenção da realidade organizada de uma feira, é o feirante e o processo de seu trabalho, de sua história e de sua identidade que fazem nascer produtos e, no processo de venda, criam laços com seus clientes.

Esses laços não apresentam, de forma explícita, as condições de vida dos feirantes. Eles desenvolvem suas atividades em circunstâncias de trabalho que os tornam vulneráveis a impactos sociais, econômicos, psicológicos e físicos, inerentes à atividade informal que

---

<sup>1</sup> As regras de funcionamento da feira focalizada neste estudo estão estabelecidas no Decreto Municipal nº 094/2013 da Prefeitura Municipal de Santa Maria – RS.

desempenham. As feiras livres, em geral, apresentam problemas como saneamento deficiente, falta de estrutura física adequada (no que se refere à dimensão espacial e a equipamentos de uso coletivo), comercialização de produtos sem diferenciais competitivos, falta de segurança, entre outros aspectos que incidem diretamente na qualidade de vida do feirante.

Acrescentam-se ainda, como agravante, típicas situações – como extensas horas de trabalho, acúmulo de tarefas, exposição a condições ambientais adversas, tempo reduzido ou ausência para o lazer, entre outros fatores –, as quais podem afetar (in)diretamente o trabalho dos feirantes e, conseqüentemente, sua qualidade de vida.

A qualidade de vida é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (OMS, 2002) e pelo The WHOQOL Group (1998)<sup>2</sup> como a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais o indivíduo vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Essa percepção relaciona-se ao grau de satisfação em todos os aspectos da vida: amoroso, familiar, social, ambiental, religioso e a própria estética existencial, abrangendo seus múltiplos significados e dimensões, relacionados à individualidade ou à coletividade.

O universo de conhecimento sobre qualidade de vida expressa-se como uma área multidisciplinar, a qual engloba conceitos que permeiam a vida das pessoas como um todo. Nessa perspectiva, lida-se com inúmeros elementos do cotidiano do ser humano, considerando desde sua percepção e sua expectativa subjetivas sobre a vida até questões mais deterministas, como o agir em sociedade (FLECK et al., 1999).

A qualidade de vida é um tema de expressiva importância acadêmica – daí os múltiplos enfoques e metodologias que vêm sendo desenvolvidos e adaptados por diversos autores. Este projeto de tese não tem a intenção de esgotar o assunto, devido, por um lado, à importância da temática e, por outro, à carência de estudos a respeito do tema, frente à agricultura familiar, às feiras livres e o contexto feminino rural nas feiras livres.

Ao se falar sobre a atuação feminina no contexto rural, especialmente mulheres que ocupam cargos de trabalho em feiras livres, existe a diferenciação entre o que é urbano e o que é rural, pois tais domínios são espaços sócio geograficamente particulares, que se constituem de conteúdos e relações distintas. Siliprandi (2004) estudiosa sobre Ecofeminismo, cuja tese de doutorado fornece voz à mulheres inseridas no domínio do agronegócio com objetivo de se tornarem sujeitos políticos em igualdade e equidade, fornece uma definição de espaço rural em

---

<sup>2</sup> Grupo de qualidade de vida da OMS, formado por especialistas de várias partes do mundo.

contraste com o urbano, ao passo que problematiza o conceito dado pelo IBGE que apenas caracteriza como um espaço produtor de alimentos.

Siliprandi (2004) considera um espaço rural aquele medido pelo seu número de habitantes, densidade demográfica e as relações com as cidades mais próximas. Contudo, ela adiciona que é necessária a construção de uma sociologia rural, já que, após denso estudo sobre esse contexto, questiona a perspectiva de que a ruralidade é constantemente estudada por meio da epistemologia do urbano, já que ambos os espaços possuem constituições, conteúdos e relações, ou seja, uma história marcadamente distinta daquela do espaço urbano.

Nessa constituição social distinta, entra-se, ainda, na atividade de feiras livres, espaços públicos que funcionam partir da lógica da produção, compra e venda, regidos pela dinâmica historicamente marcada pelo espaço onde tais relações existem (SERVILHA e DOUGLA, 2009). Há aqui, então, uma dupla camada de discurso a ser desvendada para que se exerça a pesquisa da mulher como sujeito político em feiras livres: a lógica do espaço rural e a lógica do espaço de produção, compra e venda. Assim pretende-se buscar informações mais específicas de quem são essas mulheres, conhecer suas histórias, que lugares ocupam neste contexto marcadamente masculino (SILVA, 2001).

Mais do que trazer respostas, esta pesquisa visa elencar os elementos que permitem enriquecer o debate sobre o cenário de qualidade de vida dos agricultores familiares. Para tanto, o trabalho está fundamentado em enfoques que buscam a produção de conhecimentos em uma perspectiva sistêmica e multidisciplinar. O estudo enfoca os fatores relacionados ao trabalho e às suas contribuições para a qualidade de vida de feirantes que atuam na feira livre da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul (RS), por entender que as condições de trabalho podem tornar os feirantes vulneráveis a impactos físicos, psicológicos, econômicos e sociais, podendo constituir riscos à saúde deles.

Portanto, no intuito de promover e colaborar com a qualidade de vida dos agricultores familiares, em especial dos que participam de feiras livres na cidade de Santa Maria – RS, os esforços desta pesquisa serão na direção de aprofundar as compreensões das inúmeras variáveis que podem incidir na qualidade de vida desses atores.

O vasto campo do trabalho de pesquisa foi se confirmando a cada ida à feira, em visitas que se iniciaram em novembro de 2020. Em cada encontro com os produtores rurais, foram apreendidas muitas informações, percebidos vários cheiros, cores e sons, além de serem despertados sentimentos e emoções. Visualmente, o cenário é permeado não só pela diversidade de produtos, cheiros e sabores, mas também, e principalmente, pelos relacionamentos que ali se concentram. Mesmo antes do raiar do sol, em dias frios ou quentes, é possível escutar e

encantar-se com as conversas dos feirantes entre os barulhos dos ferros das barracas sendo montadas, quando fica evidente o relacionamento entre os produtores, que, em um primeiro olhar, parece ser uma relação de simples concorrência.

A feira é aberta a todos, oportunizando muitas possibilidades para ser analisada e pesquisada nas mais diferentes dimensões. Ao mesmo tempo em que se tem a facilidade para acessar, surgem as inquietações de estudo: definir quais variáveis analisar, quais feirantes priorizar, o que ouvir, o que perguntar. Essas inquietações remetem à declaração de Bosi (1988, p. 67):

[...] o mundo se dá ao olho humano. Os olhos recebem passivamente, com os prazeres e desprazeres, contanto que estejam abertos, verdadeiras sarabandas de figuras, formas, cores, nuvens de átomos luminosos que se ofertam, em danças e volteios vertiginosos, aos sentidos do homem. E o efeito desse encontro deslumbrante pode ter um nome: conhecimento.

Nesse processo, todos os sentidos são estimulados principalmente pelas conversas entre os produtores rurais, buscando trocar informações e até mesmo mercadorias negociadas na semana anterior. Onde os caminhões, caminhonetes e carros são descarregados, a organização das feiras livres no espaço público começa a tomar forma. Feira livre, conforme destaca Sato (2012), é um espaço onde qualquer pessoa pode ir para trabalhar, comprar, mendigar e especialmente pesquisar. Diferentemente de outras organizações em que, pela sua estrutura, é necessário passar por processos que autorizem a entrada, as feiras livres não têm barreiras, nem muros, nem portões, nem níveis hierárquicos.

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Herculano (2000) propõe que a qualidade de vida seja definida como a soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para que estes possam realizar suas potencialidades. Forattini (1991), resumindo, afirma que a qualidade de vida, em sua essência, pode ser reproduzida pela satisfação em viver.

Tendo isso em vista, o presente projeto apresenta as seguintes problemáticas de pesquisa: **Quais são as concepções e condições de trabalho que apresentam as feiras livres na cidade de Santa Maria- RS? Há, de fato, igualdade e equidade entre mulheres e homens quando se fala em feiras livres? Quais fatores podem explicar a qualidade de vida dos**

## **agricultores familiares que atuam como feirantes? Quais domínios da qualidade de vida predominam na qualidade dos feirantes?**

### **1.2 OBJETIVOS**

#### **1.2.1 Objetivo geral**

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a qualidade de vida dos agricultores familiares que atuam em feiras livres na cidade de Santa Maria – RS, com ênfase nas condições de trabalho e quais domínios da qualidade de vida estão mais presentes nos atores de estudo.

#### **1.2.2 Objetivos específicos**

Os objetivos específicos são:

- Levantar qual o perfil predominante dos agricultores participantes das feiras livres na cidade;
- Verificar qual o contexto rural feminino e se há equidade entre homens e mulheres feirantes;
- Identificar as condições de trabalho e como eles exercem a profissão de feirantes nas feiras livres da cidade;
- Identificar quais são os domínios físicos e psicológicos mais comprometidos a partir do que for apresentado pelos feirantes em relação a sua qualidade de vida;

### **1.3 JUSTIFICATIVA**

Discutir o que é qualidade de vida no Brasil, sobretudo no contexto rural, parece inconveniente, pois trata-se de um país onde a desigualdade social está disseminada. Utilizando a analogia feita por Herculano (2000), só se pode discutir a qualidade do feijão depois de se garantir que haja feijão, ainda que duro ou queimado. No entanto, essas afirmações são muito subjetivas quando se leva em consideração o conhecimento, as características e as necessidades individuais, bem como a diversidade cultural e social da população e em especial da população rural, alvo deste estudo.

Assim, para enfrentar esse desafio de melhorar a qualidade de vida da população rural, evitando o êxodo e as desigualdades sociais, a alternativa é aperfeiçoar continuamente os serviços prestados através de políticas públicas adequadas. Para tanto, é imprescindível

identificar quais os fatores que podem explicar a qualidade de vida dos agricultores familiares no intuito de traçar estratégias capazes de alavancar sua permanência no campo.

A qualidade de vida tem sido preocupação constante do ser humano desde o início de sua existência, e, atualmente, constitui um compromisso pessoal a busca contínua por uma vida saudável.

Assim, percebem-se os inúmeros esforços na tentativa de elucidar esse campo de conhecimento. Definir qualidade de vida como uma forma humana de percepção do próprio existir, a partir de esferas objetivas e subjetivas, é um desses esforços. Porém, para uma compreensão adequada, é preciso que não haja reducionismo acerca desse tema, pois o que se percebe são inter-relações constantes entre os elementos que compõem esse universo. Para melhor entender a área de conhecimento em qualidade de vida, é necessário adotar uma perspectiva ou um paradigma complexo de mundo, pois expressa-se na relação entre o Homem, a Natureza e o Ambiente que o cerca (BARBOSA, 2008).

#### 1.4 ESTRUTURA DA TESE

Esta tese desenvolve-se em 6 capítulos. No primeiro capítulo da fase introdutória, onde são expostas as motivações iniciais para o estudo, a problemática em questão, os objetivos (geral e específicos) e a justificativa. De posse da contextualização do tema e da estrutura da tese, os próximos capítulos estruturam-se em formato de artigo, contendo cada um seu resumo, sua introdução, referencial teórico, metodologia, análise e discussão dos resultados, considerações finais e referencial bibliográfico.

Compõe o segundo capítulo, o artigo: Entre o Campo e a Cidade – as feiras livres, um estudo bibliográfico, utilizando as principais fontes de pesquisas acadêmicas, dando ênfase ao contexto e origem das feiras livres, sua ligação entre o campo e a cidade, com base nos referenciais teóricos pesquisados.

No capítulo três (3) faz-se uma análise do contexto feminino rural e sua participação nas feiras livres da cidade de Santa Maria – RS, buscando verificar se existe uma equidade entre os gêneros que atuam e comercializam seus produtos nas feiras livres em estudo. O capítulo quarto (4) é um estudo acerca das condições de trabalho dos feirantes, um estudo caráter qualitativo, pautando-se em entrevistas em profundidade com trabalhadores rurais que atuam nas feiras livres da cidade de Santa Maria – RS, no total de 18 feirantes (homens e mulheres) que descrevem suas percepções, emoções e sentimentos com relação à profissão e as condições de trabalho.



Já os próximos capítulo cinco (5), encontram-se as análises da qualidade de vida frente a utilização do instrumento de pesquisa WHOQOL – Bref, optou-se por dividir os domínios propostos pelo instrumento, no intuito de fazer uma análise mais detalhada de cada eixo, sendo a amostragem igual para todos os domínios. Assim o artigo quatro, aborda os domínios elencados pelo instrumento de pesquisa WHOQOL – bref. E por fim, no último capítulo da tese o capítulo seis (6) encontra-se as considerações finais de todos os estudos realizados, com ênfase nos objetivos propostos, suas limitações e propostas para estudos futuros. Por fim, nos apêndices podem ser encontrados os instrumentos utilizados na pesquisa, o termo de livre e esclarecimento e o termo de confidencialidade.

A Figura 1 sintetiza os objetivos dos estudos, fontes e amostras e seus procedimentos de análise utilizados em cada artigo.

Figura 1 – Síntese da estrutura da tese

Objetivos	Estudos / Fonte / Amostra		Análise		
Objetivo Geral - Analisar a qualidade de vida dos agricultores familiares que atuam em feiras livres na cidade de Santa Maria – RS, verificar se há equidade entre homens e mulheres que exercem o trabalho de feirantes, verificar e descrever as percepções das condições de trabalho segundo a ótica dos feirantes e quais domínios da qualidade de vida são mais presentes nos atores do estudo.	1	Levantar qual o perfil predominante dos agricultores participantes das feiras livres na cidade	Bibliográfico / descritivo	Google Acadêmico, Scopus, Web of Science, Scielo, Periódico Capes, Domínio Público e Pesquisa com 90 feirantes da Cidade de Santa Maria- RS	Leitura, Seleção, Sumarização, Conceituação e caracterização do perfil
	2	Verificar qual o contexto rural feminino e se há equidade entre homens e mulheres feirantes	Qualitativo	7 (sete) mulheres que estão inseridas no contexto rural, que exercem atividades econômicas em conjunto com seus afazeres domésticos e que atuam em conjunto ou sozinhas nas feiras livres de Santa Maria – RS ou Região.	Leitura, Seleção, Sumarização, Conceituação e caracterização do perfil
	3	Identificar as condições de trabalho e como eles exercem a profissão de feirantes nas feiras livres da cidade	Qualitativo	18 (dezoito) feirantes que foram convidados a integrar o estudo, o qual constitui-se em entrevista marcadas com agendamento com cada um dos participantes	O estudo tem caráter qualitativo, pautando-se em entrevistas em profundidade, conforme roteiro pré-estabelecido.
	4	Identificar quais são os domínios físicos e psicológicos mais comprometidos a partir do que for apresentado pelos feirantes em relação a sua qualidade de vida	Qualitativo	90 (noventa) feirantes que aceitam em responder o formulário de pesquisa WHOQOL-Bref, que atuam nas feiras livres da cidade de Santa Maria – RS.	WHOQOL-BREF (WHOQOL-100), instrumento desenvolvido por um grupo de pesquisadores de qualidade de vida, conduzido pela OMS. Utiliza análise quantitativa, descritiva e correlação.

Fonte: Elaborada pelo autor.

## 2 ARTIGO 1 – ENTRE O CAMPO E A CIDADE: AS FEIRAS LIVRES

**Resumo:** As feiras livres são espaços importantes para a comercialização dos produtos da agricultura familiar. Além dos aspectos econômicos envolvidos neste processo, fica evidente que também são espaços de socialização, de identidades regionais e culturais, onde podem até envolver aspectos e articulações políticas, envolvendo a participação de associações, sindicatos e órgãos públicos. Na cidade de Santa Maria – RS, as feiras livres são regidas pelo Decreto Municipal n. 62 de 24 de março de 2020, que define os processos e horários de funcionamento. Foram analisados 15 locais que ocorrem feiras livres na cidade, que juntas totalizam mais de 70 bancas, das quais 74 feirantes possuem cadastro ativo junto a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural (SMDR). Nestes locais, há movimentação de produtos, pessoas, informações e cultura, numa dinâmica muito peculiar, que se misturam com a paisagem local, onde apresentam suas cores e seus aromas e principalmente suas características pessoais. Conclui-se que as feiras livres da cidade de Santa Maria – RS, possui uma heterogeneidade no que tange ao perfil dos participantes, porém suas motivações, valores e emoções em ser feirantes são comuns. Os dados demonstram que a participação dos feirantes é contínua durante a semana e que a principal fonte de renda vem das participações nas feiras e que muitas famílias se dividem no mesmo dia em locais diferentes, para terem uma maior ampliação de vendas e comercialização de seus produtos. Mudanças estratégicas com o passar do tempo foram necessárias para atender aos novos comportamentos e novas tendências. Além disso os quesitos de infraestrutura e condições de trabalho foram os aspectos mais reivindicados.

**Palavras- Chave:** Feira, origem e perfil dos feirantes.

**Abstract:** The street markets are important spaces for commercializing family farming products. In addition to the economic aspects involved in this process, it is evident that they are also spaces for socialization, of regional and cultural identities, where they may even involve political aspects and articulations, involving the participation of associations, unions and public agencies. In the city of Santa Maria – RS, the street markets are conducted by the Municipal Decree n. 62 of March 24, 2020, which defines the processes and hours of operation. 15 places that host street markets in the city were analyzed, street markets which together total more than 70 market stalls, of which 74 marketers have an active registration with the Municipal Secretary of Rural Development (SMDR). In these places, there is a movement of products, people, information and culture, in a very peculiar dynamic, which blend with the local landscape, where they present their colors and aromas and especially their personal characteristics. In conclusion, the street markets of Santa Maria – RS have a heterogeneity regarding the profile of the participants, but their motivations, values and emotions in being marketers are common. The data demonstrate that the participation of the marketers is continuous during the week and that the main source of income comes from the participation in the street markets and that many families are divided on the same day in different places, to have a greater expansion of sales and commercialization of their products. Strategic changes over time were necessary to meet new behaviors and new tendencies. In addition, infrastructure and working conditions were the most claimed aspects.

**Keywords:** Street Market, Origin, Marketers' profile.

### 1 Introdução

Canto meu verso para o velho agricultor. Reconhecendo seu valor por sua forma de plantar. Ela agora já tem seu rosto enrugado. Seu andar modificado mas não pára de lutar. A sua enxada é sua arma mais potente. Agricultor, cabra valente, homem da mão calejada. O cansaço é invisível no seu rosto. Ele tá sempre disposto e não teme qualquer jornada.  
Luis Wilson (O velho Agricultor)

Lucena e Cruz (2011) classificam as feiras livres como cidades de um só dia, aprendizados para a vida inteira é expressão desse modo de ser da ciência acadêmica. É na feira

que a relação campo cidade renasce e relembra que um ambiente sempre dependeu e esteve interligado ao outro.

Apesar de serem espaços distintos, o campo e a cidade são necessários um para o outro. É no campo que são feitos os produtos denominados primários, e a cidade é onde esses produtos são comercializados. Assim, entende-se que um espaço é diretamente dependente do outro, e entre eles estabelece-se uma relação de colaboração mútua. Nas palavras de Guimarães (1992), as cidades podem ser vistas como uma extensão do domínio do campo; a agricultura, como atividade dominante, fez com que o campo fosse o senhor das cidades.

Partindo dessa ótica, compreende-se não só a importância do campo para as cidades, mas também a importância do campo perante a cidade em épocas passadas. Isso poderia explicar os papéis dos coronéis que viviam em suas fazendas na zona rural e só iam à cidade para fins políticos, religiosos, sociais ou comerciais. Destaca-se que as feiras livres serviam de cenário para muitos desses acontecimentos. Com o crescimento inerente das cidades e com o avanço do capitalismo, o campo passou a ser considerado sinônimo de atraso, algo que estava preso a um passado que não condizia mais com as novas formas de mercado (KAY; EDWARDS; DUFFY, 2014).

Para Arbage (2012), o campo estava imbuído de uma lógica feudal que o novo modo de produção empenhava-se em extinguir, pois as estruturas feudais eram incompatíveis com o desenvolvimento capitalista. Além disso, as relações solidificadas durante os séculos já não mais condizem com as necessidades dessa nova sociedade que emergia. Com o avanço contínuo do capitalismo, a ideia do campo como local importante e superior às cidades foi se dissipando. Aos poucos, o campo deixou de ser tão valorizado, e as pessoas começaram a priorizar o novo, percebendo o moderno como a melhor opção.

Porém, em meio a essas circunstâncias, as feiras livres, cenários de encontro entre o campo e a cidade, resistiram e fazem-se presentes até os dias atuais. É na feira que a relação campo-cidade renasce, lembrando que um ambiente sempre dependeu do outro e a ele esteve interligado. Mesmo sendo encontradas em muitas regiões, as feiras têm especial importância tanto para o agricultor (campo) quanto para os consumidores ou intermediários (cidade).

As feiras livres são espaços de extrema importância para a comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar, onde apresentam além dos aspectos comerciais, um espaço de socialização, identidade regional e cultural, relações de pertencimento e que também envolvem aspectos econômicos na renda dos agricultores familiares que participam direta ou indiretamente nas feiras livres.

Além disso, a grande quantidade de estudos sobre as feiras livres no Brasil deriva-se sua imensa relevância, como destaca Carmo (1994) que nos anos de 1990, 51% das famílias urbanas compravam em feiras livres. Ou como observou Ribeiro (2007) mostrando que no ano de 2005 mais de 70% das famílias urbanas de inúmeros municípios adquiriam seus produtos em feiras. No ano de 2015, a pesquisa realizada por Freitas (2015) apontava que aproximadamente 11% do abastecimento metropolitanos de frutas era oriundo das feiras e 24% do abastecimento nas pequenas cidades.

As feiras são essenciais para os produtores, pois geram rendas em vendas diretas, reduzindo custos de comercialização e estimulando a interação entre produtores e vendedores. As feiras do Produtor familiar, Feiras Livres, ou Feira da Agricultura Familiar – existem diversas variações no nome e são eventos que possibilitam trocas de conhecimento, contatos e o principal, a negociação. A maior porcentagem dos feirantes e agricultores formam barracas para comercialização de produtos agrícolas que podem ser in natura (hortaliças, legumes) até processados (doces de frutas, geleias, queijos, entre outros).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo identificar as principais feiras livres que acontecem na cidade de Santa Maria – RS e verificar suas periodicidades e características sociais e estruturais das feiras localizadas na cidade. Assim, pretende-se conhecer e descrever as dinâmicas de funcionamento das feiras livres existentes e cadastradas na cidade de Santa Maria-RS.

## **2 Revisão da literatura**

### **2.1 As feiras e suas origens e concepções**

A feira livre é uma das mais antigas e tradicionais formas de comércio e exposição de produtos; é um espaço com diferentes interações entre os sujeitos em suas diversas formas de se relacionar com a produção. Esse espaço caracteriza-se pelas trocas de mercadorias e de saberes produtivos, compartilhados por diferentes pessoas que nele circulam com o objetivo de suprir as necessidades básicas. Com a decadência do sistema feudal, essa forma de comércio ganhou destaque graças ao desenvolvimento da atividade agrária, que logo se tornou uma fonte de renda, expandiu-se e adquiriu importância econômica (RICOTTO, 2002).

Para Sato (2012, p. 99), “a feira livre é baseada em acordos e negociações, em cooperação e competição e na execução de regras tácitas”. A autora ainda acrescenta que:

[...] a proximidade geográfica possibilita o estabelecimento de acordos entre vizinhos de banca. Entre si constroem regras de convivência específica, em geral válidas apenas para os feirantes que as definem, sendo impraticável qualquer tentativa de generalização. Elas englobam desde a definição de horários de montagem e desmontagem das bancas até a faixa de preços praticados [...] (SATO, 2012, p. 99).

A palavra “feira” é originária do latim *feria*, que significa “dia de festa” (FERREIRA, 1999). Em português, quer dizer lugar público, muitas vezes descoberto, onde se expõem ou se vendem mercadorias. É também lugar de encontro e conversa. Atualmente, longe de serem grandes centros comerciais, as feiras são locais de pequeno comércio, onde as pessoas vão adquirir produtos necessários à subsistência (FERREIRA, 1999).

A promoção e a realização de feiras livres não são formas novas de distribuição de alimentos. O seu estabelecimento remonta ao período da Antiguidade, com os gregos e romanos, e até mesmo ao povo asteca. Porém, foi a oficialização das feiras na revolução comercial do século XI, durante a Idade Média, que causou sua maior visibilidade e uma melhor organização (ALMEIDA, 2009).

A função primária das feiras, pelo menos na Idade Média, era funcionarem como uma forma de suprir a população de alimentos de necessidades primárias. Isso demonstra que as feiras, sejam quais forem suas formas, surgem a partir do momento em que a humanidade começa a viver em conjunto, como em povoados, vilas e, conseqüentemente, cidades (GONÇALVES; ABDALA, 2013).

Com o desenvolvimento de técnicas agrícolas nos feudos e a maior aproximação entre locais geograficamente distantes, as feiras começaram a se proliferar e acabaram criando um excedente de produtos (REIS; VIEIRA, 2011). Dessas novas configurações comerciais, Weber (1979) afirma que o aparecimento de cidades, cuja configuração é similar à atual, pode ter como uma das possíveis causas a própria feira livre, porque foi por meio delas que houve abertura de estradas para transporte dos produtos entre um povoado e outro e, também, fortalecimento da comunicação interpessoal. Gonçalves e Abdala (2013), ao relatar a história das feiras, mencionam que estas configuram-se como espaços de troca de bens e serviços e informação, permitindo a conjunção de mercadores de diversas partes da Europa Ocidental e, conseqüentemente, consolidando uma forma de comércio terrestre e mercado oriental.

## 2.2 O surgimento das feiras no Brasil e no estado do Rio Grande do Sul

Já no território brasileiro, as feiras livres surgiram no período colonial, fruto de práticas de comércio trazidas pelos colonizadores portugueses. A partir disso, Matos (2010) acredita que a chegada da organização da feira e de seu forte fluxo comercial e comunicacional, desde os séculos XVII e XVIII, contribuiu com o crescimento populacional e a descoberta de novas terras, pois seu funcionamento requer plantação e produção de produtos primários, e as feiras também serviam como centros de compra e venda para a manutenção de vilas e povoados, podendo ainda chegar até localidades interioranas do território brasileiro.

Em relação ao Rio Grande do Sul, as feiras livres surgiram como parte da solução de um problema de escassez de alimentos. Urbim (1999) relata que o povo gaúcho não conseguia fazer com que alimentos básicos fossem postos à mesa, pois não havia empregos e, conseqüentemente, dinheiro para comprá-los. Logo, o intendente da cidade de Porto Alegre – RS, Otávio Rocha, criou uma comissão para solucionar o problema de carestia do Estado a partir de um sistema que pudesse oferecer ao povo alimentos mais acessíveis em termos de preço. O capitão Francisco Coelho, o capitão Maximiliano Schneider e o doutor Ricardo Cauduro, integrantes da comissão, chegaram à solução: a implementação de feiras livres.

A primeira feira livre do Estado do Rio Grande do Sul foi inaugurada no dia 18 de março de 1925, “em um terreno na esquina da Rua São Pedro com a Avenida Bahia, no coração do arrabalde São João” (URBIM, 1999, p. 381). Na ocasião, o governo gaúcho colocou uma banda de operários para entretenimento da cerimônia, cujo local foi coberto por uma lona impermeável que abrigava diversas bandas com ofertas diárias. Urbim (1999) ainda complementa afirmando que os primeiros inscritos na feira foram Jorge Abrahão e a Escola de Engenharia. O primeiro vendia, a preços mais acessíveis, feijão, farinha de mandioca, milho, batata, charque, toucinho, peixe seco, farinha de trigo, sal, banha e lentilha. Já a Escola de Engenharia vendia linguiça, carne de porco, banha, feijão miúdo, galinhas, ovos, perus, patos, pão misto e sementes de vários cereais.

O sucesso das primeiras feiras foi tanto que diversos gaúchos que moravam relativamente longe de Porto Alegre viajaram à cidade para adquirir produtos vendidos por preços mais compensadores. A movimentação logo cresceu, e, em cada feira livre, que ocorria uma vez por semana, era garantido um movimento financeiro a seus participantes. A ideia foi até adotada pela cidade de Pelotas – RS em 21 de maio, para solucionar o mesmo problema de Porto Alegre (URBIM, 1999).

### 2.3 As feiras nos espaços urbanos

Decorrido quase um século desde as oficializações das feiras livres, vivenciaram-se mudanças contínuas em seu longo processo de urbanização. O comércio varejista de gêneros alimentícios sofreu mudanças bastante significativas com a forte entrada de super e de hipermercados, além da mudança de estilo de vida da população, mas, mesmo nesse contexto, dados mais recentes do Censo Agropecuário demonstram um forte crescimento de feiras por todas as regiões do Brasil (SATO, 2012).

Tomando como base o estudo de DaMatta (1997), a feira é um desses espaços que unificam os mundos do campo, da casa e da rua. Como espaço, ela tem regras e sistemas de valores próprios e apresenta-se como um ambiente ambíguo, localizado no limite entre esses três mundos, caracterizando-se pela fluidez da rua. Contudo, permanece a familiaridade e a domesticidade das relações do mundo da casa.

No Brasil, as feiras livres existem desde os tempos da colonização. Apesar da modernidade, elas resistem, sendo, em muitas cidades do interior do país, o único local de comércio da população, funcionando também como centros de educação, cultura e entretenimento (FORMAN, 1979). “As feiras constituíam uma inovação que era desconhecida da população” (MOTT, 1976, p. 82).

O mesmo autor (1976) pontua que, nos dias atuais, mesmo com a presença maciça da modernidade, nesses lugares, principalmente nas cidades do interior do país, ainda são desenvolvidas as forças produtivas e as atividades econômicas, educacionais, culturais e de entretenimento. Vale ressaltar que esse é o único local de comércio para a população. Segundo Neves (2002, p. 186), “a feira livre constitui-se um espaço privilegiado onde são vivenciados, exercitados e atualizados os elementos que compõem este modo de ser, inconfundível no seu falar característico, no gestual e no trajar próprio, bem como, nos seus hábitos tradicionais de consumo, estabelecendo aí uma espécie de território da cultura rural.

Feiras livres são componentes essenciais na vida de municípios rurais e dos agricultores que os abastecem. Têm, sempre, características marcadamente locais, associadas à cultura e às tradições dessas comunidades. Os feirantes ocupam espaços bastante reservados para suas trocas periódicas, que não são regulados somente pelas normas que vigoram nos grandes mercados, mas pautados pela particularidade, pela solidariedade, pela informalidade que resultam da sedimentação histórica dessas relações locais (RIBEIRO, 2007, p. 57).

Certamente, hoje, a posição da feira livre no comércio varejista de alimentos *in natura* é diferente comparada com a que ocupava no início e em meados do século XX. Diversos



vetores poderiam ser tomados para compreender a posição da feira livre no espaço urbano e no mercado de trabalho, tais como as mudanças dos hábitos de vida, a mudança na vida econômica e produtiva e os crescimentos urbanos e populacionais, entre muitos outros (SANTOS et al, 2004).

Pode-se perceber um dos fortes vetores, apontado pela teoria do geógrafo Milton Santos<sup>3</sup>, sobre o processo de urbanização nos países subdesenvolvidos amalgama os diversos vetores que poderiam ajudar a compreender o posicionamento da feira livre na metrópole (SATO, 2012). Nesta, a urbanização congrega diversos processos de mudança e toma como ponto central a organização do espaço (atividade econômica e trabalho como papéis relevantes no processo de urbanização).

Assim, as feiras livres, mais que espaços de comércio, são locais que representam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, pois demonstram como funcionam a produção local e a circulação de mercadorias. No Brasil, como em outras sociedades, as feiras são espaços ricos culturalmente. Em geral, afastadas dos setores mais abastados das cidades, elas estão mais próximas das camadas populares nas áreas periféricas e hoje servem mais a essa população. Nesse universo, circulam comerciantes, consumidores e agentes de fiscalização, muitos deles com o papel central de agenciar mudanças de comportamento nos indivíduos, interferindo, dessa forma, na sua cultura e na qualidade de vida.

Uma característica peculiar das feiras livres é a utilização de um espaço, que é alterado com a sua realização e que, após, volta ao arranjo original, havendo, portanto, a necessidade de produzir, semanalmente, um espaço onde as trocas possam ser realizadas. Através da observação sistemática da dinâmica dessas feiras identifica-se uma forte carga de subjetividade que atua como elemento de coesão e que, contribui, fortemente, para a formação de uma identidade comum entre aqueles que as frequentam, feirantes e seus fregueses.

Para Michellon et al (2008), seria justamente essa possibilidade de reprodução social, entre produtor e consumidor, que permite explicar a persistência das feiras-livres em contraponto aos modernos mercados atuais de varejo.

A permanência das feiras e sua sobrevivência ao tempo e ao espaço é fruto não apenas de sua relevância econômica, mas principalmente do ambiente social que representa, como destaca Braudel (2009, p.15) “se este mercado, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias”.

---

<sup>3</sup> Milton Santos descreve os vetores com base no conceito dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos

## 2.4 Território e territorialidades das feiras livres: suas características espaciais e sociais

As feiras livres, enquanto suas concepções de território, apresentam-se como um local amplo, aberto que possibilita sua ocupação por diversos tipos de atividades que se caracterizam pela aglomeração de pessoas que buscam pelos produtos oferecidos pelos feirantes em suas barracas. As feiras livres possuem algumas características particulares, que as distinguem do cotidiano das áreas urbanas da cidade, seja por suas formas de mercados, por suas representações, sua paisagem que se torna ponto de referência e de encontro, ressignificando assim o espaço que ocupa.

Ao estudar os principais elementos da paisagem no âmbito das feiras livre, deve-se partir do pressuposto de que o conceito de paisagem rural, tratado pela geografia, é entendido como uma combinação de construções e objetos, criados em momentos históricos distintos, que coexistem no momento atual (SANTOS, 2008). Em outras palavras, a paisagem está no domínio do visível e é percebida por cada indivíduo de forma diferenciada, se transformando ao longo do tempo, em ritmos diferenciados.

Estudar feiras livres, suas características culturais, sociais e econômicas, requer uma abordagem dos conceitos de território, territorialidade e compreensão das relações de trocas e poderes entre os autores envolvidos, o que proporciona uma imensa reflexão sobre as identidades dos grupos de feirantes e seus demais contextos sociais e culturais. A territorialidade é parte da cultura – entendida como o complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (TYLOR, 1871).

De maneira sintética, é possível descrever as paisagens como tudo aquilo que podemos ouvir, sentir, observar, visualizar ou cheirar em um determinado espaço. Assim, a paisagem cultural das feiras nos permite conceber o território de forma distinta do cotidiano, conforme afirma Claval (1990, p.90) “paisagem pode ser entendida na sua relação com os dinamismos culturais”, corrobora ainda que, a paisagem pode ser também considerada um conjunto de memórias, significados, sentimentos presentes tanto no imaginário individual como no coletivo (CLAVAL, 1990).

Dessa forma Santos et al (2014) afirma que não podemos reduzir as projeções da cultura na paisagem apenas no sentido estético e no campo material, é preciso ponderar as diversas interpretações lançadas sobre ela, seja verbal, sentimental ou visual, que, tanto quanto a estética, são observadas no território.

O domínio rural brasileiro se caracteriza pelos processos históricos e de ocupação territorial que o país passou desde o período colonial. Ele apresenta diferenciações espaciais de acordo com o tipo de uso agrícola e agropecuário que se fez nessas áreas nos diferentes processos socioeconômicos ocorridos nesse espaço impregnado de intencionalidades. Para o entendimento das questões referentes ao espaço rural brasileiro, é preciso levar em consideração alguns conceitos geográficos, que são a base para a compreensão da formação territorial e dos aspectos do domínio rural do país, bem como do entendimento da sua geografia. Assim, a paisagem revela fatores de ordem social, cultural e natural e mostra dinâmicas do passado e do presente, que se acumulam tempos desiguais, já que a paisagem porta mudanças antigas e recentes (CASTROGIOVANNI, 2002).

A estruturação da sociedade se dá por processos históricos, em que diferentes cenários e conjunturas vão moldando a sociedade. Na sociedade rural, isso não é diferente. Nesse setor, em particular, a dinâmica afeta de forma ampla toda a estrutura social. Para verificar isso, basta analisar a história do Brasil, cuja formação econômica tem por base as atividades agropecuárias. Abramovay (1992), o que diferencia este agricultor de um outro comerciante comum é que, caso o mercado não lhe seja adequado, a alimentação da sua família não estará comprometida.

As raízes históricas brasileiras podem ser encontradas no espaço rural e na sua paisagem (HOLANDA, 1978), em que se verificam algumas manifestações culturais da vida social e das práticas das atividades econômicas e produtivas. Na paisagem rural, também é possível observar que há um conjunto de experiências que se acumulam sobre o espaço do campo, com um saber técnico de quem planta, cultiva, colhe, cria animais, explora e conhece a natureza desses lugares.

A vida rural do pequeno produtor acompanha os movimentos da natureza, produzindo sob os ciclos naturais, que têm particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas e que fazem parte da sociedade na qual ele vive (WANDERLEY, 2009). A história e a valorização cultural das paisagens rurais estão relacionadas com as transformações sociais e políticas comandadas pelos interesses urbanos e das industriais, que tiveram como marco histórico a intensa modernização da agricultura e do processo de urbanização.

A teoria do geógrafo Milton Santos<sup>4</sup>, sobre o processo de urbanização nos países subdesenvolvidos, aborda os diversos vetores que poderiam ajudar a compreender o posicionamento das feiras livres no contexto urbano. Nela, a urbanização congrega diversos

---

<sup>4</sup> Livro – O Espaço Dividido – Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. Publicado originalmente em língua francesa, a edição aqui consultada, em português, foi publicada pela Edusp em 2004 em uma primeira edição em português data de 1979, publicada pela Livraria Francisco Alves Editora.

processos de mudanças e toma como central a organização do espaço, como atividade econômica e trabalho são fundamentais no processo de urbanização.

Milton Santos parte da constatação de que as teorias que se propunham a explicar o processo de urbanização nos países subdesenvolvidos, que iniciaram nos anos de 1950, foram construídos a partir de um olhar exterior da realidade dos países, tomando como referências as leituras e a realidade desses países ocidentais. Em sua avaliação, tais teorias não conseguiram alcançar a substância de tais sociedades, restringindo-se apenas a adjetivá-las como cidades propulsoras e cidades parasitárias; cidade pré-industrial; super-urbanização; hiper-urbanização; urbanização primária e urbanização madura; metrópole entre outras (SANTOS, 2008).

Santos et al. (2004), parte da premissa central de “seletividade de espaço”, que opera em torno dos conceitos de “circuitos econômicos”. Tais circuitos constroem-se e singularizam-se em função das diferenças observadas nos âmbitos econômicos e sociais, dos quais decorrem disparidade de situações geográficas e individuais, bem como das pressões por modernização.

Fazem parte do circuito inferior, caracterizado como não moderno, a pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda a espécie. As unidades de produção e de comércio de dimensões reduzidas, que trabalham com pequenas quantidades. O quadro 1 demonstra as diferenças entre os dois circuitos da economia.

**Quadro 1** – Características dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.

	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Capital Intensivo	Trabalho Intensivo
Organização	Burocrática	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzidos	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não obrigatórios
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequena quantidade
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos à discussão entre o comprador e vendedor (haggling)
Crédito	Bancários Institucionais	Pessoal e não institucional
Margem de lucro	Reduzida por unidade, umas importante pelo volume de negócios (exceção produtos luxuosos)	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relação com clientes	Impessoal e/ou com papéis	Diretas personalizadas
Custos fixos	Importantes	Desprezíveis
Publicidade	Necessária	Nula
Reutilização dos bens	Nula	Frequente

Overhead capital	Indispensável	Dispensável
Ajuda governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

Fonte: Santos (2004).

As feiras livres são atividades econômicas que compõem o circuito inferior da economia o qual, ainda segundo Santos (2004), é o elemento central para se compreender a realidade urbana, ao mesmo tempo em que se apresenta como fonte de trabalho, emprego e renda para uma parcela significativa da população. Visando garantir a especificidade das economias urbanas em países subdesenvolvidos, mercados e feiras deveriam ser objetos privilegiados de estudos, pois ocupam importância central para a compreensão do conceito de circuitos inferiores.

Dentre os aspectos importantes das atividades alocadas no circuito inferior, é o fato de que elas, diferentemente das alocadas no circuito superior, garantem a sobrevivência e não a acumulação de capital, dos que nelas trabalham. Essa é uma singularidade importante a ser considerada para o estudo do trabalho e da organização das feiras livres.

Para Mascarenhas e Dolzani (2008) apesar das políticas adversas que tiveram que enfrentar nos últimos 30 anos, ainda hoje, as feiras desempenham um papel relativamente importante no abastecimento urbano. As feiras livres, como espaço de compras, vendas e trocas de mercadorias diversas, reúnem tradicionalmente, diversidades de classes, identidades tradicionais e suas resiliências, bem como ruralidades em meio aos espaços globalizados. Medeiros (2017) da categoria ruralidade como uma construção social contextualizada, com uma natureza reflexiva, ou seja, ela é o resultado de ações dos sujeitos que internalizar e externalizar através dessas ações a sua condição sociocultural presente que é reflexo da condição herdada de seus antepassados. Nesta ruralidade está expressa a capacidade destes sujeitos de se adaptarem às novas condições resultantes das influências externas.

Assim, a teoria dos dois circuitos da economia desenvolvida por Milton Santos, na década de 1970, como uma resposta aos estudos urbanos e econômicos tradicionais que tinham como paradigma a planificação, marcada pela política liberal. Contrariamente ao circuito inferior de economia, acima já citado, o circuito superior de economia descrevem os comerciantes que buscam através do comércio das feiras, unicamente a lucratividade (comerciantes que são proprietários de lojas e que expõem seus produtos em barracas na feira utilizando mão-de-obra contratada; grandes comerciantes de produtos industrializados que adquirem mercadorias em polos industriais nacionais e internacionais para vender em várias

feiras usando, via de regra, o trabalho assalariado ou terceirizado, etc.). Esses comerciantes reproduzem a lógica do modelo hegemônico de produção capitalista e fazem parte na maioria dos casos da classe dominante da sociedade.

Se por um lado as feiras populares podem ser apontadas como formas diversas de sobrevivência, elas configuram, em muitas situações, processos e resistências de (re)produção socioespacial e cultural. Elas são protagonizadas nos espaços municipais do Sul ao Norte, independentemente do local o qual esteja ela inserida, por diversos sujeitos, coletividades sociais que buscam sobreviver de formas diversas, juntamente com as atividades que realizam.

### **3 Metodologia**

Foram identificados 07 locais com venda de produtos coloniais oriundos da agricultura familiar classificados como feiras livres. Estes locais de feira movimentam feirantes de mais de 10 cidades da região. As feiras ocorrem de segunda a sábado e as vendas ocorrem em diferentes pontos da cidade, cada qual com suas particularidades. As feiras são: Feira – Avenida Roraima (UFMS); Feira – Rua Professor Teixeira; Feira – Faixa Avenida Roraima (Bairro Camobi); Feira da Praça Saldanha Marinho; Praça Roque Gonzales (Artesã – Feira em frente ao Hospital de Caridade); Feira da Agricultura Solidária; Feira da Praça dos Bombeiros e Feira – Avenida Liberdade (Feira do Mallet).

As feiras livres de Santa Maria ocorrem em diversos bairros da cidade e juntas totalizam mais de 100 bancas, conforme dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural (SMDR). Importante registrar que há uma rotatividade de feirantes nas feiras, ou seja, a maioria deles participa de mais de uma feira, pois cada uma tem dias predefinidos, diferenciados, escalonados em seis dias da semana (segunda-feira a sábado). A partir disso, tem-se um universo de 84 feirantes com cadastro ativo na Prefeitura Municipal de Santa Maria, compete salientar que algumas bancas, há a participação de vários feirantes do mesmo grupo familiar e apenas um com cadastro ativo, junto aos órgãos responsáveis.

Dessa forma, os participantes desta pesquisa foram 90 (noventa) feirantes atuantes nas feiras livres que ocorrem em Santa Maria–RS, selecionados após a identificação das feiras que acontecem na cidade durante os meses de novembro de 2021 a maio de 2022.

Além do levantamento dos dados do perfil dos participantes, o estudo buscou descrever as principais observações presenciadas, Laplantine (2004, p. 31) afirma que a descrição etnográfica é a elaboração linguística da experiência que vivenciamos; através dela expomos as situações e sensações vividas. Para ele, “a descrição etnográfica é a realidade social aprendida

a partir do olhar, uma realidade social que se tornou linguagem e que se inscreve numa rede de intertextualidade”.

Diante da complexidade de tantos elementos que compõem as feiras livres e que podem ser colocados para interpretação das relações, buscou-se a contribuição da etnografia para um processo interpretante da cultura, dos princípios e valores onde se constrói e se organiza o discurso dos distintos atores analisados dentro das feiras livres, utilizou-se de um formulário de pesquisa, no intuito de identificar o perfil dos participantes das feiras livres na cidade de Santa Maria-RS, contendo 14 (perguntas) que visaram identificar os seguintes atributos: cidade de origem, perímetro onde reside (rural ou urbano), gênero, cor/etnia, estado civil, quantidade de filhos, se os filhos residem com os feirantes, número de pessoas que moram na mesma residência, renda mensal, religião, escolaridade e frequência que trabalham nas feiras durante a semana.

#### **4. Resultados e discussões**

##### **4.1 Dinâmicas de funcionamento e caracterização das feiras livres**

As feiras livres localizadas na cidade de Santa Maria, possuem algumas características muito similares, onde é possível perceber, que inúmeros dos agricultores familiares que participam das feiras, participam em dois ou mais lugares, durante a semana. Além que em determinados dias, quando ocorrem em lugares distintos da cidade, percebe-se a ampliação do negócio, ou seja, parte dos familiares ficam em uma das feiras e outra parte em outra.

Conforme os dados da pesquisa foi possível verificar que a média de dias que os feirantes participam é de 2 (dois) dias na semana, sendo o mínimo 1 (um) dia apenas 30% dos pesquisados e a maior frequência de dias apresentados foi de 6 (seis) dias de feirantes que atuam de segunda a sábado nas feiras livres, menor frequência, ou seja, com apenas um dia de participação semanal é de 30% dos feirantes, ou seja, 27 (vinte e sete) feirantes, atuam apenas uma vez na semana em feiras livres.

Como é o caso dos feirantes da cidade de Nova Esperança do Sul, um casal de jovens produtores rurais, que nas sextas-feiras comercializa seus produtos em dois locais distintos da cidade (na feira dos bombeiros e na praça Saldanha Marinho), permitindo uma maior abrangência de seus produtos. Existem outros casos similares a este, como a família de Jari, que comercializa seus produtos em várias feiras e nos mesmos dias, tendo assim fazer uma ampla distribuição de seus produtos, além de participarem de três locais diferentes durante a semana.

Com relação aos horários de funcionamento, foi possível perceber uma similaridade entre todos os locais, principalmente quanto ao horário de chegada e montagem de suas barracas. Porém o mesmo não é padrão, quanto aos aspectos de fechamento. Muitos seguem o mesmo horário, porém alguns precisam ir um pouco mais, para tentar realizar mais vendas, que com a redução dos números de outras barracas (concorrentes), facilita muito mais, como foi observado no caso dos produtos resfriados, como queijos, salames e alguns congelados.

Quase todos os feirantes, possuem suas barracas personalizadas com os todos, com os emblemas da prefeitura municipal de Santa Maria, principalmente as que participam em lugares de maior movimento e nas praças públicas, já não é o caso de alguns lugares onde os próprios veículos servem se barracas para a comercialização de seus produtos, como visto em duas feiras, que utilizam as ruas da cidade para comercialização de seus produtos.

Os locais escolhidos em sua maioria são os determinados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural (SMDR), porém alguns feirantes no intuito de ampliarem sua participação de mercado e conseqüentemente suas vendas, começaram a instalar-se em outros pontos alternativos da cidade, em virtude de existir uma demanda de mercado e um alto fluxo de circulação, como alguns casos em frentes aos hospitais, centros comerciais entre outros. Isso demonstra a urgente falta de ampliação de políticas públicas que visem atender aos anseios destes agricultores familiares, que dependem da comercialização de seus produtos nas feiras, além de espaços que atendam às suas necessidades fisiológicas, pois em nenhum dos espaços onde ocorrem as feiras livres na cidade, foi possível encontrar, banheiros públicos, disponibilidade de espaços para energia elétrica entre outros essenciais para a qualidade de vida dos feirantes.

#### 4.2 Perfil dos feirantes

No que tange aos aspectos específicos ao perfil dos participantes foi possível identificar que dos 90 (noventa) participantes, o gênero foi similar, ou seja, 50% dos respondentes são do gênero masculino e 50% do gênero feminino. Apesar da homogeneidade em relação ao gênero, as percepções entre eles variam muito entre eles, com amplo destaque às múltiplas tarefas que as mulheres desempenham, além da sua participação nas feiras. Além dos aspectos relacionados às cidades de origem, perímetro urbano ou rural e a média de participação semanal, identificou-se que quantidade média de filhos dos participantes é de 2. 87,78% declaram-se brancos, 6,67% pardos e 4,44% negros e 1,11% indígena, destes com um média de pessoas residentes de 3,0 pessoas na mesma casa.



As religiões predominantes são católicas com 62,22%, evangélicos com 23,33%, umbandistas 3,33%, luteranos com 1,11% e não possuem ou outra religião com 7,77%. A idade média dos pesquisados é de 49 anos, sendo a maior idade constatada de 77 anos e a menor com 19 anos. Com relação ao aspecto de escolaridade identificou-se que 18 dos feirantes possuem ensino superior completo (20%), 17 feirantes (18,88%) estão com o ensino superior incompleto, 13 com o segundo grau completo (14,44%) e 18 com o incompleto (18,88%).

Os resultados mostram que as feiras livres apresentam um conjunto de imensas singularidades escondidas, nos fenômenos que na primeira impressão, parecem homogêneos e até mesmo invariantes e estáticos. Mas com o passar do tempo e com os contatos do cotidiano, foi possível perceber de forma inversa e complementar, que os fenômenos contidos nos espaços das feiras, apresentam singularidades.

As feiras livres proporcionam muito mais que o atendimento às necessidades fisiológicas, pois elas apresentam as mais diversas expressões culturais, gerando relações que ultrapassam apenas os comerciais, onde feirantes e comerciantes, trocam experiências, vivências, histórias e porque não dizer afetos. Afetos na concepção de procurar valorizar o processo, a origem e as características do método do feirante/agricultor e as concepções que o consumidor tem ao adquirir muito mais que um simples produto da agricultura familiar, onde contém uma história, essências e tradições ali contidas de décadas.

Dessa forma, as feiras livres a céu aberto são espaços de diversas ações alimentadas por um conjunto coletivo das forças da conjunção do trabalho associativo das famílias e das relações entre as pessoas. Nas feiras nada se faz sozinho, existe uma cadeia de relações que teve sua origem muito antes da exposição para a sua comercialização e que não termina ao final de um dia de feira. E por isso, as feiras livres constituem-se como espaços de desenvolvimento das relações comerciais, que compreendem em suma, a realidade clássica do processo de negociação de produtos, oriundos da agricultura familiar, da pecuária, dos trabalhos artesanais, da confecção de produtos oriundos de receitas familiares ou até mesmo da própria indústria.

Mais que produtos, nas feiras encontram-se relações sociais das mais diversas formas da sociabilidade, onde representações da cultura popular são evidenciadas através da comercialização de seus produtos, mas acima de tudo das tradições, dos valores, dos hábitos e costumes que foram herdados que moldaram suas identidades.

## 5 Considerações finais

Semanalmente, feirantes e consumidores, com suas territorialidades, ocupam as feiras livres da cidade de Santa Maria – RS como lócus de manifestação cultural de aprendizagens e troca de saberes, tecem ações multiculturais, compartilham símbolos, saberes e experiências de vida. Mais do que localizar e identificar as feiras livres da cidade, o presente estudo possibilitou entender a magnitude de conhecimentos que as feiras livres proporcionam aos pesquisadores, que escolhem essa temática de pesquisa.

Conclui-se que há uma vasta heterogeneidade no perfil dos participantes, seja no quesito da idade, ou na religião ou até mesmo na frequência que participam. Mas uma coisa em comum fica visível em todos os feirantes, a alegria contagiante de seguir seus valores herdados de gerações passadas e a esperança de uma valorização por parte dos órgãos públicos, frente a sua importância nos eixos sociais, ambientais e econômicos.

Sua presença na vida urbana se mantém graças à forma como sua organização se processa, pois preserva suas feições substantivas, notadamente o tipo de relação que estabelece com os consumidores, sua estrutura organizacional, o tipo de processo de trabalho e a tecnologia empregada. A criatividade dos feirantes é infinita e a habilidade para lidar com circunstâncias adversas, é impressionante. As múltiplas possibilidades com que um acontecimento pode ocorrer, os arranjos, as combinações e as permutações utilizadas pelos feirantes, fazem surgir um concreto conceito matemático materializado nos afazeres diários. Com isso, a feira consegue alcançar níveis de adaptabilidade invejáveis.

As feiras livres são um vasto campo de estudo, nos mais diversos eixos do saber, no viés comportamental pode-se analisar os “fregueses” quanto aos “feirantes”, onde por exemplo, pode-se perceber que os primeiros fregueses que chegam nas feiras, são clientes que se preocupam apenas com a qualidade, e estão dispostos a pagar um pouco mais por isso, ou seja, não pechinham como os clientes do final da feira. Além disso, não se pode deixar de descrever, que como é pesado o dia a dia do feirante, pois antes de montar a barraca e organizar tudo, há um vasto e longo caminho que foi percorrido até seus produtos chegarem na feira. Apenas realço que o cotidiano do feirante não é nada fácil. Claro que qualquer trabalho razoavelmente bem feito exige esforço maior, mas, para o feirante, posso afirmar que é especialmente difícil.

Pois trabalhar na rua a céu aberto e sem infraestrutura adequada exige muito mais cuidado, que na maior parte dos outros negócios. Porém apesar de tantas adversidades, é possível ver que os feirantes, conseguem construir redes de contatos gigantes com os mais diversos profissionais que passam pelas feiras. Se a condição financeira não possibilita ter um

plano de saúde, por outro lado sempre há um médico freguês, dentista ou enfermeiro, que atende em troca das relações construídas ao longo da feira.

Ah! O movimento nas ruas que tem feira, começa ainda muito cedo e o resultado final, com as barracas todas montadas, descortina um espetáculo lindo de ver, numa espécie de circo de aromas, cores, sons e sabores. Se é bonito acompanhar a vida de um único comércio pequeno como as feiras, imagine só a riqueza e a quantidade de histórias por trás de cada barraca, nas mais diversas feiras compostas por milhares de pessoas itinerantes. Assim as feiras são protagonizadas por diversos atores de múltiplas identidades, os quais em suas ruralidades demonstram suas motivações que ultrapassam as relações econômicas. Todo o dia é dia de feira, todo dia de feira é um espetáculo.

## Referências

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- ALMEIDA, S. P. N. **Fazendo a feira**: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Montes Claros, Montes Claros, 2009.
- ARBAGE, A. P. **Fundamentos de economia rural**. Chapecó: Argos, 2012.
- BRAUDEL, F. **O jogo das trocas**. Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CARMO, M. S. **Reestruturação do sistema agroalimentar no Brasil**: a diversificação da demanda e a flexibilidade da oferta. São Paulo: Instituto de Economia Agrícola, 1994.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (orgs.). **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.
- DAMATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio eletrônico**: século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FORMAN, S. **Camponeses**: Sua Participação no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREITAS, K. A. **Mobilidade urbana e hábitos de compra**: efeitos na distribuição e na logística para o varejo. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em:

[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9XSHJS/disserta\\_o\\_kenyth\\_freitas.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9XSHJS/disserta_o_kenyth_freitas.pdf?sequence=1). Acesso em: 21 nov.2023.

GONÇALVES, A. O.; ABDALA, M. C. Na banca do 'seu' Pedro é tudo mais gostoso - Pessoalidade e sociabilidade na feira-livre. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 2, p. 1-7, 2013.

GUIMARÃES, A. P. As classes perigosas no Brasil. In: GUIMARÃES, A. P. (org.) **As classes perigosas: banditismo urbano e rural**. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. 123-146.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

KAY, R. D.; EDWARDS W. M.; DUFFY, P. A. **Gestão de propriedades rurais**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LUCENA, T. I. N.; CRUZ, D. da S. Lugares que educam: o aprendizado nas feiras livres. **Revista Interle-gere**, Natal, Rio Grande do Norte, n.8, p.1-13, jan/jun.2011.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C.S; Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v.2, n.4, p.72-87, ago., 2008.

MATOS, B. E. de S. **O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal**. 2010. 42 p. Monografia (Licenciatura em Geografia) Universidade Federal do Ceará. Disponível em:

[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5184/1/2012\\_BeneditoErivaldodeSousaMatos.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5184/1/2012_BeneditoErivaldodeSousaMatos.pdf)

Acesso em: 22 maio 2021.

MICHELLON, E.; COSTA, T.; STRÖHER, G. J.; CAMACHO, L. S.; PEREIRA, P. S. Rede de Dinamização das Feiras da Agricultura Familiar – REDIfeira: Uma alternativa para a inclusão socioeconômica das famílias rurais. In: XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Branco: **Anais...**, 2008.

MOTT, L. R. de B. Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil. **Revista da História**, São Paulo, n. 105, p. 18-29, 1976. Disponível em:

<https://revhistoria2.webhostusp.sti.usp.br/wp-content/uploads/revistas/105/a05n105op.pdf>.

Acesso em: 13 jun. 2021.

NEVES, J. **A construção de um mundo globalizado**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

REIS, F.; VIEIRA, S. M. F. Tudo Junto: pessoas, relações e peculiaridades na feira livre de Viçosa. In: Prêmio Expocom – exposição da pesquisa experimental em comunicação, 18., 2011, Recife. **Anais...** Recife: INTERCOM, 2011. p. 1-10. Disponível em: <

<https://www.portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/20213> >. Acesso em: 21 jun. 2022.

RIBEIRO, E. M. **Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semiárido de Minas Gerais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

RICOTTO, A. J. **Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar**: o caso das feiras livres de Misiones, Argentina. 2002. 152p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTA MARIA (RS). **Decreto Executivo nº 94**, de 30 de agosto de 2013. Dispõe sobre o Regimento Interno da Secretaria de Município de Desenvolvimento Rural, de conformidade com a Lei Municipal nº 5189/09 e alterações, e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/santa-maria/decreto/2013/8/89/decreto-n-89-2013-dispoe-sobre-o-regimento-interno-da-secretaria-de-municipio-de-desenvolvimento-economico-inovacao-e-projetos-estrategicos-de-conformidade-com-a-lei-municipal-n-5189-09-e-alteracoes-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTOS J. E.; SILVA, A. F.; SOARES, M. M.; BANDEIRA S. É. A. C. Feira Livre como Lugar Privilegiado para a (Re)produção e (Re)invenção de Práticas Espaciais e Socioculturais Populares: a Feira Livre de Ceará-Mirim (RN). **Sociedade e Território**, Natal, v. 26, nº 1, p. 58 - 75, jan./jun. 2014. Disponível em: Acesso em: 23 de março de 2022.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SATO, L. **Feira livre**: organização, trabalho e sociabilidade. [S.l.: s.n.], 2012.

TYLOR, E. B. **Primitive culture**. New York: Dover Publications Inc., 1971.

URBIM, C. **Rio Grande do Sul**: um século de história. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

WEBER, M. Conceitos e categorias da Cidade. In: VELHO, O. (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 101-103.

### 3 ARTIGO 2 — CONTEXTO RURAL FEMININO: AS DIVERSIDADES E SINGULARIDADES NAS FEIRAS LIVRES DA CIDADE DE SANTA MARIA-RS

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo verificar a produção de conhecimentos nas áreas humanas e sociais sobre as questões de gênero no contexto rural, a partir de uma percepção crítica. Tendo em vista que a preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX e estava ausente nas principais abordagens da teoria social formuladas até o século XVIII e o começo do século XX, como destacam os estudos feitos por Scott (1995). Cabe destacar que muitas vezes as mulheres são estereotipadas. Nesse cenário, o Estado tem uma relação ambivalente com as mulheres, considerando aspectos fragmentados da vida e da sociedade, em alguns casos são pobres e vulneráveis, em outros são apenas mães responsáveis pela sobrevivência das crianças ou ainda somente cidadãs com alguns direitos, mas raramente de modo amplo e com todas essas variáveis. Assim foram realizadas sete (7) entrevistas com mulheres que trabalham em uma feira livre na cidade de Santa Maria-RS. Ao analisarmos a temática de gênero no contexto rural, busca-se um posicionamento não só ético ou político, busca-se compreender o que está faltando, que é uma forma de conceber a “realidade social” em termos de gênero, levando em consideração a heterogeneidade e a diversidade, bem como a singularidades presentes nos contextos rurais. Assim o presente estudo pretende-se aprofundar os conhecimentos dos contextos rurais em suas especialidades, de modo compreender as condições e os estilos de vida das mulheres no contexto rural. Em síntese, o estudo foi realizado a partir de um levantamento de campo com mulheres que vivem no contexto rural e que possuem atividades comerciais, nesse caso que trabalham em conjunto com seus familiares em feiras livres, visando analisar suas condições de trabalho e seu estilo de vida.

**Palavras-Chave:** Mulheres, Gênero, Contexto Rural, Desigualdades.

**Abstract:** This study aims to verify the production of knowledge in the human and social areas on gender issues in the rural context, based on a critical perception. Given that the theoretical concern with gender as an analytical category only emerged at the end of the 20th century and was absent from the main approaches to social theory formulated until the 18th and early 20th centuries, as highlighted in studies by Scott (1995). It should be noted that women are often stereotyped. In this scenario, the State has an ambivalent relationship with women, considering fragmented aspects of life and society, in some cases, they are poor and vulnerable, in others, they are just mothers responsible for the survival of children or even just citizens with some rights, but rarely in a broader way and with all these variables. Thus, seven (7) interviews were carried out with women who work at a street market in the city of Santa Maria-RS. When analyzing the theme of gender in the rural context, not only an ethical or political position is sought, but also the understanding of what is missing, which is a way of conceiving the “social reality” in terms of gender, taking into account the heterogeneity and diversity, as well as the singularities present in rural contexts. Thus, the present study intends to deepen the knowledge of rural contexts in its specialties, in order to understand the conditions and lifestyles of women in the rural context. In summary, the study was carried out from a field survey of women who live in the rural context and who have commercial activities, in this case, who work together with their families in street markets, aiming to analyze their working conditions and lifestyles.

**Keywords:** Women, Gender, Rural Context, Inequalities.

## 1 Introdução

...Descreve do jeito que bem entender  
Descreve, seu moço, porém não esqueça  
De acrescentar que eu também sei amar  
Que eu também sei lutar, que meu nome é mulher!  
(Canto da Mulher Latino-Americana)

Vivencia-se em uma sociedade com grupos divididos por questões políticas, religiosas e morais e ao mesmo tempo em que luta por reconhecimento e desenvolve mecanismos de cooperação social e desenvolvimento de políticas públicas baseadas em equidade (RAWLS, 2003). Nesse movimento histórico, coexistem e sobrevivem a busca e o entendimento de sociedade estável de bem viver, as representações sociais e uma memória coletiva que atravessa a história da nossa sociedade marcada pela violência.

Nesse cenário de violência, no âmbito do contexto rural, ao pensar o ser mulher no campo busca-se na categoria de gênero referência para compreender a constituição da mulher no contexto rural a partir das seguintes perguntas: como é produzida essa violência? Como vem sendo mantida ao longo da história? Como é possível reverter esse cenário de violência? Esses questionamentos são um convite para mobilizar saberes, produzir sentido e buscar alternativas para qualificar a vida das mulheres campesinas.

Tendo em vista que a preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica que só emergiu no fim do século XX e estava ausente nas principais abordagens da teoria social formuladas até o século XVIII e o começo do século XX como destacam os estudos feitos por Scott (1995), pode-se considerar que as questões de gênero oportunizam “[...] um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 88). A intenção é demarcar o lugar de onde se está falando, dada a vasta produção teórica referente a essa temática.

“Entende-se que gênero é uma construção social que, no senso comum, confunde-se com sexo biológico e com uma representação binária entre homem-mulher, feminino-masculino, feminismo-machismo, azul-rosa, sexo frágil-sexo forte e afins. Diante desse cenário, é imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação pautada em dicotomias. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais que definem gênero, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 2009, p. 21).”

Ao considerar “[...] que as palavras têm história, ou melhor, que elas fazem história, o conceito de gênero [...] está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo” (LOURO, 2009, p. 14). As questões de gênero se apresentam hoje com diversas vertentes, indo do materialismo-histórico às tecnologias de gênero, passando por uma ética do cuidado. Tais questões nos fazem pensar se lutamos por um mundo onde todos tenham

os mesmos direitos ou o direito de ser diferente, especialmente o de viver plenamente com a sua singularidade. Para refletir a questão de gênero, recorre-se às indagações feitas por Louro (2009): se as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não somente "fabricam" os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc.

O ser humano é um ser cultural que se dá na relação com outros seres e atribui significados à sua atuação no mundo. Neste sentido, o ser humano é um ser que se produz e é produzido na cultura. Tendo isto em mente, os estudos de gênero não procuram negar os fatores biológicos, mas afirmar que a biologia não pode servir como fator que define o destino social de todas as pessoas em uma determinada sociedade.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo descrever e analisar as percepções das mulheres que atuam nas feiras livres e que estão relacionadas ao contexto rural, social e econômico destacando as diversidades e singularidades presentes entre elas.

## **2 Revisão de literatura**

### **2.1 A entrada e o crescimento da mulher no mercado formal de trabalho**

Desde o início da civilização, as mulheres ocuparam papéis de subordinação social, sofrendo discriminações e sendo exploradas, muitas vezes trabalhando para além de seus limites físicos em casa e no trabalho, recebendo salários menores que os dos homens (NASCIMENTO, 2011). De acordo com Nascimento (2011), várias questões sociais despontaram após a Revolução Industrial do século XVIII, principalmente a proposição de que fosse preservada a dignidade das pessoas no mercado de trabalho. Contudo, segundo o autor, de 1970 aos dias atuais, o período de flexibilização das leis trabalhistas vem surgindo gradativamente.

Segundo explica Nascimento (2011), depois da Revolução Industrial, os efeitos do capitalismo e das condições sociais foram sentidos com mais intensidade, trazendo o empobrecimento dos trabalhadores, com famílias atingidas pela mobilização da mão de obra da mulher nas fábricas. Com isso, as diferenças entre as classes sociais foram observadas “de tal modo que o pensamento humano não relutou em afirmar a existência de uma séria perturbação ou problema social” (NASCIMENTO, 2011, p. 34).

Durante o processo de industrialização, o trabalho feminino se tornou preferência pelos empresários, pelo baixo custo da sua mão de obra. Isso mostra que, embora a mulher estivesse



contribuindo de forma positiva no mercado de trabalho, ainda assim ela era desvalorizada tanto na sociedade quanto nas relações de trabalho, acentuando as desigualdades de gênero.

Sobre essas desigualdades, Araújo e Mourão (2012) destacam que a discriminação da mulher no mercado de trabalho ocorre de várias maneiras, dentre estas: a desigualdade no acesso ao emprego; desigualdade quanto às oportunidades de trabalho, na formação profissional e em relação ao assédio moral sofrido nos ambientes de trabalho, onde as mulheres são com frequência as principais vítimas. As autoras também indagam que esses preconceitos ocorrem quando as mulheres se inserem em atividades e profissões que são consideradas tipicamente masculinas.

Considerando que historicamente a sociedade tenha se caracterizado como predominantemente machista, ganhar destaque profissional sempre foi muito difícil para as mulheres, pois além de todos os preconceitos quanto a sua capacidade no trabalho, ainda tinham que lidar com as comparações com o gênero masculino. A reivindicação das mulheres por oportunidades iguais no mercado de trabalho, por melhores salários e, acima de tudo, por respeito, é antiga, mas ainda não totalmente alcançada devido à herança de um sistema patriarcal, no qual a mulher é naturalmente caracterizada por enfrentar dificuldades para trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro.

No entanto, novos tempos chegaram e as lutas por direitos iniciados no século passado pelas mulheres que acreditavam em seus potenciais começam aos poucos a consentir que as mulheres hoje conquistem seu lugar no mundo do trabalho. Mesmo com a falta de incentivos, o público feminino é cada vez mais crescente no mercado de trabalho e vem se tornando mais competitivo. Além de as mulheres se mostrarem mais empenhadas, se destacando no que fazem, elas também possuem como característica natural, uma maior sensibilidade e comprometimento, maior empatia e vontade de ajudar, características que se tornam um diferencial para o sucesso (FERNANDES; CAMPOS; SILVA, 2013).

A primeira lei de proteção à mulher no mercado de trabalho teve seu início a partir do Decreto n. 21.417-A, de 1932. Com o passar dos anos, foram surgindo leis no Brasil com o objetivo de proteger a mulher trabalhadora, para que esta mulher tivesse mais segurança no seu trabalho e tendo consciência de que seus direitos seriam devidamente garantidos. Segundo Nascimento (2011), antigamente as mulheres eram obrigadas a se submeter aos homens, e não existia uma lei exclusivamente para elas - como qualquer cidadão, elas podiam trabalhar como empregadas a partir dos 14 anos. Aos 18 anos a mulher adquiria capacidade plena e não precisava mais de autorização de um responsável para trabalhar.

O art. 446 da CLT concedia ao responsável entre 18 e 21 anos a rescisão do seu contrato de trabalho quando lhe acarretasse prejuízos de ordem física e moral, como também precisava da autorização do marido a mulher casada. Mas tal dispositivo foi anulado pela lei 7.855 de 1989, ao revogar parte da CLT sobre o trabalho da mulher, afastou a proibição legal da sua atividade em ambiente insalubre, com periculosidade, a jornada noturna, o trabalho na construção civil e em minas e subsolo, com o que a política tutelar foi substituída pela isonomia de tratamento legal com o homem.

Atualmente, pela a Constituição Federal em seu art. 5º, inciso I, homens e mulheres são iguais em seus direitos e deveres. A Lei do Trabalho, em seu capítulo III, estabelece normas específicas para a proteção à mulher, do art. 372 ao art. 400, tais como: nos anúncios de emprego, é proibido fazer referência a sexo, cor, idade ou situação familiar, exceto quando for imprescindível para a natureza da atividade; são proibidas revistas íntimas, exames ou solicitação de atestados com o intuito de comprovar gravidez ou esterilidade, tanto na admissão como para a permanência no emprego; com relação ao conforto e higienização nos locais de trabalho, os mesmos devem dispor de bancos, vestuários e armários individuais. Nos locais em que trabalham até 30 mulheres, é obrigatório ter um local apropriado onde seja permitido amamentar o filho até os 06 meses de idade, e a mulher terá direito a dois descansos de meia hora cada um, durante a jornada de trabalho.

Quanto aos locais de trabalho, o art. 390, CLT (1943) traz a seguinte informação de que “ao empregador é vedado empregar a mulher em serviço que demande o emprego da força muscular superior a 20 (vinte) quilos, para o trabalho contínuo, ou 25 (vinte e cinco) quilos para trabalho ocasional”. Já a Constituição de 1988 em seu art. 5º, dispõe que é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer. Neste sentido, entende-se que toda a mulher desde que respeitado o exposto na constituição federal, pode atuar em qualquer área de trabalho.

Com relação à proteção à maternidade, é garantida a licença de 120 dias, também sendo facultado à gestante o rompimento do contrato de trabalho se for prejudicial à sua gestação. Esse afastamento dará início à licença maternidade, tendo direito ao salário pago pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INSS) (CLT, 2022). Em caso de aborto espontâneo, comprovado por atestado médico, a mulher terá direito ao descanso remunerado de 2 semanas. Martinez (2017) argumenta que a licença maternidade é regida por regras trabalhistas e o salário maternidade por regras previdenciárias.

Segundo Barros (2010), a discriminação não ocorre somente devido à maternidade. Ela é decorrente também de um preconceito de origem cultural, em que ainda a mulher é vista como

alguém frágil e inferior ao homem. A autora afirma também que, na medida em que se diminua o preconceito cultural, também ele diminuirá nas relações de trabalho. A legislação brasileira, em relação à proteção ao trabalho feminino, tem como foco maior proteger a maternidade, como se o legislador presume se que a maternidade é algo previsível e indispensável na vida da mulher. Além disso, pode-se interpretar que não é só o Estado e sim a sociedade que ainda enxerga a criação dos filhos unicamente responsabilidade da mulher.

## 2.2 Produção cultural e mulher

Stuart Hall, um dos autores que analisam os estudos culturais, afirma que a importância de tais estudos está relacionada com a crítica à cultura tradicional, elitista e segregacionista, que emerge desse campo de análise. Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003), para os estudos culturais as sociedades capitalistas são lugares da desigualdade no que se refere à etnia, gênero, gerações e classes, sendo a cultura o *locus* central em que são estabelecidas e contestadas tais distinções. É na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos.

A partir dessa visão, os autores alertam que “[...] a cultura não pode mais ser concebida como acumulação de saberes ou processo estético, intelectual ou espiritual” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, documento on-line), concepção de cultura vigente do século XVIII até o século XX. A partir do século XXI, houve uma expansão de tudo o que estava associado à cultura, que passou, então, a ser compreendida como um vasto campo, que afeta e é constituído por todos os aspectos da vida social, conforme apontam Costa, Silveira e Sommer (2003).

É nesse emaranhado cultural que devem ser colocadas as discussões sobre as desigualdades, baseadas em diferenças de classe social, raça, gênero e orientação sexual, que estão cada vez mais presentes nos debates atuais. Enfatizando essa ideia, Silva (1999, p. 14) argumenta que “[...] as relações de gênero moldam os sujeitos sociais que compõem o cenário da diversidade sexual e são categorias de análise que devem ser levados aos diversos espaços públicos a fim de fomentar discussões e debates a respeito dos mesmos”.

Corroborando a ideia de que as relações de gênero delineiam os sujeitos sociais, Silva (1999, p. 133) situa a produção de gênero na esfera cultural como:

[...] um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. [...] A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser.

As diferenças que a cultura confere em relação ao gênero são abordadas por Silva (2013), que aponta que, desde o nascimento, meninos e meninas são direcionados(as) para uma determinada posição, com respectivas funções. Ou seja, a produção do gênero acontece mediante práticas sociais, que, por sua vez, recebem um significado. Tais práticas obedecem a um padrão de comportamento que os gêneros devem seguir de acordo com a sua cultura. Os papéis sociais de meninos e meninas começam em casa, mas seguem na escola, onde ambos convivem, mas possuem diferentes espaços territoriais. Por exemplo, os espaços lúdicos cobrem a função de determinar quais atividades pertencem ao menino e quais pertencem à menina.

A autora oferece duas respostas plausíveis para essa questão. Na primeira, afirma que o gênero da escola é feminino “[...] porque é, primordialmente, um lugar de atuação de mulheres - elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas” (LOURO, 2009, p. 88). Na segunda resposta, defende que “[...] a escola é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento - e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens” (LOURO, 2009, p. 89).

Nas várias formas de interação humana, cabe destacar que muitas vezes, as mulheres são estereotipadas. Nesse cenário o Estado tem uma relação ambivalente com as mulheres, considerando aspectos fragmentados da vida e da sociedade, em alguns casos são pobres e vulneráveis, em outros são apenas mães responsáveis pela sobrevivência das crianças ou ainda somente cidadãs com alguns direitos, mas raramente de modo amplo e com todas essas variáveis. As atividades relacionadas ao trabalho não são desconectadas das tarefas domésticas e da esfera reprodutiva e de maternidade (ANZORENA, 2017).

O relatório “O Progresso das Mulheres no Mundo 2019-2020: Famílias em um mundo em mudança”, organizado pela ONU Mulheres, nos diz que aproximadamente a cada cinco mulheres, uma sofreu alguma violência física ou sexual de seus companheiros nos últimos 12 meses. (ONU, 2020). O relatório destaca sobre o Brasil a relevância do trabalho da mulher na agricultura, sendo que muitas vezes seu trabalho passa despercebido. Nesse sentido, o documento descreve a utilização de diário de bordo, utilizado pelas mulheres do campo para

descrever seu trabalho, essa atividade tem refletido no reconhecimento do trabalho, elas puderam usar os diários de bordo para obter a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP).

Carvalho (2019) destaca que “a violência contra a mulher é um fenômeno social complexo, persistente, atravessado por múltiplas dimensões, sejam elas sociais, culturais, simbólicas, psicológicas, entre outras” (CARVALHO, 2019, p.166). Sobre as mulheres no contexto rural a autora nos diz que: “O movimento de reconhecer as mulheres como trabalhadoras rurais são bem recentes e ainda é muito marcado por tensões que fazem emergir as vulnerabilidades às quais elas se encontram submetido no meio rural” (CARVALHO, 2019, p.167).

A violência contra mulheres no contexto rural é atravessada por esferas entrelaçadas e complexas. Uma dessas esferas é a questão econômica, sobre essa questão pode-se pensar que “[...] a pobreza econômica não pode ser automaticamente ligada à produção da violência” (BUENO; LOPES, 2018. p. 03).

Entende-se que somente a redistribuição de renda não garante o reconhecimento do outro, do entendimento da dignidade da pessoa humana independente de gênero. Nesse sentido: “A luta contra a pobreza material de uma parte da população deve sempre acompanhar a luta contra a pobreza espiritual e moral de outras partes dela” (PINZANI, 2012, p. 98).

Cynthia Sarti argumenta que reduzimos a categoria pobreza de modo polarizado quando realizamos uma distinção entre “nos” e “eles”, entre a classe média e os pobres. Para a autora, a pobreza representa “[...] uma categoria relativa. Qualquer tentativa de confiná-la a um único eixo de classificação, ou a um único registro, reduz seu significado social e simbólico” (SARTI, 2007, p. 42). Nesse sentido:

[...] mulheres rurais pobres potencialmente possuem menores possibilidades de exercício da cidadania, de luta pelos seus direitos, verificada, por exemplo, na ausência ou limitações da autonomia financeira para sustentar-se ou mesmo em percorrer as enormes distâncias entre as suas residências e os serviços estatais de atenção, acolhimento e controle social, raros no interior dos estados, sendo predominantemente urbanos. (BUENO; LOPES, 2018. p. 05).

### **3 Metodologia**

Este subtópico tem a finalidade de descrever os procedimentos metodológicos adotados para alcançar o objetivo proposto desta pesquisa. A pesquisa classifica-se, quanto aos seus objetivos, como descritiva, devido à proposta de descrever características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento das relações entre as variáveis (GIL, 2002).

Os estudos descritivos têm como objetivo investigar a natureza do fenômeno estudado, sua forma e características. Desta forma, o pesquisador busca conhecer e interpretar a realidade sem interferir no seu andamento (MARCONI; LAKATOS, 2000). Segundo Andrade (2006), neste tipo, os fatos são analisados, registrados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles, ou seja, deve ser estudado e não manipulado pelo investigador. O autor afirma também que uma característica da pesquisa descritiva é a técnica padronizada da coleta de dados, realizada por meio de entrevistas questionários e observação.

Em relação à abordagem do problema, a pesquisa de natureza qualitativa é a mais indicada, pois é possível fazer análises mais profundas quanto ao fenômeno estudado, testando características não observadas por meio de um estudo quantitativo (RAUPP, BEUREN, 2003). De acordo com Michel (2015), na pesquisa qualitativa, a finalidade não é mostrar opiniões ou pessoas, o objetivo é explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em estudo.

Para este estudo foi utilizada a amostragem não-probabilística por conveniência, em que a seleção dos sujeitos da população decorre do julgamento do entrevistador ou do pesquisador (MATTAR, 2005). Segundo Vergara (2005), esse procedimento é utilizado para estudos onde seus resultados não permitem uma generalização estatística para a população, não definida em sua totalidade nesta pesquisa em função da dificuldade do acesso.

A pesquisa foi realizada na cidade de Santa Maria- RS, onde foram entrevistadas 7 (sete) mulheres que estão inseridas no contexto rural, que exercem atividades econômicas em conjunto com seus afazeres domésticos e que atuam em conjunto ou sozinhas nas feiras livres de Santa Maria – RS ou Região. As entrevistadas concordaram em participar da entrevista e para resguardar suas identidades, as mulheres tiveram seus nomes substituídos por uma sequência alfanumérica Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro semiestruturado de entrevistas, elaborado em duas partes: Parte I, contendo 07 questões de perfil das entrevistadas; e Parte II, contendo 4 questões abertas que abordam os fatores sobre relacionados a condições de trabalho e o estilo de vida.

As entrevistas foram gravadas e transcritas com a permissão das entrevistadas, para posteriormente catalogar e selecionar as falas conforme o necessário. Após estes procedimentos, foi realizado o tratamento e interpretação dos dados, por meio da análise de conteúdo como estratégia de análise de dados.

Segundo Bardin (2011, p.47), a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que procura obter procedimentos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens”.

Bardin (2011) indica que a utilização da análise de conteúdo tem três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação. A primeira fase, a pré-análise, pode ser identificada como a fase de organização, um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, porém, flexíveis. A segunda parte, a fase de exploração do material, consiste numa etapa que vai possibilitar ou não a riqueza das interpretações, e nela são escolhidas as unidades de codificação, classificação e categorização. A terceira fase do processo está destinada ao tratamento dos resultados, onde o pesquisador procura resultados significativos e válidos, devendo ir além do conteúdo dos documentos (BARDIN, 2011).

#### **4. Análise e discussão dos resultados**

##### 4.1 Perfil socioeconômico das entrevistadas

Os resultados indicam que as entrevistadas possuem, em média, idade de 38 anos, sendo a mínima de 26 anos e a máxima de 53 anos (Tabela 1). Observa-se que a maioria conseguiu concluir o ensino médio completo, por outro lado, é possível perceber que após o casamento, algumas delas, não conseguiram mais organizar os afazeres do lar com seus estudos. Como destaca a Feirante (F3) “comecei a cursar o curso de pedagogia, porém após meu casamento não consegui mais conciliar estudo, cuidar da casa e ajudar meu marido com as atividades mas pretendo voltar um dia!”

Já a Feirante (F6) afirma que: “eu conheci meu esposo na escola, a propriedade dele era perto da nossa, eu consegui terminar os estudos ele não. Mas nossos filhos todos vão terminar, fica difícil estudar depois de casada, me casei com 19 anos e ele 23, nossa filha mais velha já se formou até”.

Conciliar estudo com trabalho, no caso destas mulheres é bastante desafiador, ainda mais que a maioria delas trabalham nas feiras no mínimo 4 dias da semana, e percorrem muitas vezes longos trechos até chegar ao local de atuação. Outras barreiras, como a preocupação com os filhos menores e constantes, F2, e F4 abordam que a ajuda da família e da escola é muito importante, “estou aqui trabalhando na feira, meu marido em outra e os nossos pequenos (filhos) ambos na escola, ainda bem que tem o turno integral”, destaca a Feirante (F3). Com relação ao número de filhos é possível verificar uma média de 2 filhos.

A média de dias trabalhados das pesquisadas é de 4,3 dias, ou seja, aproximadamente 26 horas de trabalho frente as feiras, sem contar o tempo de deslocamento de ida e volta. Um

fator que é muito percebido e comum a elas é a sua fé. Quase a totalidade são católicas (86%) e apenas uma espírita, e a presença desta espiritualidade é presente em todas as falas como “Deus é bom o tempo todo”, afirmam F1, F4, F5 e F7. Todas fazem questão de reafirmar que seguem os princípios cristãos e que a fonte de esperança em dias melhores vem de sua fé.

**Tabela 1 – Perfil das entrevistadas**

(continua)

Entrevistado	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Tempo que trabalha em feiras (anos)	Dias da Semana que trabalha em feiras	Religião	Número de filhos
F1	36	Ensino Méd. Incompleto	União estável	5	4	Católica	1
F2	31	Ensino Méd. Completo	Casada	3	5	Católica	2
F3	26	Ensino Sup. Incompleto	União estável	2	2	Católica	0
F4	34	Ensino Méd. Completo	União estável	5	4	Católica	2
F5	53	Ensino Fund. Completo	Casada	11	6	Católica	4
F6	46	Ensino Méd. Completo	Casada	9	4	Espírita	4
F7	44	Ensino Méd. Completo	Casada	4	5	Católica	2
Média	38,57	-	-	5,57	4,28		1,17

Fonte: Elaborada pelo autor.



#### 4.2 As singularidades e diversidades encontradas pelas mulheres feirantes

As territorialidades que perpassam o ser feirante estão no tempo e espaço da feira marcadas por saberes e práticas que advêm das práticas familiares, conforme é percebido na fala da feirante. Porém, as adversidades, as quais as mulheres feirantes, passam, necessitam de um olhar mais atento das políticas públicas, a falta de uma infraestrutura adequada é fortemente levantada em suas falas.

não é fácil ser feirante, ficamos expostos na rua, no calor ou no frio e muitos clientes não valorizam o esforço do produtor rural, só querem preço baixo e não sabem como é difícil a vida rural. Aprendi com meu marido que me trouxe para trabalhar com ele nas feiras aqui em Santa Maria (Feirante 2).

Os resultados sobre as diversidades, adversidades e as rotinas das feirantes podem ser observados em suas falas, que constantemente destacam o quanto se sentem bem e atuarem no que foram “criadas” e ensinadas pelos seus pais, como os relatos a seguir:

trabalhar com o que a gente foi acostumada a ver nossos pais fazendo é muito gratificante, mesmo que o trabalho seja puxado na propriedade é muito gratificante ver que nossos produtos são elogiados pelos compradores. A vida rural é muito diferente da cidade, mas gosto muito, não me vejo trabalhando em outro local, já trabalho na feira há mais de cinco anos (Feirante 1)

a gente vê de tudo na feira, a gente faz amizade, ajuda indicando um produto ou outro, compartilha saberes e ganha muito mais que o dinheiro, ganhamos afeto, respeito, tenho clientes que compram comigo há mais de 10 anos, que já são parte do meu trabalho, afirma a Feirante 5.

Embora constatado que as mulheres estão na feira comercializando há muitos anos, esse “estar” quase não é notado nas pesquisas acadêmicas e, dessa forma, trazer a mulher como sujeito da pesquisa é um mecanismo de superação dessa invisibilidade histórica a qual permeia a forma de ser e estar das mulheres feirantes. Kuhn (2010, p.1) afirma que “Escrever uma história das mulheres em muitos aspectos implica falar em ‘invisibilidade’”.

nossas condições de trabalho nas feiras não são favoráveis, existem locais que não possuem infraestrutura adequada, aqui mesmo na praça dos bombeiros, quando precisamos ir ao banheiro temos que pedir em bares ou no quartel para usarmos. Nossos governantes precisam ver com outros olhos o nosso papel na sociedade, pois sem o trabalho do produtor rural não há alimentos. Apesar de todos esses fatores gosto muito do que faço (Feirante 3).

Na concepção da Feirante percebe-se e visualiza-se que ainda não há políticas públicas voltadas exclusivamente para os feirantes, em pesquisas realizadas junto ao site da Prefeitura Municipal de Santa Maria, o que existe um projeto de entrega de gazebo a todos os feirantes cadastrados junto ao município.

fácil não é nossas condições de trabalho, mas é preciso, muitos não sabem de todas as dificuldades que passamos para estar aqui às 7h da manhã com tudo organizado, e nem sempre conseguir vender tudo que se produz, sendo necessário tentar ficar mais tempo para vender o máximo que dá (Feirante 4).

A sociabilidade construída na feira é uma forma de criar laços de afetividade revelada pela observação de seus cotidianos, como revela a fala de uma das feirantes: “meu marido sempre vinha sozinho para as feiras, mas com o aumento das vendas tive que vir acompanhar ele, eu fico em uma feira e ele em outra, não é fácil lidar com a lida da casa e com a feira, mas precisamos, pois os filhos não quiseram seguir esse caminho, sou muito feliz em conversar com as pessoas, já fiz muitas amizades aqui na feira (Feirante 5)”.

eu adoro esse movimento todo, participo de duas feiras, fico terça e sexta aqui (bombeiros) e segunda e quinta em outras feiras, sempre organizo minhas coisas para facilitar meu tempo aqui na feira, converso com um com outro e assim vou vendendo meus produtos, tem gente que não gosta de ficar em baixo das barracas, eu já adoro, fiz muita amizade com meus clientes e eles me motivam a vir sempre (Feirante 6).

Eu acompanho meu filho mais velho, pois o trabalho é pesado para uma pessoa só, assim ajudo ele, as condições dos locais não são muito boas não, tem dias que precisamos limpar a praça antes de montar as coisas, muita sujeira (Feirante 7).

De acordo com Aguiar e Carvalho (2017) os trabalhadores feirantes desenvolvem suas atividades em condições de trabalho que os tornam vulneráveis a impactos sociais, econômicos, psicológicos e físicos inerentes à atividade informal que desempenham. A atividade de feirante teve origem no século IX na Europa, nos mercados locais organizados com a finalidade de suprir a população com produtos de primeira necessidade (PIRENNE, 1936).

Em sua gênese, a busca pela atividade de feirante consistia em legado familiar, que, no século XXI, passou a acontecer como alternativa ao desemprego, e como forma de complementação da renda familiar. Em que pese sua importância socioeconômica e cultural, as feiras livres, em geral, apresentam problemas relativos a saneamento deficiente, falta de estrutura física adequada, no que se refere à dimensão espacial e equipamentos de uso coletivo, comercialização de produtos não permitidos, falta de segurança, entre outros (COUTINHO; NEVES; SILVA, 2006).

A inserção da mulher em um espaço que, por muito tempo foi considerado masculino, fez com que a mulher assumisse dois papéis, trabalhando fora de casa e cuidando da casa, sendo sobrecarregada com dupla jornada de trabalho. A profissionalização feminina e masculina não ocorre da mesma forma, pois o homem procura o trabalho com sua principal atividade, enquanto a mulher determina sua carreira tentando encaixar a vida familiar, seus sonhos e objetivos. (SOUZA; CORVINO; LOPES, 2012).

É possível perceber que a maioria das entrevistadas sente sua rotina cansativa e algumas delas ainda possuem filhos menores de idade ou familiares que necessitam de seu apoio, exercendo dupla jornada de trabalho. Silva (2013) diz que as mulheres sofrem diariamente com uma rotina estressante lidando com o trabalho empresarial e o cuidado com a casa, pois se dedicam ao trabalho e quando chegam em casa elas ainda têm que lidar com as tarefas domésticas.

Ainda, algumas entrevistadas relataram que seus empregos eram fonte de conflitos (Feirante 1) ou que não se sentiam devidamente remuneradas pelas suas atribuições (Feirante 2 e Feirante 3).

Minha rotina é tensa, cuidado da casa, dos filhos e ajuda no cultivo em nossa propriedade, não sobra muito tempo para outras atividades, estou sempre envolvida com alguma coisa, mas tem que ser assim, senão não conseguimos oferecer algo melhor pros nossos filhos (Feirante 2).

Além dos dias de feira, as tarefas da casa são bem puxadas, acordo bem cedo senão não dou conta de tudo não. Minha filha de dezesseis anos também ajuda na lida da casa e os mais velhos ajudam o pai (Feirante 6).

Mulheres batalhadoras, mães, esposas, amigas e feirantes, que não medem esforços para terem e darem uma vida melhor aos seus. Inúmeras são as diversidades e singularidades encontradas em suas trajetórias de vida, mas há também particularidades em cada caso. Percebe-se que há uma carência de estratégias públicas em âmbitos regionais e municipais, para estimular sua participação e melhorar sua qualidade de vida, não só no que tange aos aspectos ambientais e estruturais, mas que atendam em sua plenitude seus anseios, desejos e necessidades.

## **5 Considerações finais**

O presente estudo teve como objetivo identificar as condições de trabalho e os estilos de vida das mulheres rurais que exercem atividades remuneradas em feiras livres na cidade de Santa Maria – RS. Os dados da pesquisa demonstram que a totalidade das mulheres

entrevistadas são casadas ou com união estável, todas possuem filhos e acompanham seus maridos nas feiras, participando ativamente da saúde financeira da família.

Os locais onde são realizadas as feiras livres, a infraestrutura precária e a ausência de políticas públicas específicas afetam diretamente suas condições de trabalho das feirantes. A pesquisa também demonstrou que o excesso de trabalho é constante e exaustivo, além das atividades relacionadas a feira, as mulheres desempenham constantemente o trabalho doméstico. Conciliar os afazeres domésticos (o cuidado com a casa, alimentação dos filhos e demais membros da família) com as atividades laborais exercidas nas feiras, exige dessas mulheres um esforço que leva à exaustão. Pois suas rotinas são densas e cansativas, os desdobramentos das atividades das mulheres frente a feira e família muitas vezes não encontram reconhecimento e condições dignas de sobrevivência na sociedade.

Elas são mulheres, feirantes, mães, esposas, donas de casa e empreendedoras, pois buscam constantemente formas de melhorar suas rotinas, buscar espaços melhores de sobrevivência e bem viver. É possível verificar em seus depoimentos o sentimento de pertencimento e felicidade, são mulheres que buscam em seus espaços, melhores condições de vida suas famílias.

Fica evidente que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, sejam elas pelo preconceito desenvolvido historicamente acerca do ser mulher, do lar, do trabalho doméstico e da maternidade como vocação que ainda predominante na sociedade, seja pelo excesso de atividades ou principalmente por falta de políticas públicas que possam estimular ainda mais a participação dessas mulheres em nossa sociedade.

Ainda que a mulher enfrente diversos tipos de ameaças e julgamento pelo fato de ser mulher, ela tem ocupado espaços e se destacado em seu ambiente de trabalho. Nas feiras livres e no mercado de trabalho, elas encontraram uma forma de fazer negócio e enfrentar limites conquistando o respeito das pessoas e reconhecimento social.

Nossa literatura tem avançado ao compor pesquisas científicas que se debruçam acerca da mulher e sua constituição histórica ao redor do mundo, discussões sobre a invisibilidade imposta às mulheres, da manutenção desse subjugar garantida pelos discursos familiares, religiosos e sociais. A sutileza do preconceito, o passar despercebido do humor, das brincadeiras, a invocação do ser mulher, mãe e esposa por vocação e assim exercer trabalho doméstico, não remunerado e reconhecido como trabalho legítimo e digno de remuneração.

Não obstante, a ideia de vulnerabilidade remetida ao feminino, para além dos desafios cotidianos enfrentados pelas mulheres, encontra força e espaços de resistência que demonstram

uma possível mudança social alinhada a construção das identidades e territorialidades de igualdade e equidade, dentre as quais encontramos aqui nas feiras livres de Santa Maria – RS.

## Referências

AGUIAR, C.; CARVALHO, A. M. Agricultura como utilizadora de diversidade genética: cultivares, variedades, raças e recursos silvestres. **Cultivar**, p. 21-26, 2017.

ANDRADE, M. M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ANZORENA, C. Demandas feministas y políticas públicas: reflexiones en torno a los límites del Estado. In: ACTAS SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis. Disponível em: <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498764465\\_ARQUIVO\\_Anzorena\\_Texto\\_completo\\_MM\\_FG\\_VF.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498764465_ARQUIVO_Anzorena_Texto_completo_MM_FG_VF.pdf)>. Acesso em 14 jan. 2021.

ARAÚJO, A. R. de M.; MOURÃO, F. T. **Trabalho da Mulher**: mitos, riscos e transformações. São Paulo: LTR, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, A. M. **Curso de Direito do Trabalho**. São Paulo: LTr, 2010.

BUENO, A. L. M.; LOPES, M. J. M. Mulheres rurais e violências: leituras de uma realidade que flerta com a ficção. **Ambient. soc.**, São Paulo, v. 21, 2018.

CARVALHO, A. V. de. Violência contra a mulher no meio rural brasileiro: uma revisão integrativa. **Aletheia**, v. 52, n. 2, 2019.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira Educação*. 2003, n.23, pp. 36-61. ISSN 1413-2478. Acesso em 03 de fev. de 2021.

COUTINHO, E.P, NEVES, H.C.N, SILVA, E.M.G. Feiras livres do brejo paraibano: crise e perspectivas. In: Anais do 44º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Fortaleza: SBESR; 2006. p.1-12.

FERNANDES, J. A. T.; CAMPOS, F. de; SILVA, M. O. da. Mulheres empreendedoras: o desafio de empreender. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, 2013. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/24/familia-trabalho.html>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KUHN, E. O. Apareceu a Margarida? História e representações sociais de mulheres camponesas no ms: um estudo sobre gênero e trabalho (1986 A 1994). *Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades*, **Anais...** 2010. Disponível em:

[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278256088\\_ARQUIVO\\_formularioFazGenero.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278256088_ARQUIVO_formularioFazGenero.pdf). Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade, Educação**: uma perspectiva pós estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. Disponível em:

<https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/e-books/secao-1-10-32-de-de-finibus-bonorum-et-malorum-escrita-por-cicero-em-45-ac>. Acesso em: 26 jan. 2021.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2000.

MARTINEZ, L. **Curso de direito do trabalho**. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 2005.

MICHEL, M.H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. 2018. **OIT**: participação das mulheres no mercado de trabalho ainda é menor que dos homens. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oit-participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-ainda-e-menor-que-dos-homens/>>. Acesso em: 02 de jan. de 2021.

NASCIMENTO, A. M. **Curso de Direito do Trabalho**: história e teoria geral do direito do trabalho e relações individuais e coletivas de trabalho. 26. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

ONU. **Progress of the world's women - 2019 - 2020**. United States: UN Women. 2020. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Progress-of-the-worlds-women-2019-2020-en.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2021.

PINZANI, A. Teoria crítica e justiça social. **Civitas**. v. 12, n. 1, 2012, p. 88-106.

PIRERENNE, H. **Economic and Social History of Medieval Europe**. New York: A Harvest Book, 1936.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I.M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I.M. (Coord.). **Como elaborar trabalhos de monográficos em contabilidade**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2003.

RAWLS, J. **Justiça como equidade: uma reformulação**. Editora: Martins Fontes, 2003.

SARAIVA JUR. **CLT Saraiva e Constituição Federal**. 55ª ed., São Paulo: Sairava, 2022.

SARTI, C. A. A. **Família Como Espelho**: Um Estudo Sobre a Moral dos Pobres. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em:

<<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>>. Acesso em 14 de jan.de 2022.

SILVA, W. de F. **Empreendedorismo Feminino no Município de Picos Piauí**. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Piauí. Picos - PI, p. 21. 2013.

SOUZA, E. M., CORVINO, M. M. F., & LOPES, B. C. Uma análise dos estudos sobre o feminino e as mulheres na área da Administração: a produção científica brasileira entre 2000 a 2010. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 67, dez., 2012.

## 4 ARTIGO 3 — AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS FEIRANTES: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E EMOÇÕES DOS AGRICULTORES DAS FEIRAS LIVRES DE SANTA MARIA-RS

**Resumo:** O objetivo do presente estudo, é demonstrar as percepções e emoções dos feirantes que desenvolvem parte de suas atividades laborais nas feiras livres da cidade de Santa Maria – RS, onde atuam em condições de trabalhos que os tornam vulneráveis a diversos impactos, como os sociais, psicológicos, econômicos e principalmente os físicos, inerentes a sua atividade que desempenham semanalmente. O estudo teve como objetivo norteador analisar e descrever as condições de trabalho dos feirantes, frente suas percepções e emoções e de que forma estes fatores contribuem para a sua qualidade de vida. Realizou-se um estudo qualitativo, exploratório com 18 feirantes, mediante entrevista semiestruturada, com análise de conteúdo, que evidenciaram que os fatores ambientais como condições estruturais inadequadas pela falta de estrutura básica (higiene, climatização e água) afetam diretamente a qualidade de vida, interferindo diretamente no processo saúde-doença. A desvalorização por parte da gestão pública e por parte de um segmento de consumidores também foram apresentados que proporcionam emoções negativas aos feirantes. Além da falta de tempo para atividades físicas esportivas ou de lazer, devido a extensa carga de trabalho e ao baixo poder econômico, são os principais motivos de insatisfação no trabalho. Aspectos como a autonomia no trabalho e a satisfação de trabalhar no que gosta, foram fatores que apresentaram resultados positivos e que geram emoções de caráter satisfatório.

Palavras-chaves: Condições de trabalho, feiras de Santa Maria, Percepção dos Feirantes.

**Abstract:** The objective of the present study is to demonstrate the perceptions and emotions of the marketers who develop part of their work activities at the street markets in the city of Santa Maria - RS, where they labor in working conditions that make them vulnerable to various impacts, such as social, psychological, economic and mainly physical, inherent to their activity that they perform weekly. The study aimed to analyze and describe the working conditions of the marketers, in view of their perceptions and emotions and how these factors contribute to their quality of life. A qualitative, exploratory study was carried out with 18 marketers, through semi-structured interviews, with content analysis, which showed that environmental factors such as inadequate structural conditions due to the lack of basic structure (hygiene, climatization and water) directly affect the quality of life, interfering directly in the health-disease process. It was also shown that the devaluation by the public management and by a segment of consumers provides negative emotions to the marketers. In addition to the lack of time for physical or leisure activities, due to the extensive workload and low economic power, are the main reasons for dissatisfaction at work. Aspects such as autonomy at work and the satisfaction of working on what one likes were factors that showed positive results and generated emotions of a satisfactory nature.

**Keywords:** Working conditions, Street Markets of Santa Maria, Marketers' Perception.

### 1 Introdução

*De que são feitos os dias?  
- De pequenos desejos,  
vagarosas saudades,  
silenciosas lembranças.  
Cecília Meireles*

A depender da perspectiva, a partir de uma epistemologia particular, a palavra “trabalho” assume diversos significados e materializações. Na pesquisa de Zanelli et al (2010) sobre os significados que rodeiam tal palavra, trabalho assume um significado negativo, voltado ao sofrimento, esforço doloroso, tortura, porque a base semiótica da palavra é constituída a



compreensão de que a atividade laborativa é vista como alienação em diversas esferas: econômica, política e social. Ainda, é possível ir mais além, quando os teóricos correlacionam o significado de trabalho à exploração e à deterioração da qualidade de vida de um indivíduo. Logo, trabalhar significa gastos de energia física e de energia psíquica, levando a resultados quase nulos.

Contudo, ao se ampliar o significado de “trabalho”, de acordo com Bordanave (1999), há uma relação entre ser humano e natureza, na qual o homem intervém no ambiente, por meio de esforço físico e/ou psíquico, qualquer que seja a natureza do trabalho.

Hall (2004) já parte de uma perspectiva orgânica, ao afirmar que o trabalho é um fenômeno intrinsecamente ligado à vida do indivíduo. Este fenômeno é paradoxal, pois carrega consigo diversos traços como a expressão de vida e degradação, a criação e infelicidade, atividade vital e a escravidão e afins. O trabalho, na visão do autor, torna-se um mecanismo referencial para organização da vida tais como horários estabelecidos, relacionamentos para manutenção, obrigações diversas, etc.

Borges (1998), em relação aos autores já citados, expande a perspectiva para a conceituação de trabalho. Ao usar abordagens externas, como a sócio-histórica e dinâmica, e interna, como a cognição subjetiva, o autor caracteriza o trabalho como um fenômeno que varia a depender do tempo histórico e dos aspectos culturalmente compartilhados.

Independente da polaridade do significado do trabalho, seja positiva ou negativa, e de suas transformações epistemológicas que surgem no decorrer na história, o trabalho se posta como constante na existência humana, ao se materializar como uma das atividades mais importantes e fornecedoras de diversos significados para a constituição do cotidiano. Por exemplo, ao se pensar na autoestima de um indivíduo, o trabalho torna-se elemento vital, porque se apresenta como ocupação, como atividades diárias que almejam à satisfação de necessidades básicas e motivacionais (ZANELLI; SILVA, 2008).

Reiterando Hall (2004), a pertinência do trabalho na vida de um indivíduo se torna um ordenador do dia, a partir de uma agenda a ser realizada pelo homem durante seu dia. Por um lado, a peculiaridade do trabalho na vida humana pode ser concebida como a procura pela ordem. Por outro, Senge (1999) afirma que o trabalho é capaz de prover ritmo frenético e sincronidade social, ao disponibilizar tempo e espaço restritos para aprimoramento e reflexão sobre suas vidas.

Os autores mencionados, apesar de diferentes visões acerca do trabalho, entram em consenso em relação à constância e a à pertinência do tema na vida das pessoas. A partir dessas características, o trabalho ocupa lugares físicos e psicossociais na vida do indivíduo. Por conta

disso, o desemprego é capaz de desorientar, deprimir e desestruturar emocionalmente o ser humano, inculcando sentimentos de inutilidade e falta de contribuição. Para compensar pelo acréscimo de sentimentos negativos, o ser humano busca em substâncias (lícitas e ilícitas) para atenuar a dor existencial do desemprego, já que este causa certa ausência de organização, característica que é primada pela sociedade. Nasce-se e morre-se dentro de instituições de trabalho, a organização de sociedades humanas tem como base o trabalho (HALL, 2004).

Teixeira e Pereira (2008) discutem as relações transversais da realização do trabalho. O indivíduo que trabalha, suas ações e realizações, são influenciados pela formação singular, em relação aos conteúdos subjetivos e de herança genética, e pelo meio ambiente que cerca cada um. Satisfazer-se em relação ao trabalho é ligado, diretamente, como o indivíduo se enxerga como expectante de si e do ambiente. Os autores, então, concluem que o sentido dado ao valor do trabalho se forma a partir do ambiente de execução do trabalho e de seus valores pessoais.

É necessário que se aprofunde no conceito de trabalho. É o que Donkin (2003) oferece ao constatar a existências de trabalhos de baixa-renda, cujas realizações laborais não proporcionam o suficiente para a existência. Por outro lado, há indivíduos que, mesmo em nível estratégico semelhante, ganham até 150 vezes mais em relação àqueles que trabalham como seus subalternos. Desse esforço, Vecchio (2008) afirma que todo trabalho, em maior ou menor grau, envolve esforço físico e intelectual. Ao privilegiar apenas o trabalho intelectual, há favorecimento de interesses e desprezo a evidente ligação do pensar e do fazer no trabalho e os resultados para a saúde psíquica do indivíduo. Forma-se, então, uma dicotomia entre pensamento e ação e tal produz consequências: sentimentos de alienação no sujeito-trabalhador.

Ao trazer tais autores, o objetivo do estudo é o enfoque a fatores relacionados ao trabalho e as formas de contribuição para a qualidade de vida de feirantes, organizado em feiras livres na Cidade de Santa Maria/RS. Justifica-se tal estudo pelo entendimento de que as condições de trabalho tornam os feirantes vulneráveis às condições físicas, psicológicas, econômicas e sociais, resultando em consequência ou positivas ou negativas.

## **2 Revisão da literatura**

Muitas sensações emanam das feiras livres por meio de cheiros, cores e sons. Os diversos temperos, frutas, pães e flores distribuídos no local estimulam sentidos e, a depender dos horários, já anunciam as boas oportunidades ali comercializadas, as quais capturam o foco de atenção de indivíduos pela diversidade de sabores, formas e texturas. Mesmo que o produto possa parecer o foco de atenção da realidade organizada de uma feira, é o feirante e o processo

de seu trabalho, de sua história e de sua identidade que fazem nascer produtos e, no processo de venda, criam laços com seus clientes.

Esses laços não apresentam, de forma explícita, as condições de vida e as condições de trabalho dos feirantes. Eles desenvolvem suas atividades em circunstâncias de trabalho que os tornam vulneráveis a impactos sociais, econômicos, psicológicos e físicos, inerentes à atividade informal que desempenham. As feiras livres, em geral, apresentam problemas como saneamento deficiente, falta de estrutura física adequada (no que se refere à dimensão espacial e a equipamentos de uso coletivo), comercialização de produtos sem diferenciais competitivos, falta de segurança, entre outros aspectos que incidem diretamente na qualidade de vida do feirante frente às condições de trabalho que eles enfrentam nos locais das feiras livres.

As feiras são caracterizadas por inúmeras peculiaridades, como espaço e modo próprios de operação financeira e, também, relações interpessoais marcadas culturalmente pela região da própria feira. Sobre esta última característica, é notória a diversidade identitária dos sujeitos que constituem as feiras, no *continuum* agricultores, feirantes e consumidores, pois, em um espaço que normalmente é coberto por uma lona e que se sustenta sobre estruturas de metal, as relações entre os sujeitos transcendem a simples troca de bens e serviços: há identidades sendo traduzidas; ao mesmo tempo, também é traduzida uma forma de ocupação do espaço público (MACHADO, 2011).

Segundo Marx (1993), trabalho é, genericamente, a capacidade de transformar a natureza para suprir as necessidades humanas. Codo (1997, p. 26) define o trabalho como “uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza, geradora de significado”. O significado do trabalho faz referência às representações que o sujeito tem de sua atividade e o valor que lhe atribui (MORIN, 1996; TOLFO; PICCININI, 2007).

Assim, para enfrentar esse desafio de melhorar a qualidade de vida e as condições de trabalho da população rural, evitando o êxodo e as desigualdades sociais, a alternativa é aperfeiçoar continuamente os serviços prestados através de políticas públicas adequadas. Para tanto, é imprescindível identificar quais os fatores que podem explicar a qualidade de vida dos agricultores familiares e quais são as condições de trabalho, que estes possuem, no intuito de traçar estratégias capazes de alavancar sua permanência no campo e proporcionar melhorias em suas condições de trabalho diário (KREIN, 2010).

Acrescentam-se ainda, como agravante, típicas situações – como extensas horas de trabalho, acúmulo de tarefas, exposição a condições ambientais adversas, tempo reduzido ou ausência para o lazer, entre outros fatores –, as quais podem afetar (in)diretamente o trabalho dos feirantes.

O trabalho é uma atividade na qual nossos aspectos físicos e psíquicos estão diretamente relacionados e podem estar tanto em equilíbrio desenvolvimento e satisfação, quanto podem estar ou causar tensão, insatisfação, desajustes de condutas e adoecimento do trabalhador (DEJOURS; JAYET, 1994).

Nos últimos anos, dadas as transformações nos processos produtivos, as relações entre trabalho, estresse e suas repercussões sobre a saúde mental dos trabalhadores têm sido abordadas em estudos com abordagens metodológicas diferenciadas (CODO, 1997). Assim, a concepção que se adota para este trabalho é devedora de uma literatura que compreende as pessoas em interações simbólicas como construtoras dos processos administrativos e suas condições de trabalho. Tais interações são necessárias para situar seus lugares, suas regras<sup>1</sup>, seus valores, suas crenças e suas metas, os quais são definidos de um modo autônomo ou heterônomo. Ainda, parte-se do pressuposto de que tais processos encontram sua racionalidade interna e singular nos métodos práticos, criados, apropriados e partilhados pelas pessoas envolvidas, fazendo das feiras livres, no caso, realidades organizadas (SATO, 2012).

O trabalho desenvolvido na agricultura familiar<sup>2</sup> é de suma importância para a economia, assim como para toda população. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, este segmento produz cerca de 70% dos alimentos consumidos diariamente pelos brasileiros, ocupando quase 72% da mão de obra do campo (BRASIL, 2019). No Rio Grande do Sul (RS), 27% da área territorial são ocupados por estabelecimentos da agricultura familiar, empregando 12,7% da população gaúcha (IBGE, 2016). Com exceção da região campeira, as demais áreas apresentam relevo montanhoso dificultando o cultivo dos alimentos com máquinas agrícolas. Além disso, os alimentos produzidos na agricultura familiar são, em sua maioria, frutas, verduras e legumes, os quais são volumosos ou frágeis, impossibilitando o cultivo e a colheita com máquinas. Deste modo os produtores rurais acabam utilizando ferramentas rudimentares e maior mão de obra braçal nas atividades.

As precárias condições de trabalho da agricultura familiar tem sido um dos principais motivos que tem levado muitos agricultores a abandonarem esta atividade e optarem pelo trabalho em indústria. Segundo as pesquisas de Camarano e Abramovay (1999), a partir da década de 1960 tem aumentado a taxa de migração do meio rural para o meio urbano.

---

<sup>1</sup> As regras de funcionamento da feira focalizada neste estudo estão estabelecidas no Decreto Municipal nº 094/2013 da Prefeitura Municipal de Santa Maria – RS.

<sup>2</sup> Na agricultura familiar ocorre a produção de alimentos através do trabalho realizado pelos membros de uma família, geralmente caracterizada pela policultura em lotes de 5-50 hectares, mesclando atividades de subsistência, produção comercial e, não tão significativa, integração agroindustrial (BRUMER, 2004).

Neste contexto, percebe-se o dispendioso tempo dedicado ao trabalho na agricultura familiar e o certo desprezo dos jovens às características das atividades nesse setor. Essas questões se correlacionam com a qualidade de vida no trabalho (QVT). Conforme Schuch (2001), a QVT tem por finalidade humanizar as relações de trabalho, mantendo relação com a produtividade e a satisfação do trabalhador em seu ambiente de trabalho. O autor acrescenta que a QVT está relacionada à condição de vida no trabalho, ao bem-estar, à saúde e à segurança do trabalho. Walton (1973) afirma que a QVT depende de oito fatores: compensação justa e adequada; condições de segurança e saúde no trabalho; utilização e desenvolvimento de capacidades; oportunidades de crescimento e segurança; integração social na organização; garantias constitucionais; trabalho e espaço total de vida; e relevância social da vida no trabalho.

### **3 Método**

O presente estudo tem caráter qualitativo, pautando-se em entrevistas em profundidade (BAUER e GASKELL, 2008) de trabalhadores rurais que atuam nas feiras livres da cidade de Santa Maria – RS. Foram entrevistados 18 feirantes que foram convidados a integrar o estudo. As entrevistas foram marcadas com agendamento com cada um dos participantes, no intuito de conhecer como o feirante percebe o seu trabalho, com ênfase nos aspectos condições de trabalho e qualidade de vida.

Buscou-se, primeiramente, construir uma relação de confiança entre as partes, iniciando com uma ampla explicação sobre o objetivo da pesquisa e o sigilo das informações para diminuir as barreiras e tensões por parte dos feirantes entrevistados. Utilizou-se de um roteiro semiestruturado de entrevista, contendo as seguintes questões norteadoras: (1) para você, como é trabalhar em feiras livres na cidade? (2) qual é a sua percepção sobre os locais que você atua como feirante? (3) existe apoios governamentais para o seu trabalho como feirante? (3) quais sentimentos você tem em relação ao seu trabalho? (4) o que você e outros agentes externos poderiam fazer para melhorar as condições de trabalho dos feirantes?

As respostas dos feirantes entrevistados foram submetidas à análise de conteúdo. Neste estudo, os documentos escolhidos são o produto das entrevistas com os participantes, as quais foram gravadas, transcritas e organizadas para análise, separadamente por cada grupo originando o corpus textual de cada grupo (BARDIN, 2011).

Na sequência, deu-se a leitura, análise e exploração do material obtido. Nesta segunda fase realizou-se a elaboração de indicadores, os quais são revelados pela derivação de temas existentes no corpus textual do grupo analisado, convergindo para a definição de categorias

temáticas a posteriori. Cada categoria é composta por unidades de registro, unidades mais elementares de identificação de conteúdo e significados, as quais são alocadas na categoria temática por semelhança de assuntos abordados, colaborando para representar a variedade e complexidade dos assuntos contidos em uma categoria temática, e permitindo a atribuição de um nome para a categoria temática condizente com seu escopo. A última atividade executada foi o tratamento dos dados obtidos e a interpretação.

## **4 Resultados e discussões**

### **4.1 O significado do trabalho como feirante**

De que são feitos os dias dos feirantes? Quais seus desejos, suas saudades, suas lembranças? Quais são suas necessidades? Na busca de compreender as condições de trabalho dos feirantes, busca-se inserir na ordem do discurso a sua voz. A conversa, a escuta, os silêncios e afetos atravessam a constituição do corpus de pesquisa.

Nesta busca, cabe destacar o alinhamento da pesquisa com o pensamento de Rego e Pinzani ao descrever que "a linguagem é uma instituição social na qual é possível articular as experiências de sofrimento e que implica a existência da comunidade de falantes e agentes que se reconhecem reciprocamente" (2013, p. 31).

Os resultados mostram que dos dezoito feirantes participantes 11 (onze) são homens e 07 (sete) são mulheres, destes todos comercializam seus produtos nas feiras livres na cidade, há pelo menos 3 anos. Todos os entrevistados trabalham sozinhos ou em conjunto com algum membro da família, sem vínculo empregatício entre eles, em sua maioria o casal ou um filho.

Conforme a fala do Entrevistado 16, a relação entre o campo e a cidade:

Faz parte do processo, de nada adianta plantar se não conseguirmos vender, faço isso já a nove anos, gosto de vir para a cidade, tenho clientes que compram aqui e que entrego nos locais, falta infraestrutura, falta acomodação, falta o básico, conseguir um ponto de luz ou acesso a internet é muito difícil e isso tudo complica nosso trabalho. Mas eu me sinto bem no que faço, apesar de todas as dificuldades (Entrevistado 16).

Percebe-se que as questões motivacionais relacionadas ao pertencimento em ser feirante, são presentes em suas falar, mesmo que as condições ambientais e de higiene sejam adequadas e que interferem diretamente em suas condições de trabalho, os feirantes buscam não só atender suas necessidades financeiras, mas sim também suas necessidades de autoestima e sociais.

Assim, ao serem indagados sobre os aspectos de como se sentem ao realizar o trabalho de feirante, obteve-se relatos que evidenciam muito mais do que as condições ambientais dos locais de trabalho, e sim seu orgulho e sentimento de pertencimento das funções das quais exercem diariamente. Pode-se perceber esse sentimento nas palavras do Entrevistado 4 ao narrar parte da sua rotina.

A vida de agricultor feirante, não é nada fácil, mas sinto-me satisfeito a cada feira que realizo, pois consigo ver o fruto do nosso esforço diário, sendo recompensando quando cada cliente leva nossos produtos, principalmente quanto vem junto com um elogio sobre a qualidade dos nossos produtos (Entrevistado 4).

Cada um dos feirantes possui em sua história de vida, traços de suas origens familiares, fatos estes que revelam fortemente uma cultura familiar, que é repassada por gerações. Conhecimento e negócios muitas vezes herdados de geração para outra, sempre envolvendo os mais diversos vínculos familiares e afetivos. Estes feirantes foram inseridos e apresentados ao mundo do trabalho ainda muito jovens ou até mesmo em sua infância ou adolescência, devido à necessidade de auxiliar sua família com condições financeiras. Observa-se essa questão a seguir:

É difícil, não é nada fácil “meu filho”, mas é preciso, difícil porque nem sempre os fregueses reconhecem o trabalho que dá, produzir o que vendemos. O preço dos nossos produtos (queijo) é comparado com os do mercado. Mas mesmo assim, me sinto feliz, sabe. Porque tem muitos fregueses que viram amigos, que compram e reconhecem nosso trabalho, e isso me faz bem, me sinto valorizada e feliz (Entrevistada 7).

Cada feirante possui em sua história de vida traços da origem ou manutenção da vida. Tais fatos revelam os traços do trabalho familiar fortemente presentes na feira. Negócios herdados de uma geração para outra e que, quase sempre, envolvem vínculos familiares. Essas pessoas foram apresentadas e inseridas no mundo do trabalho ainda quando crianças ou adolescentes, remetendo esse fato à necessidade de auxiliar financeiramente a família. A seguir percebe-se a partir do pensamento do Entrevistado 8 e da Entrevistada 11.

Não me sinto muito bem não em trabalhar nas feiras, prefiro ficar na propriedade cuidado das coisas, mas precisamos vir quase todos os dias, por que senão não vende, não gosto de muito tumulto, a cidade é muito complicada, mas é necessário (Entrevistado 8).

Eu adoro ir para feira, aqui me sinto bem, pego produtos dos vizinhos e de outros produtores, e revendo, adoro ver gente, conversar, me sinto muito feliz aqui na praça. Sinto muita falta, quando não tem feira. Trabalhar na feira para mim é uma realização, me faz sentir viva, isso que já tenho 62 anos. Mesmo com um dia quente, é melhor ficar aqui ao ar livre do que em casa, espero ter saúde para continuar a trabalhar aqui,

não penso em ficar rica, com o que faço, só não posso perder, senão não posso continuar (Entrevistada 11).

As questões do mundo do trabalho estão intimamente ligadas aos fatores econômicos e seus desdobramentos na vida em sociedade. O desenvolvimento social constituído historicamente, fruto das injustiças econômicas pode ser pensado a partir dos escritos de Fraser (2006) que discute as coletividades ambivalentes e para tal utiliza-se do exemplo das questões relacionadas ao gênero, assim como de raça, englobando questões econômicas e culturais.

Entre as diversas facetas do significado do trabalho, a busca por sua compreensão alinhada a temática do contexto campesino, estabelece um alinhamento direto entre a produção, o viver e manejo familiar, ao considerar que: “Na longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência, pela conquista da dignidade, humanidade e felicidade social, o mundo do trabalho tem sido vital” (ANTUNES, 2004, p. 7). Apesar de toda a problemática existente nas feiras em questões de infraestrutura, os feirantes relataram ter prazer em trabalhar e gostam do local e da atividade que desempenham.

#### 4.2 Condições de trabalho

Percebe-se que as condições sobre os locais de atuam como feirantes são os que mais demonstram insatisfação, segundo demonstram os relatos, como do Entrevistado 1:

Falta tudo, aqui na feira, não tem local para estacionar o veículo, sem pagar parquímetro, temos que deixar longe do nosso gazebo, não tem água com fácil acesso, sem falar que banheiro não existe, tem que contar com a sorte de não precisar (Entrevistado 1).

Os relatos das condições de trabalho foram os que mais apresentaram como fatores negativos e que interferem diretamente na qualidade de vida dos feirantes entrevistados, a falta de banheiros aparece em quase todas as falas, além das condições climáticas (como calor, frio e dias de chuva). E estes fatores evidenciados, interferem em condições básicas, como sono, estresse e fadiga, como relataram os entrevistados abaixo:

Precisa de muita coisa ainda, temos que trazer tudo, cadeiras, mesas, extensão e o toldo, ainda não recebemos da prefeitura o gazebo, estamos na fila para receber. Mas é bem complicado o local, tentamos deixar tudo organizado, na saída, mas nem lixeira temos próximo. A falta de um local mais adequado faz falta, para quem opta como a gente em fazer feira nas ruas e nas praças. Espero que isso mude, mas faz tempo que sempre foi assim (Entrevistado 6).



Mudam muito os locais que ficamos, acho que precisa ter mais referência no local, tanto para nós feirantes, quanto para nossos consumidores. O local é muito quente e barulhento, tanto aqui no pavilhão quanto nas praças, mas aqui é melhor porque não precisamos ficar debaixo da lona em dias quentes como hoje (Entrevistada 18).

As condições de trabalho se configuram como as principais responsáveis pela insatisfação com o trabalho, visto que suprimem desses feirantes outras dimensões do seu ciclo vital, imprescindíveis para a sua autorrealização, e logo para sua qualidade de vida no trabalho e em sua saúde. A satisfação com o trabalho influi fortemente no trabalho do feirante, podendo repercutir em sua saúde, reduzindo chances de inúmeras doenças decorrentes ao trabalho (CARVALHO e AGUIAR, 2012).

No decorrer das entrevistas, buscou-se verificar quais agentes externos poderiam estar mais presentes, oscilando o desenvolvimento das condições de trabalho dos feirantes, e as falas se concentram muito em ampliação de políticas públicas voltadas para agricultura familiar e uma participação mais efetiva dos poderes municipais, principalmente relacionados às questões de melhorias na infraestrutura dos locais onde são realizadas as feiras livres.

Para o poder municipal, o feirante titular é o proprietário da unidade produtiva, a banca, que uma vez legalizada, tem direito de ser instalada em diversas feiras previamente determinadas no decorrer da semana. A partir dessa simples definição, diversas relações de trabalho são criadas.

Aspectos como qualificação profissional para comercialização dos produtos e processos de melhorias comunicacionais, foram presentes em falas como as dos entrevistados 12 e 17 respectivamente: "poderíamos receber apoio de instituições que proporcionassem uma melhoria comunicacional de nossos produtos, locais e nossa história, tem tantas escolas que poderiam auxiliar a gente!". Ou como relata seu colega feirante (entrevistado 17) "falta maior visibilidade das feiras, produzimos com qualidade e com amor, para manter a saúde das pessoas, mas poucos ainda sabem".

Os indivíduos frequentemente são reconhecidos pela profissão que exercem ou exerceram, constituindo o trabalho como fonte de realizações, gratificações pessoais e reconhecimento (SILVEIRA, 2019). A saúde do trabalhador, como espécie da saúde em geral, é um direito humano e, como tal, é inviolável (SILVA, 2022). Compreender o que é o trabalho e sua importância na construção da sociedade e da identidade dos indivíduos perpassa pelo entendimento de como a saúde e a doença das pessoas podem ser influenciadas pelas atividades que elas exercem.

A qualidade de vida tem sido preocupação constante do ser humano desde o início de sua existência, e, atualmente, constitui um compromisso pessoal a busca contínua por uma vida saudável. Assim, percebem-se os inúmeros esforços na tentativa de elucidar esse campo de conhecimento. Definir qualidade de vida como uma forma humana de percepção do próprio existir, a partir de esferas objetivas e subjetivas, é um desses esforços. Porém, para uma compreensão adequada, é preciso que não haja reducionismo acerca desse tema, pois o que se percebe são inter-relações constantes entre os elementos que compõem esse universo. Para melhor entender a área de conhecimento em qualidade de vida, é necessário adotar uma perspectiva ou um paradigma complexo de mundo, pois expressa-se na relação entre o Homem, a Natureza e o Ambiente que o cerca (BARBOSA, 2008).

Apesar do município de Santa Maria, contar com um expressivo número de instituições de ensino superior, além de vários programas de auxílio aos agricultores familiares, percebe-se que a utilização cada vez mais intensa dos saberes tradicionais e do apreender fazendo, é constante na vida destes feirantes, mesmo havendo interação entre agricultores, poder público e instituições organizacionais, os costumes e saberes herdados por gerações, ainda são predominantes.

Conforme aponta Sato (2012) no que se refere à qualificação, o trabalho nas feiras livres, não exige escolarização formal, porém, requer o conhecimento da dinâmica desse comércio e dos tipos de produtos comercializados, conhecimento esse em geral, aprendido no dia a dia de trabalho. Ser feirante é adquirir qualificação de natureza técnica, ou seja, capacidade de conduzir economicamente o seu próprio negócio, mas é também, ou acima de tudo compreender o texto social que o tempo todo está impresso nos pequenos afazeres, mas que não oferece um guia prático ou ordenado.

## **5 Considerações finais**

O vasto campo do trabalho de pesquisa foi se confirmando a cada ida à feira, em visitas que se iniciaram em novembro de 2021. Em cada encontro com os produtores rurais, foram apreendidas muitas informações, percebidos vários cheiros, cores e sons, além de serem despertados sentimentos e emoções. Visualmente, o cenário é permeado não só pela diversidade de produtos, cheiros e sabores, mas também, e principalmente, pelos relacionamentos que ali se concentram. Mesmo antes do raiar do sol, em dias frios ou quentes, é possível escutar e encantar-se com as conversas dos feirantes entre os barulhos dos ferros das barracas sendo

montadas, quando fica evidente o relacionamento entre os produtores, que, em um primeiro olhar, parece ser uma relação de simples concorrência.

Estudar as feiras livres foi espetacular, foi lindo, não pelo simples fato da apreciação estética, vinda das variações das cores, dos aromas e dos sentidos presentes. Os visuais chamativos das mercadorias, aliados à simplicidade de seus comerciantes, são detalhes cativantes neste ambiente de estudo, mais do que sentidos visuais ou olfativos, o sentimento de pertencimento ao mundo rural, é constante neste espaço. A banca organizada e repleta de mercadorias bem distribuídas no início da manhã é um quadro a ser fotografado e registrado, é o elo comunicacional entre feirante e seus clientes, pois é ela que atrai o público. Construir a beleza dá trabalho, mas é o motivo de admiração e de orgulho dos feirantes.

A dimensão estética ou mercadológica comparece como algo previamente arquitetado e como um improviso que a singularidade do lugar oferta, o que vale é a criatividade que continuamente é pensada conforme o comportamento de seus frequentadores. Neste sentido, o ponto de vista do marketing está fortemente presente no trabalho das feiras livres, mas torna apenas essa perspectiva no intuito de neutralizar as inúmeras fragilidades e necessidades apontadas e percebidas pelos feirantes, em relação aos seus locais de trabalho.

Assim, conhecendo o posicionamento atual das feiras livres na cidade de Santa Maria - RS, fica perceptível que lidar com as mudanças de magnitudes muitas vezes desconhecidas por parte dos agricultores familiares, que atuam como feirantes, em relação ao modo de vida e ao modo de trabalho nos espaços urbanos é um processo que requerer, muita adaptação e flexibilização, principalmente como demonstram os resultados que a excessiva carga horária, a falta de infraestrutura adequada, a falta de políticas públicas e a participação e auxílio de agentes externos, influenciam diretamente em suas condições de trabalho, que por sua vez influencia em sua qualidade de vida.

Os fatores ambientais, como condições inadequadas de higiene, exposição ao calor e frio excessivo e poluição sonora, foram os principais atributos destacados pelos entrevistados. Aliado a esses fatores, pode-se perceber que fatores como falta de estímulos ao lazer frente ao excessiva jornada de trabalho, também afetam sua condição de trabalho. Paradoxalmente, a satisfação com o trabalho que exercem é o fator característico em todos os feirantes, a autonomia do trabalho que exercem, configura-se como fator mais constante em suas falas. Assim, apesar de todas as adversidades que podem ser percebidas, o “ser feirante” é um estímulo, que faz com que eles continuem com seu trabalho, um fazer-se feirante que depende de seus conhecimentos repassados e adquiridos em seu local de trabalho, mais do que vender

seus produtos, os feirantes criam vínculos, laços de amizade entre eles e seus clientes, criam conexões, as quais são capazes de superar todas as adversidades dos locais de trabalho.

## Referências

ANTUNES, R. O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural. **Revista THEOMAI/THEOMAI Journal**, número 19, setembro 2009. Disponível em: <<http://www.revista-theomai.unq.edu.ar/numero19/ArtAntunes.pdf>>. Acesso em: 21 de julho de 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1997.

BAUER, M. W.; GASKEL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: P. A. Guareschi. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

BRASIL. **Plano Safra da Agricultura Familiar 2018/2019**. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Publicação Especial do Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/plano-agricola-pecuario/PlanoAgricolaPecurio20182019.pdf/view>. Acesso em: 22 de dez. de 2022.

BORDENAVE, J. E. D. Alguns fatores pedagógicos. In: SANTANA, J. P.; CASTRO, J. L. (Orgs.). **Capacitação em Desenvolvimento de Recursos Humanos CADRHU**. Natal: Ministério da Saúde/Organização Pan-Americana da Saúde/ Editora da UFRN, 1999. p. 261-268,

BORGES, L. **O significado do trabalho e a socialização organizacional: um estudo empírico entre trabalhadores da construção habitacional e de redes de supermercados**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos. **IPEA**, n. 621, 1999.

CARVALHO, J.J; AGUIAR, M.G.A. 2012. Características sociodemográficas e do trabalho de feirantes em Feira de Santana – BA. In: XVI Seminário de Iniciação Científica da UEFS, **Anais...**, Feira de Santana, p.21-22.

CARVALHO, J. J.; AGUIAR, M. G.G.; MASCARENHAS, M.S.; SANTOS, K. O. B.; Percepção de feirantes sobre sua qualidade de vida e seu estado de saúde segundo gênero em Feira de Santana - BA. In: ARAÚJO, T. M. A.; ARAÚJO, E. M. A. (org.). **Análise de problemas sociais e de saúde: contribuições no campo da saúde coletiva**. Feira de Santana: UEFS, 2016. p. 193-220.

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho: em busca do prazer. In: TAMAYO, A.; BORGES ANDRADE, J.; CODO, W. (Eds.) **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1997. p. 21-40.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI. E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DONKIN, R. **Sangue, Suor e Lágrimas**: a evolução do trabalho. São Paulo: MBooks do Brasil, 2003.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. **Cadernos de Campo** (São Paulo, 1991), v. 15, n. 14-15, p. 231-239, 2006.

HALL, Richard H. **Organizações – Estruturas, Processos e Resultados**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 2004.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/d\\_detalhes.php?id=751](http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=751). Acesso em: 22 dez. 2022.

KREIN JD, Proni WM. **Economia informal: aspectos conceituais e teóricos**. 1 v., Série Trabalho Decente no Brasil. Brasília: Escritório da OIT no Brasil; 2010. p. 1-40.

MACHADO, G. M. C. **De “carrinho” pela cidade**: a prática do street skate em São Paulo. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-05062012-160404/pt-br.php>. Acesso em: 09 ago. 2022.

MARX, K. **Os manuscritos econômicos e filosóficos**. Lisboa, Portugal: Edições 70, v. 22, 1993.

MORIN, E. M. L’efficacité organisationnelle et le sens du travail. In: PAUCHANT, T. C. et coll. (Coord.). **La quête du sens: gérer nos organisations pour la santé des personnes, de nos sociétés et de la nature**. Québec: Éditions de l’organisation, 1996. p. 257-286.

REGO, W. L.; PINZANI, A. **Vozes do Bolsa Família**: Autonomia, direito e cidadania. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

SATO L. **Feira livre**: organização, trabalho e sociabilidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SENGE, P. M. et al. **A Quinta disciplina**: caderno de campo — estratégias e ferramentas para construir uma organização que aprende. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

SCHUCH, Claudio. **Qualidade de vida no trabalho: a percepção dos professores da universidade do planalto catarinense**. 2001. 93 f. Dissertação (Mestrado em Administração) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SILVEIRA, Andréa Maria. **Saúde do trabalhador**. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, Coopmed, 2019. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1771.pdf>, acesso em 26 mar. 2022.

SILVA, Jacson Renato da Costa da; BUENO, André Luis Machado; MULLER, Andreia Simone; SCHERER, Juliane de Souza. **Adoecimento mental: interfaces com o ambiente de**

**trabalho durante a pandemia de COVID-19, sob a ótica dos profissionais de enfermagem.** Revista Práxis, 1, 234-250, 2022. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2574/2980>, acesso em 30 abr. 2022

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, ed. esp., v. 19, n. 1, p. 38-46, 2007

VECCHIO, R. P. **Comportamento Organizacional**: conceitos básicos. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

WALTON, R. E. **Qualidade de Vida no Trabalho**: o que é? Sloan Management Review. Cambridge, v. 15, n. 1, p. 11-21, dez. 1973.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**: construção de projetos para o pós-carreira. Artmed: Porto Alegre, 2010.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. **Interação humana e gestão**: a construção psicossocial das organizações de trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

## 5 ARTIGO 4 QUALIDADE DE VIDA DOS FEIRANTES DA CIDADE DE SANTA MARIA-RS COM A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO WHOQOL - BREF

**Resumo:** Ainda que não seja possível definir a qualidade de vida em um único conceito, percebe-se que os autores são unânimes no que diz respeito aos aspectos da subjetividade, multidimensionalidade e a existência de dimensões positivas e negativas da qualidade de vida, assim o estudo, se proposto a analisar a qualidade de vida dos feirantes na cidade de Santa Maria – RS, com a utilização do método WHOQOL- Bref, que permite uma análise rápida e ampla das condições de vida dos participantes, levando em consideração quatro domínios básicos relacionadas a qualidade de vida das pessoas, as quais são: domínio psicológico, domínio social, domínio físico e domínio das relações com o meio ambiente. O estudo foi aplicado e direcionado a feirantes que exercem atividades nas feiras livres durante os dias da semana, totalizando 90 atores participantes deste estudo. O instrumento WHOQOL-Bref composto por 26 facetas, foi aplicado e analisado segundo a percepção dos envolvidos. Onde foi possível verificar os principais fatores que incidem de forma positiva e negativa na qualidade de vida dos feirantes. Os resultados apresentaram uma média satisfatória nos quesitos da qualidade de vida, o domínio com menor prevalência de satisfação foi o relacionado ao ambiente, que envolve as condições de trabalho, onde os feirantes relatam que a falta de condições de infraestrutura afeta diretamente sua qualidade de vida.

**Palavras-Chaves:** Qualidade de Vida, Método WHOQOL-BREF, Condições de trabalho.

**Abstract:** Although it is not possible to define the quality of life in a single concept, it is clear that the authors are unanimous with regard to aspects of subjectivity, multidimensionality and the existence of positive and negative dimensions of quality of life, thus the study, proposed to analyze the quality of life of marketers in the city of Santa Maria - RS, using the WHOQOL-Bref method, which allows a quick and broad analysis of the participants' living conditions, taking into account four basic domains related to the quality of people's lives, which are: psychological domain, social domain, physical domain and domain of relations with the environment. The study was applied and directed to marketers who carry out activities at street markets during the weekdays, totalizing 90 actors participating in this study. The WHOQOL-Bref instrument, composed of 26 facets, was applied and analyzed according to the perception of those involved. Where it was possible to verify the main factors that affect positively and negatively the quality of life of the marketers. The results showed a satisfactory average in terms of quality of life, the domain with the lowest prevalence of satisfaction was related to the environment, which involves working conditions, of which the marketers report that the lack of infrastructure conditions directly affects their quality of life.

**Keywords:** Quality of life, WHOQOL-BREF Method, Working Conditions.

### 1 Introdução

A feira livre como espaço de trabalho faz-se da beleza, da brincadeira e move-se num mundo ritual, o que faz sobressair sua dimensão como espaço de convivência social. (Leny Sato)

A qualidade de vida é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (OMS, 2002) e pelo The WHOQOL Group (1998)<sup>1</sup> como a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais o indivíduo vive e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Essa percepção relaciona-se ao grau de

---

<sup>1</sup> Grupo de qualidade de vida da OMS, formado por especialistas de várias partes do mundo.

satisfação em todos os aspectos da vida: amoroso, familiar, social, ambiental, religioso e a própria estética existencial, abrangendo seus múltiplos significados e dimensões, relacionados à individualidade ou à coletividade.

O universo de conhecimento sobre qualidade de vida expressa-se como uma área multidisciplinar, a qual engloba conceitos que permeiam a vida das pessoas como um todo. Nessa perspectiva, lida-se com inúmeros elementos do cotidiano do ser humano, considerando desde sua percepção e sua expectativa subjetivas sobre a vida até questões mais deterministas, como o agir em sociedade (FLECK et al., 1999).

A qualidade de vida é um tema de expressiva importância acadêmica – daí os múltiplos enfoques e metodologias que vêm sendo desenvolvidos e adaptados por diversos autores. Mais do que trazer respostas, esta pesquisa visa elencar os elementos que permitem enriquecer o debate sobre o cenário de qualidade de vida dos agricultores familiares. Para tanto, o trabalho está fundamentado em enfoques que buscam a produção de conhecimentos em uma perspectiva sistêmica e multidisciplinar. O estudo enfoca os fatores relacionados ao trabalho e às suas contribuições para a qualidade de vida de feirantes que atuam na feira livre da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, por entender que as condições de trabalho podem tornar os feirantes vulneráveis a impactos físicos, psicológicos, econômicos e sociais, podendo constituir riscos à saúde deles.

Portanto, no intuito de promover e colaborar com a qualidade de vida dos agricultores familiares, em especial dos que participam de feiras livres na cidade de Santa Maria – RS, os esforços desta pesquisa serão na direção de aprofundar as compreensões das inúmeras variáveis que podem incidir na qualidade de vida desses atores. Nesse sentido, o processo metodológico a ser utilizado para a realização deste estudo é com base no WHOQOL-100.

Herculano (2000) propõe que a qualidade de vida seja definida como a soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para que estes possam realizar suas potencialidades. Forattini (1991), resumindo, afirma que a qualidade de vida, em sua essência, pode ser reproduzida pela satisfação em viver.

A discussão, a análise e a promoção de feiras livres não configuram uma novidade, porque, desde a Idade Média, a implementação das feiras era comum. No território que se conhece como Roma atualmente, houve o estabelecimento das regras de organização e funcionamento delas a partir de uma intervenção do Estado, o qual assumia o papel de organizar, fiscalizar e cobrar. Já no Brasil, as feiras livres surgiram na era colonial e, desde então, ocorrem em diversas regiões, em especial em partes interioranas, mesmo que haja outros



estabelecimentos comerciais. As feiras brasileiras atuais desenvolvem e promovem atividades de natureza econômica, cultural, educacional e de entretenimento. Ainda, muitas vezes e a depender da localização, elas são a única alternativa comercial para a população (FORMAN, 1979).

Discutir o que é qualidade de vida no Brasil, sobretudo no contexto rural, parece inconveniente, pois trata-se de um país onde a desigualdade social está disseminada. Utilizando a analogia feita por Herculano (2000), só se pode discutir a qualidade do feijão depois de se garantir que haja feijão, ainda que duro ou queimado. No entanto, essas afirmações são muito subjetivas quando se leva em consideração o conhecimento, as características e as necessidades individuais, bem como a diversidade cultural e social da população e em especial da população rural, alvo deste estudo.

Assim, o presente capítulo tem como objetivo analisar a qualidade de vida dos agricultores familiares que atuam em feiras livres na cidade de Santa Maria – RS, visando identificar quais são os domínios físicos mais comprometidos a partir do que for apresentado pelos feirantes em relação a sua qualidade de vida e desta forma, conhecer como se dão as relações sociais dos pesquisados e assim poder verificar quais são os domínios ambientais que interferem na qualidade de vida dos feirantes.

## **2 Revisão de Literatura**

### **2.1 Conceitos e definições sobre felicidade e bem-estar**

O conceito de qualidade de vida tem sido desenvolvido ao longo das últimas décadas, evoluindo de uma concepção mais restrita, normalmente associada a critérios puramente econômicos, para uma concepção que abrange áreas da saúde (física e mental), das relações ambientais, culturais e sociais e de aspectos como a espiritualidade e outras práticas cotidianas.

Encarada como um conceito polissêmico e complexo, a qualidade de vida envolve necessariamente a análise do ser, do pertencer e do tornar-se, que costumam fazer parte de nossas vidas, o que atesta a importância da subjetividade, pois, como seres únicos e particulares, nossa percepção sobre a vida e seus fatores também deve ser considerada. Contemporaneamente, é possível buscar apoio para melhorar a qualidade de vida com o estabelecimento de relações sociais, com exercícios físicos, com espiritualidade ou com auxílio de profissionais que possam contribuir para esse fim.

Na ótica de Paschoal (2008), a qualidade de vida é conceituada a partir da subjetividade humana. Essa compreensão remete ao entendimento de que qualidade de vida é algo muito individual de cada ser humano, ou seja, um conceito subjetivo por natureza, determinado em sua vida cotidiana e dependente, também, da época, da condição e da percepção sobre a vida. Correlaciona-se a um estilo de vida saudável, que difere de pessoa para pessoa, na dimensão espaço-tempo.

Conforme Campos e Coraucci Neto (2008), a qualidade de vida é uma medida de desfecho que tem sido entusiasticamente empregada por clínicos, pesquisadores, economistas, administradores e políticos e está diretamente relacionada com a promoção de saúde. Por sua vez, a promoção da saúde objetiva estimular a qualidade de vida, reduzindo riscos à saúde, no que se refere a seus determinantes e condicionantes. Assim, torna-se relevante avaliar a qualidade de vida dos agricultores familiares que exercem sua atividade econômica nas feiras livres, buscando assegurar condutas de saúde politicamente corretas a fim de melhorar as condições e os estilos de vida desses atores.

Ferreira e Mendonça (2012) oferecem um panorama da transição do foco dos efeitos negativos do ambiente de trabalho para os aspectos positivos da tarefa, a ocupação e a organização, mais contributivos para o bem-estar e a qualidade de vida do trabalhador. A qualidade de vida é definida como um construto multifacetado, que engloba aspectos individuais, relacionais, sociais e culturais.

O conceito de bem-estar envolve dimensões relacionadas ao afeto, à satisfação com a vida e à felicidade (bem-estar subjetivo) e também dimensões cognitivas, entre as quais se destacam a autoaceitação, a autonomia, o propósito de vida, o domínio do ambiente, o crescimento pessoal e as relações positivas com os outros (bem-estar psicológico). A qualidade de vida no trabalho teria um escopo no nível organizacional, ao passo que o conceito de bem-estar estaria no nível do indivíduo. No entanto, já há esforços no sentido de buscar uma articulação entre estruturas de poder organizacional e o bem-estar pessoal nas organizações (DESSEN; PAZ, 2010).

Não é de hoje que há uma preocupação em definir o que seria uma vida de qualidade, que faça sentido e que seja considerada digna e virtuosa em si. As definições propostas frequentemente relacionam-se com alguns parâmetros a serem percebidos, a serem postos em prática, que fazem com que cada indivíduo atinja tal estado qualitativo em sua vida. Na concepção da filosofia clássica, Aristóteles (1973) procura, em sua obra *Ética a Nicômaco*, definir que a felicidade e a qualidade de vida se dariam pela vivência virtuosa do homem. As virtudes capazes de tornar a vida feliz associam-se à necessária educação para o uso racional e

ético das capacidades humanas para realizar atos bons ao longo da vida, ou seja, remetem aos aspectos internos do sujeito. Tais critérios, porém, não parecem ser os mais aplicados atualmente nessa avaliação.

Alves (2014, p. 104), ao analisar os conceitos de felicidade e de vida virtuosa em Aristóteles, comenta:

[...] aquilo que para Aristóteles era relativizado e colocado em segundo plano como fundamento da felicidade, ou seja, a opinião do povo em geral, que acreditava na riqueza e na vida dos prazeres, são atualmente as situações de vida mais almejadas e valorizadas como garantia de felicidade e realização.

No contexto da filosofia grega clássica, não era possível desvincular o conceito de felicidade da noção de ética. Filósofos como Aristóteles descreveram o ser humano como uma espécie fundamentalmente social, dependente do convívio coletivo. Para Aristóteles (2003), feliz é aquele indivíduo que se encontrou consigo naquilo que possui como potência máxima de realização e, ao fazer essa descoberta, realizou plenamente os atributos que são seus. Esses atributos, por serem apenas seus, distinguem-se dos atributos dos demais. Na medida em que tal indivíduo realiza plenamente aquilo que é sua parte na constituição do todo, alcança a felicidade e, ao mesmo tempo, alcança também a plenitude da ética, ou seja, sua realização plena. O que lhe conferir a felicidade é também o seu modo de contribuir para o equilíbrio do todo — em última análise, para a realização dos demais.

A questão da felicidade está inserida em todas as dimensões da vida humana. Na história do pensamento, desde os primeiros filósofos até os atuais, é recorrente a discussão sobre o que significa a felicidade, quais as tensões e as relações existentes entre ela e a ética e se existe algum meio para se alcançar essa meta fundamental da existência. Filósofos como Aristóteles, Epicuro, Sêneca, entre outros, consideraram que a felicidade é o grande bem da vida, para o qual todos os indivíduos direcionam suas energias.

A felicidade é descrita como um conceito subjetivo, sendo definido por perspectivas pessoais e culturais diferentes de sociedade para sociedade. Existem correntes teóricas que acreditam que a felicidade é a busca constante por prazer e satisfação. Outros pensadores entendem esse conceito como ausência de dor e sofrimento. Há, ainda, estudiosos que compreendem a felicidade como uma busca do indivíduo pelo equilíbrio na vida, pelo sentido de sua existência, de modo a viver com paz e prosperidade (SNYDER; LOPEZ, 2009).

Epicuro (1999), filósofo do período helenístico, pensava que a felicidade, enquanto bem supremo da vida humana, só poderia ser adquirida por meio da vivência de prazeres, no âmbito

da matéria. Considerando que o pensador negava a dimensão da realidade para além da matéria concreta, isto é, seu pensamento constituía-se a partir da realidade física e do que pode ser obtido concretamente, ele negava, assim, a dimensão abstrata da fé em realidades que estejam para além dos sentidos. Epicuro (1999) vinculou a felicidade ao fazer humano, à prática de experiências que fossem mais prazerosas do que dolorosas e à análise racional reflexiva como ferramenta de discernimento, útil no sentido de se escolher aquilo que proporciona mais prazer do que dor.

A forma como a sociedade constitui historicamente seus valores e normas de conduta determina também o modo como serão definidas suas noções de felicidade e de infelicidade. No contexto grego, a formação ética voltou-se para a ideia de que a sociedade é composta de cidadãos que participam, de algum modo, do destino do local onde vivem (KANT, 2007).

De modo geral, pode-se afirmar que a filosofia kantiana propôs-se a buscar alternativas que fossem críticas no sentido mais específico da palavra, isto é, que realizassem a análise livre articulando pontos conflitantes para formar ideias que fossem autênticas e originais, ainda que não afirmasse nada completamente desconhecido. Kant, com seu pensamento crítico-sintético, foi capaz de desenvolver um tipo de filosofia moral que esteve entre as grandes correntes filosóficas da modernidade, mas ele não aderiu a nenhuma delas plenamente, pois articulou livremente as peças de modo a reinventar as noções de ética e de felicidade.

Para Kant (2007), a formação ética passaria por um processo em que o indivíduo fosse inicialmente conduzido de fora, de forma heterônoma, e aos poucos fosse conquistando condições de agir por si mesmo, determinando suas ações a partir de escolhas livres. Na perspectiva do autor, o processo de emancipação da razão e a construção de indivíduos livres constitui o objetivo central da formação humana, ao passo que a formação destinada à submissão intelectual representa a estagnação do processo evolutivo da humanidade. Assim, a felicidade deixaria de estar vinculada radicalmente à ética, haja vista que a liberdade intelectual passaria a ser a finalidade última da vida humana (KANT, 2007).

No utilitarismo, entende-se que o ser humano é movido pelo impulso natural de satisfazer seus desejos. Contudo, na busca pela satisfação, o indivíduo pode, por acaso, encontrar mais desventuras e desprazeres do que a satisfação efetiva. Isso ocorreria em decorrência da falta de habilidade de analisar profundamente a dinâmica prática da vida. De acordo com essa corrente filosófica, por meio da análise racional e detalhada, seria possível estabelecer o juízo seguro acerca das consequências de determinada ação, assim como o valor de cada escolha, tendo em vista o grau de prazer ou de dor que tais escolhas poderiam

proporcionar. Os teóricos utilitaristas pensaram a felicidade em termos de finalidades últimas, acompanhando, desse modo, toda a tradição filosófica desde a Antiguidade (MULGAN, 2012).

Entretanto, se for entendido que o utilitarismo possui em seus fundamentos alguns laços estreitos com o epicurismo, pode-se começar a pensar em outras alternativas para caracterizar a questão. Assim como no epicurismo, a despeito de aparentemente ser uma doutrina voltada ao egoísmo e à satisfação desregrada dos prazeres, é possível encontrar uma dimensão que é profundamente ética (MACIEL, 2018). Lidar com a prática e atribuir valor a partir das relações de utilidade não significa, necessariamente, valorizar tão somente a imediaticidade das experiências.

Epicuro (1999) ressaltou a importância da amizade, da partilha e das relações coletivas. No mesmo sentido, a lógica utilitarista, no contexto atual, manifesta-se na valorização de relações que sejam úteis tendo em vista não um fim puramente individual, mas sim coletivo. Conceitos como os de sustentabilidade e biodiversidade, longe de serem noções desapegadas de interesses individuais, têm em vista o anseio egoísta de se viver melhor, mas para isso são necessárias ações voltadas para a coletividade (KRAUT et al., 2009).

Os utilitaristas insistiam em dizer que o homem é um animal que busca, essencialmente, a felicidade, por meio de escolhas. Essas escolhas possuiriam em seu cerne o cálculo, mais ou menos racional, sobre o quanto de prazer ou de dor poderiam proporcionar. A tendência natural do homem, diriam os utilitaristas, seria buscar sempre pelo mais útil, mais prazeroso e menos doloroso. Normalmente, a razão alerta para o fato de que o máximo de resultado, com relação ao prazer, é obtido quando se age não apenas pelo bem particular, mas também pelo bem comum (MULGAN, 2012).

O fato é que qualidade de vida, bem-estar e felicidade são as principais fontes motivacionais das pessoas. Sentir-se bem reflete diretamente no sentimento de felicidade, variável que, cada vez mais, tem se mostrado indispensável para o desenvolvimento socioeconômico dos países nas suas áreas tanto urbanas quanto rurais, afirmando-se, assim, o bem viver.

Essa inversão dos fatores internos para aspectos externos que poderiam conduzir a um estado pleno de vida é algo que emerge na modernidade e consolida-se nos tempos atuais, em que, sob a lógica capitalista, possuir bens, riquezas e posses e ser popular acaba confundindo-se com a própria felicidade, ou ainda com a possibilidade de viver uma vida de qualidade.

Historicamente, as primeiras teorias sobre o termo “bem-estar” eram direcionadas para a economia, sendo esse termo definido como sinônimo de rendimento, ao passo que, no início da década de 60, seu foco transcendeu e passou a abarcar a qualidade de vida da pessoa

(SIQUEIRA; PADOVAM, 2008). Posteriormente, já na década de 70, adquiriu características de resoluções de problemas de saúde (GALINHA; RIBEIRO, 2005) com o surgimento de um movimento nos Estados Unidos da América cujo interesse tinha relação à saúde psicológica dos indivíduos (RYAN; DECI, 2001).

Essas mudanças conceituais de bem-estar causaram conflitos teóricos, que fizeram surgir duas correntes distintas na década de 80: o bem-estar subjetivo (BES) e o bem-estar psicológico (BEP), sendo a principal diferença entre ambas a concepção de felicidade adotada (PASCHOAL; TAMAYO, 2008).

O BES constitui um campo de estudos que procura compreender as avaliações que as pessoas fazem de suas vidas. Esse campo teve um crescimento acelerado na última década, revelando como seus principais tópicos de pesquisa satisfação e felicidade (DIENER; SUH; OISHI, 1997). Para acessar o BES, é necessário considerar que cada pessoa avalia sua própria vida aplicando concepções subjetivas e, nesse processo, apoia-se em expectativas, emoções, experiências e valores prévios e particulares. Essas concepções subjetivas, segundo Diener e Lucas (2000), estão organizadas em pensamentos e sentimentos sobre a existência individual.

Satisfação com a vida é o julgamento que o indivíduo faz sobre sua vida (KEYES; SHMOTKIN; RYFF, 2002) e que reflete o quanto esse indivíduo percebe-se distante de ou próximo a suas aspirações (CAMPBELL; CONVERGE; RODGERS, 1976). Trata-se, segundo Neugarten, Havighurst e Tobin (1961), de um estado psicológico que guarda relação mais estreita com o bem-estar subjetivo do que com avaliações objetivas da qualidade de vida pessoal. Afirmam, ainda, que uma pessoa com alta qualidade de vida poderia relatar insatisfações, enquanto uma pessoa com baixa qualidade de vida poderia até revelar satisfações com a vida (NEUGARTEN; HAVIGHURST; TOBIN, 1961).

As proposições acerca do BEP apareceram como críticas à fragilidade das formulações que sustentavam o BES e aos estudos psicológicos que enfatizaram a infelicidade e o sofrimento e que negligenciaram as causas e consequências do funcionamento positivo. O BEP, segundo Ryan e Deci (2001), está amparado pelo hedonismo, que se baseia na percepção de bem-estar no desenvolvimento das potencialidades pessoais.

Enquanto o BES tradicionalmente sustenta-se em avaliações de satisfação com a vida e num balanço entre afetos positivos e negativos que revelam felicidade, as concepções teóricas de BEP são fortemente construídas sobre formulações psicológicas acerca do desenvolvimento humano e dimensionadas em capacidades para enfrentar os desafios da vida (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008). Haja vista que suas contribuições são complementares, Galinha e Ribeiro (2008, p. 209) afirmam que

[o]s estudos sobre bem-estar subjetivo desenvolvem-se em paralelo e, muitas vezes, em articulações com conceitos do bem-estar psicológico, no seio de um campo ainda maior que é o da saúde mental em particular. A separação do bem-estar psicológico e do bem-estar subjetivo torna-se, por estas razões, essencial para respeitar os limites e conceitos.

Assim, essas correntes de pensamento contribuem para a evolução do conceito de bem-estar geral ao longo dos tempos, sendo inclusive inserido em estudos de bem-estar no trabalho. Nesse campo, conforme Accardo (2013), o bem-estar é o elemento primordial para se viver bem, pois, em geral, as pessoas passam a maior parte de suas vidas dedicando-se ao trabalho.

Nesse sentido, Rothbard e Edwards (2000) afirmam que inúmeras instituições estão adotando estratégias visando compreender a influência da vida pessoal das pessoas sobre suas atividades laborais. Por intermédio dessas ações, as instituições conseguem demonstrar tal interesse pelos problemas singulares de cada trabalhador, o que pode elevar seu bem-estar.

Na contemporaneidade, a expressão “qualidade de vida” alcançou patamares muito mais amplos. Farquhar (1995, p. 502) aponta que esse termo tornou-se um clichê e uma aspiração de vários campos das ciências a partir dos anos 1990:

[...] hoje o termo qualidade da vida não é usado apenas na linguagem cotidiana, mas também no contexto de pesquisa, onde está vinculado a diversas áreas como sociologia, medicina, enfermagem, psicologia, economia, geografia, história social e filosofia.

Dessa forma, na busca pelo entendimento do conceito de qualidade de vida, é preciso focar, num primeiro momento, suas possíveis relações com essas áreas específicas, procurando perceber quais são as qualidades referidas que poderiam tornar a vida humana valiosa.

Superando os binarismos iniciais, que restringiam o conceito de qualidade de vida à satisfação/insatisfação ou à felicidade/infelicidade, hoje em dia admite-se que é um conceito complexo e multidimensional, legitimado internacionalmente, sobretudo a partir das ações da Organização das Nações Unidas (ONU), via OMS e alguns mecanismos específicos, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>2</sup> (FLECK et al., 2010).

---

<sup>2</sup> O IDH é utilizado internacionalmente para mensurar a qualidade de vida encontrada em cada nação, compreendendo a análise dos fatores renda, educação e saúde, considerados fundamentais para que se tenha uma vida de qualidade. O índice serve como indicador de comparação internacional e contrapõe-se ao produto interno bruto (PIB), que analisa somente o progresso econômico dos países ao estudar seu desenvolvimento. No *ranking* mundial, o Brasil encontrava-se, em 2019, na nona posição em termos de PIB (WORLD BANK, 2019), ou seja, capacidade de produzir riquezas, mas na 79ª em IDH (UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 2019), que verifica a qualidade de vida dos cidadãos.

Por meio da iniciativa *World Health Organization Quality of Life (WHOQOL)*, a OMS definiu alguns critérios para avaliar as condições de qualidade de vida das nações, que envolvem as esferas físicas, psicológicas, ambientais e de relacionamento social em que as pessoas estão inseridas em seu cotidiano, contribuindo para a ampliação e o entendimento desse conceito. Ao analisarem o universo conceitual de qualidade de vida, Pereira, Teixeira e Santos (2012, p. 244) concluem que, “apesar de haver inúmeras definições, não existe uma definição de qualidade de vida que seja amplamente aceita”.

Os autores, porém, destacam alguns elementos que costumam estar presentes nessa concepção, incluindo fatores relacionados à saúde, como bem-estar físico, funcional, emocional e mental, trabalho, família, amigos e outras circunstâncias do cotidiano, sempre atentando para o fato de que a percepção pessoal de quem se pretende investigar é primordial (PEREIRA; TEIXEIRA; SANTOS, 2012).

A qualidade de vida no trabalho pode ser compreendida como um movimento de humanização do trabalho, que se preocupa com temas como satisfação, motivação e bem-estar ocupacional, fazendo um contraponto às ideias tayloristas de produção, caracterizadas pela desumanização e pelo excesso de especialização no trabalho (SANT’ANNA; KILIMINIK, 2011).

Em oposição ao estresse, muitos estudos voltam-se para o entendimento do que seria o que chamamos de qualidade de vida. Trata-se de um conceito que tem sido estudado sob diferentes perspectivas e que vem englobando diversos fatores (psicológicos, sociais, demográficos e até mesmo culturais). Ela é definida como a percepção do indivíduo acerca de sua posição na vida no contexto da cultura e do sistema de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (THE WHOQHOL GROUP, 1995). Devido a essa complexidade, conforme abordam Dantas, Sawada e Malerbo (2003) e Seidl e Zannon (2004), a qualidade de vida apresenta-se como uma temática de difícil compreensão e necessita de certas delimitações que possibilitem sua operacionalização em análises científicas.

Sendo assim, existe uma tendência de se associar o conceito de qualidade de vida com aspectos da saúde (física e mental), bem como com aspectos econômicos, sociais e culturais. O Quadro 1 sintetiza os componentes que costumam integrar o conceito de qualidade de vida na contemporaneidade.



**Quadro 1** – Componentes essenciais da qualidade de vida

<b>Ser</b>	<b>Pertencer</b>	<b>Tornar-se</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>· Físico</li> <li>· Psicológico</li> <li>· Emocional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Físico</li> <li>· Social</li> <li>· Comunitário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Práticas</li> <li>· Lazer</li> <li>· Crescimento</li> <li>· Progresso pessoal</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Pereira, Teixeira e Santos (2012).

A partir do Quadro 1, percebe-se que a qualidade de vida diz respeito, primeiramente, ao ser, que traduz aquilo que a pessoa é no plano individual, o que costuma envolver questões culturais e de classe social. Diz respeito também ao pertencer, ou seja, de que forma a pessoa adapta-se aos contextos em que se insere. Por fim, diz respeito ao tornar-se, que envolve as ações que podem ser realizadas pela pessoa a fim de alcançar suas aspirações e seus objetivos cotidianos (GARVIN, 1992).

### **3. Metodologia**

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

Conforme Triviños (1995), a natureza das técnicas e dos métodos de estudo dos fenômenos está fortemente relacionada com as características do conteúdo em questão, e este deve expressar aquilo que o pesquisador deseja esclarecer. A estratégia de pesquisa escolhida foi bibliográfica, descritiva e exploratória, com caracterização quantitativa.

De acordo com Aaker, Kumar e Day (2004, p. 94), a pesquisa exploratória “é usada quando se busca um entendimento sobre a natureza geral de um problema”. No mesmo raciocínio, Churchill e Peter (2003, p. 126) frisam que, “quando os pesquisadores procuram descobrir ideias e percepções, eles conduzem uma pesquisa exploratória”.

Segundo Lima e Olivo (2007), as pesquisas de caráter quantitativo caracterizam-se por serem projetos de estudo minuciosamente formulados, sendo possível se prever cada etapa do processo investigatório, e ainda por proporem-se a utilizar instrumentos que permitam a

medição objetiva dos eventos investigados e a quantificação dos dados coletados para fins de generalização estatística.

### 3.2 O instrumento WHOQOL-BREF

O instrumento WHOQOL-100 consiste em cem perguntas referentes a seis domínios: físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade/religiosidade/crenças pessoais. Esses domínios são divididos em 24 facetas, sendo cada uma composta por quatro perguntas. Além das 24 facetas específicas, o instrumento tem uma 25ª, que engloba perguntas gerais sobre qualidade de vida (FLECK et al., 2010). Já WHOQOL -BREF é uma versão abreviada do WHOQOL-100, desenvolvido e recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), valoriza a percepção individual, podendo avaliar a QV em diversos grupos e situações, independentemente do nível de escolaridade.

O critério de seleção das questões foi tanto psicométrico como conceitual. No nível conceitual, foi definido pelo Grupo de Qualidade de Vida da OMS que o caráter abrangente do instrumento deveria ser preservado. Assim, cada uma das 24 facetas que compõem o instrumento original (o *WHOQOL-100*) deveria ser representada por uma questão.

No nível psicométrico, foi selecionada a questão que mais se correlaciona se com o escore total, calculado pela média de todas as facetas. Após essa etapa, os itens selecionados foram examinados por um painel de *experts* para verificar se representavam conceitualmente cada domínio de onde as facetas provinham. Dos 24 itens selecionados, seis foram substituídos por questões que definissem melhor a faceta correspondente. Três itens do domínio *Meio ambiente* foram substituídos por serem muito semelhantes a itens do domínio *Psicológico*. Os outros três itens foram substituídos por explicarem melhor a faceta em questão (THE WHOQOL GROUP, 1998).

Uma análise fatorial confirmatória foi realizada para uma solução a quatro domínios. Assim, o *WHOQOL-BREF* é composto por 4 domínios: *Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio ambiente*, conforme descrito na Quadro 2.

**Quadro 2 – Domínios e facetas do WHOQOL-BREF**

<b>Domínios e facetas do WHOQOL-BREF</b>	
<b>Domínio I - Domínio físico</b>	Dor e desconforto Energia e fadiga Sono e repouso Mobilidade Atividades da vida cotidiana Dependência de medicação ou de tratamentos Capacidade de trabalho
<b>Domínio II - Domínio psicológico</b>	Sentimentos positivos Pensamento, aprendizagem, memória e concentração Autoestima Imagem corporal e aparência Sentimentos negativos Espiritualidade/religião/crenças pessoais
<b>Domínio III - Relações sociais</b>	Relações pessoais Suporte (apoio) social Atividade sexual
<b>Domínio IV – Meio ambiente</b>	Segurança física e proteção Ambiente no lar Recursos financeiros Cuidados da saúde e sociais: disponibilidade e qualidade Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades Participação em e oportunidades de recreação/lazer Ambiente físico: poluição, ruído, trânsito e clima Transporte

Fonte: Elaborado pelo autor.

O WHOQOL-BREF foi desenvolvido utilizando um enfoque transcultural original, porque envolve a criação de um único instrumento de forma colaborativa e simultânea em diferentes centros. Dessa forma, vários centros com culturas diversas participaram da operacionalização dos domínios de avaliação de qualidade de vida, da redação e da seleção de questões, da derivação da escala de respostas e do teste de campo nos países envolvidos nessa etapa. Com essa abordagem, foi possível equacionar as dificuldades referentes à padronização, equivalência e tradução à medida que se desenvolvia o instrumento.

Para garantir que a colaboração fosse genuinamente internacional, os centros foram selecionados de forma a incluir países com diferenças nos níveis de industrialização, disponibilidade de serviços de saúde, importância da família e religião dominante, entre outros (FLECK et al., 2010). De acordo com Fleck (2000), o WHOQOL-BREF apresentou boa consistência interna, validade discriminante, validade concorrente, validade de conteúdo e

confiabilidade teste-reteste, utilizando uma amostra heterogênea nos mais diversos atores sociais.

### 3.3 Coleta de dados

Os participantes desta pesquisa foram 90 (noventa) feirantes atuantes nas feiras livres que ocorrem em Santa Maria – RS, selecionados após a identificação das feiras que acontecem na cidade. Para tanto, foi necessário desenvolver um trabalho de campo para encontrar os locais onde são realizadas as feiras livres no município, o que foi feito através de buscas presenciais e digitais, incluindo matérias jornalísticas e visitas nas principais feiras livres nos mais diversos bairros, ao todo foram localizadas 7 (sete) locais os quais serviram como base para o estudo.

As feiras livres do município de Santa Maria ocorrem em diversos bairros da cidade e juntas totalizam mais de 80 bancas, conforme dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural (SMDR). Importante registrar que há uma rotatividade de feirantes nas feiras, ou seja, a maioria deles participam de mais de uma feira, pois cada uma tem dias predefinidos, diferenciados, escalonados em seis dias da semana (segunda-feira a sábado). A partir disso, tem-se um universo de 154 feirantes com cadastro ativo na Prefeitura Municipal de Santa Maria.

### 3.4 Tabulação e análise dos dados

Com o objetivo de disponibilizar um instrumento que demande menor tempo para preenchimento e com características psicométricas satisfatórias, o Grupo WHOQOL desenvolveu a versão abreviada do WHOQOL-100, o WHOQOL-bref (THE WHOQOL GROUP, 1996). O WHOQOL-bref é composto por 26 questões, sendo duas questões sobre a auto-avaliação da qualidade de vida e 24 questões representando cada uma das facetas do WHOQOL-100. Para a composição das questões do WHOQOL-bref foi selecionada a questão de cada faceta que apresentava a maior correlação com o escore médio de todas as facetas (THE WHOQOL GROUP, 1998).

A transcrição textual da sintaxe do WHOQOL-bref se apresenta da seguinte forma: É verificado se todas as 26 questões foram preenchidas com valores entre 1 e 5. Invertem-se todas as questões cuja escala de respostas é invertida, os escores dos domínios são calculados através da soma dos escores da média da “n” questões que compõem cada domínio. Nos domínios compostos por até sete questões, este será calculado somente se o número de facetas

não calculadas não for igual ou superior a dois. Nos domínios compostos por mais de sete questões, este será calculado somente se o número de facetas não calculadas não for igual ou superior a três. O resultado é multiplicado por quatro, sendo representado em uma escala de 4 a 20. Os escores dos domínios são convertidos para uma escala de 0 a 100 e os respondentes que deixaram de preencher ou preencheram incorretamente mais do que seis questões (80% do total de questões do instrumento) serão excluídos da amostra.

#### **4. Análise e discussão dos resultados**

A amostra foi composta por 90 (noventa) feirantes que atuam nas feiras livres na cidade de Santa Maria, sendo 45 (quarenta e cinco) homens e 45 (quarenta e cinco) mulheres, com idade média de 49 anos., com renda familiar de 1 a 3 salários mínimos (73,33%) e residentes no perímetro rural (62%), onde declaram-se brancos 87,78% e católicos em sua maioria (62,22%)

Os dados da qualidade de vida estão presentes, com médias semelhantes em todos os domínios. Destaca-se que de acordo com os desenvolvedores do questionário, a presente amostra apresenta qualidade de vida Boa (pontuação 72,59 de 100).

Com relação às condições de trabalho dos feirantes avaliados, grande parte da amostra apresentava alto tempo de trabalho em feira livre (em média 7 anos), com frequência média de dois dias semanais, trabalhando, em média, meio período, com baixo tempo para realizar outras atividades em função dos deslocamentos e cotidiano de trabalho rural, ou seja, deixando de lado cuidados com a qualidade de vida, saúde, lazer e convívio familiar.

A indisponibilidade de tempo para o lazer, conforme expressaram os feirantes, encontra-se associada à sobrecarga de trabalho (jornada dupla ou tripla), os quais chegam a trabalhar cerca de 12h/dia, muitas vezes sem contar o tempo de deslocamento, fator que incide diretamente na qualidade de vida destes feirantes.

Para melhor compreensão, apresentam-se em duas tabelas que representam os resultados do WHOQOL – BREF. A Tabela 1 apresenta os dados sobre qualidade de vida dos feirantes divididos por gênero e reflete uma síntese da questão que avalia a percepção de sua qualidade de vida de forma geral. Já Tabela 2 traz os resultados a respeito dos domínios físico, psicológicos, relações sociais e meio ambiente, que agregados permitem melhor apreensão dos resultados da escala nos domínios, conforme a percepção dos feirantes por gênero, assim podendo fazer uma correlação entre eles.

**Tabela 1** – Qualidade de Vida Global dos Feirantes por Gênero (n=90)

Escore	Masculino	Feminino		
	Frequência	Frequência	Frequência total	Porcentagem
Muito Ruim	0	0	0	0,00
Ruim	0	2	2	2,22
Nem Ruim e Nem Boa	8	9	17	18,89
Boa	26	28	54	60,00
Muito Boa	11	6	17	18,89
<b>TOTAL</b>	45	45	90	100,00

Fontes: Dados da pesquisa

Ao analisar-se, de forma geral, a qualidade de vida dos feirantes percebe-se que 60% dos participantes a classificam com boa, ou seja, 54 dos 90 feirantes, apesar de todas as intempéries relacionadas a sua rotina e trabalho, afirmam estarem com aspectos positivos. Já, aproximadamente, 19% classifica sua qualidade de vida como muito boa, 18,89% estão indiferentes e apenas 2,22% classificam como ruim sua qualidade de vida.

**Tabela 2** – Qualidade de Vida dos Feirantes do município Santa Maria, nos domínios físicos, psicológicos, relações sociais e meio ambiente.

(continua)

Escore do Domínio Físico n=90	Masculino	Feminino		
	Frequência	Frequência	Frequência total	Percentual
Nada, muito Ruim	3	4	7	6,17
Muito Pouco Ruim	7	10	17	12,35
Médio, Nem Ruim nem Bom	16	13	29	35,80
Muito ou Bom	12	13	25	30,86
Completamente ou Extremamente Bom	7	5	12	14,81
<b>TOTAL</b>	45	45	90	100,00
Escore do Domínio Psicológico n=90				
Nada	2	1	3	3,33
Muito Pouco	6	7	13	14,44
Mais ou Menos	16	11	27	30,00
Bastante / Muito	13	14	27	30,00
Extremamente / Completamente	8	12	20	22,22
<b>TOTAL</b>	45	45	90	100,00
Escore do Domínio Relações Sociais n=90				
Muito Insatisfeito	2	0	2	2,22
Insatisfeito	6	6	12	13,33
Nem Satisfeito / Nem Insatisfeito	11	12	23	25,56
Satisfeito	15	13	28	31,11

**Tabela 2** – Qualidade de Vida dos Feirantes do município Santa Maria, nos domínios físicos, psicológicos, relações sociais e meio ambiente.

(conclusão)

Muito Satisfeito	11	14	25	27,78
<b>TOTAL</b>	45	45	90	100,00
<b>Escore do Domínio Meio Ambiente n=90</b>				
Nada / Muito Insatisfeito	4	5	9	10,00
Muito Pouco	7	10	17	18,89
Mais ou Menos / Médio	13	9	22	24,44
Bastante / Muito	8	11	19	21,11
Extremamente / Completamente	13	10	23	25,56
<b>TOTAL</b>	45	45	90	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 2 os feirantes contemplaram todos os escores do domínio físico. Vale salientar que muito bom, bom e completamente corresponderam a 45,67% das respostas, enquanto, o indiferente com 35,80% e os aspectos ruins ou negativos com 18,52%. Os escores relacionados aos aspectos negativos, estão em suma interligados com a ampla jornada de trabalho e longos trechos que os feirantes percorrem, além do mais a grande preocupação com a venda de seus produtos perecíveis, fatores estes que interferem diretamente em sua qualidade de vida. No caso dos feirantes, a sobrecarga de trabalho não está somente na comercialização de seus produtos nas feiras, mas inicia-se bem antes da porteira, com a cultivo, produção e comercialização.

Quanto ao domínio psicológico, 52,22% os feirantes referem-se estarem bastante, muito satisfeitos, e completamente satisfeitos. Quanto aos escores nada, muito pouco ou insatisfeito, corresponderam a 17,77% e 22,22% estão extremamente satisfeitos. Ao comparar o somatório médio dos escores das respostas dos feirantes relacionados aos domínios físico e psicológicos, é possível perceber um grau de semelhança nos índices.

No domínio das relações sociais para os escores satisfeito e muito satisfeito estão 58,89% das respostas, e para muito insatisfeito, insatisfeito e nem satisfeito nem insatisfeito com 41,11% dos resultados. Em relação ao último domínio, do meio ambiente os escores que mais apresentaram resultados baixos, em relação aos demais, nada, muito insatisfeito, insatisfeito e nem satisfeito nem insatisfeito, apresentaram um escore de 53,33%, em relação aos escores bastante, muito e satisfeitos, com 46,67% dos resultados.

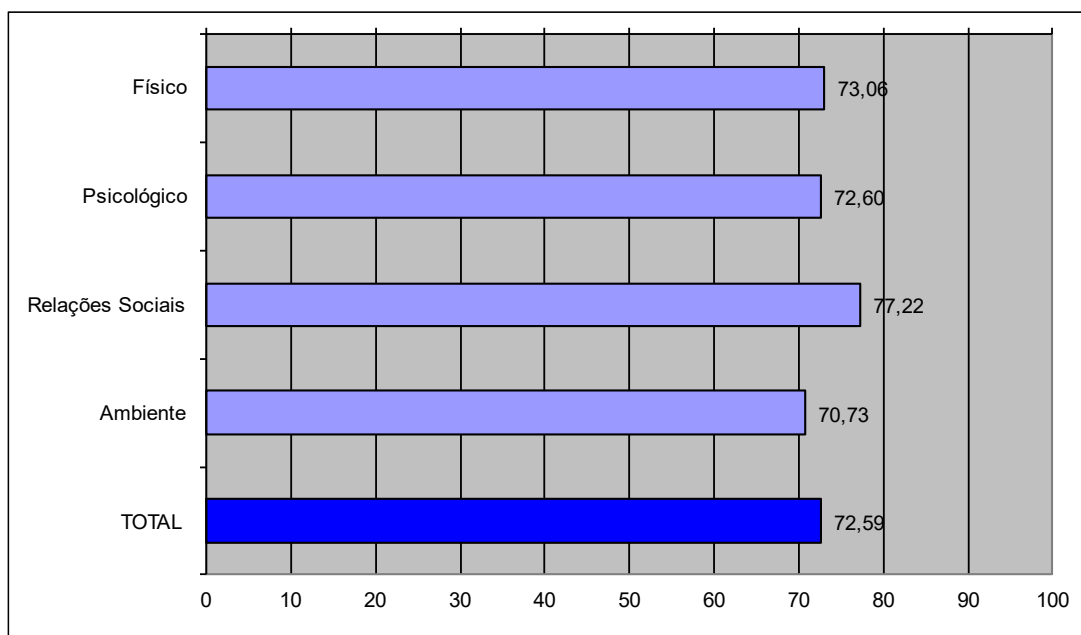
O domínio relacionando ao meio ambiente foi o que apresentou mais baixa em relação a qualidade de vida dos feirantes em estudo. Os feirantes também relacionam as condições do

ambiente de trabalho a experiências de adoecimento, dando destaque às condições inadequadas de higiene e poluição sonora, associação essa também evidenciada em estudo sobre aspectos socioambientais da feira livre, principalmente no que tange aos aspectos de infraestrutura e higiene, fatores que mais apresentaram queixas durante as pesquisas. Os feirantes relatam que o calor excessivo, falta de banheiros e muito tempo em pé, são fatores que afetam diretamente sua qualidade de vida e que poucas estratégias no âmbito municipal são pensadas para minimizar estes impactos.

Percebe-se que as questões ambientais abarcam fatores inerentes ao trabalho na feira livre, como por exemplo poluição sonora, intemperes do clima, bem como relativos à gestão da feira livre (condições de higiene inadequadas, como falta de banheiros e bebedouros), condições estas capazes de interferir no processo saúde doença dos feirantes. Apesar de toda a problemática existente na feira em questão, os feirantes relatam ter prazer de trabalhar e gostam do local e da atividade que desempenham, no seu dia a dia.

Para melhor compreensão o Gráfico 1, demonstra uma síntese de todas as vinte e seis facetas que compõem o instrumento WHOQOL-BREF, demonstrando cada um dos escores obtidos.

**Gráfico 1** – Síntese das variáveis dos domínios



Fonte: Elaborado pelo autor.

As variáveis dor e desconforto e sentimentos negativos, foram os aspectos os quais receberam as menores médias. Conforme afirma Fleck (2010), quanto às condições de saúde, a



presença de doenças crônicas esteve associada a uma pior QV geral e nos domínios físico e psicológico. As doenças crônicas são mais propensas a limitar as atividades diárias, devido aos sintomas físicos, como a dor e o desconforto, o que pode diminuir a capacidade funcional do indivíduo e refletir negativamente na sua QV, sobretudo no domínio físico, bem como seus sentimentos negativos.

Os resultados demonstraram que aspectos relativos à gestão da feira livre (segurança, higiene, condições sanitárias), condições locais (estrutura, organização) e ao próprio trabalho (poluição sonora), contribuem significativamente na qualidade de vida dos feirantes, apesar das dificuldades encontradas no dia a dia, os feirantes pesquisados, classificam como positiva sua qualidade de vida.

## **5. Considerações Finais**

Qualidade de vida é um construto polissêmico, subjetivo, que varia conforme o indivíduo e coletividade, bem como com a história, cultura e espaço, constituindo a sua avaliação um excelente marcador da situação de saúde da população. Dentre essas dimensões, o trabalho merece destaque por, muitas vezes, ocupar posição central na vida das pessoas, sendo a satisfação com o mesmo parcela fundamental para a percepção positiva da sua qualidade de vida. Este estudo buscou descrever os fatores relacionados ao trabalho que contribuem para a qualidade de vida dos feirantes da cidade de Santa Maria – RS.

Avaliar a qualidade de vida na perspectiva dos quatro domínios permitiu conhecer os aspectos vulneráveis dos feirantes no conjunto das diversidades das facetas que, de certa forma, podem sinalizar para os enfermeiros docentes a possibilidade de modificações adequadas às expectativas pessoais.

A utilização do WHOQOL-*brief* favoreceu o estudo, tendo em vista que se trata de um instrumento prático e com propriedades psicométricas satisfatórias, além de ser o instrumento de avaliação de QV mais difundido mundialmente e recomendado pela OMS. Pode-se inferir, portanto, que as percepções de pior QV relacionaram-se com piores condições de saúde e habitação, baixa escolaridade e renda familiar, problemas nas relações sociais e condições psicológicas, sugerindo falta de recursos de saúde, cultura, educação, lazer, saneamento, entre outros, que afetam diretamente a QV das pessoas, neste caso em especial dos feirantes.

Quanto à saúde autorreferida, foi possível constatar que os feirantes afirmam ter uma qualidade de vida boa, que alguns fatores como o relacionamento interpessoal, ambiente

familiar e religiosidade contribuem positivamente para o seu bem estar e conseqüentemente com sua satisfação. A satisfação também se encontra relacionada ao prazer proporcionado pela atividade como feirante, intimamente ligada às relações interpessoais estabelecidas no ambiente da feira livre.

Os resultados apontam para a necessidade de ampliar a discussão sobre a qualidade de vida dos feirantes, assim como o conhecimento da satisfação de trabalhar nas feiras livres da cidade, considerando também os possíveis descontentamentos decorrentes do domínio relacionado ao meio ambiente. Os resultados trazem reflexões também sobre o desenvolvimento e a importância do papel dos feirantes nos circuitos curtos da economia, apesar disso, a feira configurasse como um local de fundamental importância no cotidiano urbano dos países

## Referências

- AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2004.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ALVES, M. A. Ética e educação: caráter virtuoso e vida feliz em Aristóteles. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 36, n. 1, p. 93-104, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3033/303329914010.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- ACCARDO, É. M. **As relações entre o conflito trabalho-família, bem-estar substantivo e bem-estar no trabalho**. 2013. 127 F. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.
- BORGES, L. O.; ALVES-FILHO, A.; TAMAYO, A. Motivação e Significado do Trabalho. (in Siqueira – org) Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 27-46.
- BENDASSOLLI, P. F. Felicidade e trabalho. **GV Executivo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 57-61, 2007.
- CAMPBELL, A.; CONVERGE, P. E.; RODGERS, W. L. **The quality of American life**. New York: Russell Stage Foundation, 1976.
- CAMPOS, M. de A.; CORAUCCI NETO, B. **Treinamento Funcional Resistido**: para melhoria da capacidade funcional e reabilitação de lesões musculoesqueléticas. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
- CHURCHILL, G. A. Jr.; PETER, J. P. **Marketing**: criando valor para os clientes. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

DANTAS, R. A. S.; SAWADA, N. O.; MALERBO, M. B. Pesquisas sobre qualidade de vida: revisão da produção científica das universidades públicas do Estado de São Paulo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 4, p. 532-538, 2003.

DESSEN, M. C.; PAZ, M. G. P. Bem-estar pessoal nas organizações: o impacto de configurações de poder e características de personalidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 26, n. 3, p. 549-556, 2010.

DIENER, E.; LUCAS, R. F. Subjective emotional well being. In: LEWIS, M.; HAVILAND, J. M. (Org.). **Handbook of Emotions**. New York: Guilford, 2000. p. 325-337.

DIENER, E.; SUH, E.; OISHI, S. Recent findings on subjective well being. **Indian Journal of Clinical Psychology**, Chandigarh, v. 24, n. 1, p. 25-41, 1997.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). 3. ed. São Paulo: Unesp, 1999.

FARQUHAR, M. Definitions of quality of life: a taxonomy. **Journal of Advanced Nursing**, Camsooksai, v. 22, p. 502-508, 1995. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12014216/Definitions\\_of\\_quality\\_of\\_life\\_a\\_taxonomy](https://www.academia.edu/12014216/Definitions_of_quality_of_life_a_taxonomy)>. Acesso em: 28 jan. 2021.

FERREIRA, M. C.; MENDONÇA, H. (Org.). **Saúde e Bem-estar no Trabalho**: dimensões individuais e culturais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

FLECK M. P. A. et al. Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 198-205, 1999.

FLECK, M. P. A. et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 17-29, 1999.

FLECK, M. P. A. et al. O instrumento de avaliação de qualidade de vida abreviado da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-breve): aplicação da versão em português. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 198-205, 2010.

HERCULANO, S. A Qualidade de Vida e seus Indicadores. In: HERCULANO, S.; PORTO, M. F. de S.; FREITAS, C. M. **Qualidade de vida e riscos ambientais**. Niterói: Eduff, 2000. p. 31-44.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Ed. 70, 2007.

KEYES, C. L. M.; SHMOTKIN, D.; RYFF, C. D. Optimizing well being: The empirical encounter of two traditions. **Journal of Personality and Social Psychology**, Camsooksai, v. 82, n. 6, p. 1007-1022, 2002.

KRAUT, R. et al. **Aristóteles: a ética a Nicômaco**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORATTINI, O. P. Qualidade de vida e meio urbano. A cidade de São Paulo, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, n. 25, p. 75-86, 1991.

GALINHA, I.; RIBEIRO, J. L. P. História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 6, n. 2, p. 202-203, 2005.

GARVIN, D. A. **Gerenciando a qualidade**: a visão estratégica e competitiva. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1992.

LACAZ, F. A. d. C. O Campo Saúde do Trabalhador: Resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 757-766, 2007.

MULGAN, T. **Utilitarismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MACIEL, W. Utilitarismo. **InfoEscola**, 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/imperativo-categorico/>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

NEUGARTEN, B. L.; HAVIGHURST, R. J.; TOBIN, S. S. A medição da satisfação com a vida. **Journal of Gerontology**, Oxford, v. 16, p. 134-143, 1961.

OMS — Organização Mundial de Saúde. **Versão em português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida**. Programa de Saúde Mental. Genebra: Grupo Whoqol, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/tools/whoqol> . Acesso em: 11 fev. 2021.

SANT'ANNA, A. S.; KILIMINIK, Z. M. (Org.). **Qualidade de vida no trabalho**: abordagens e fundamentos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SANTA MARIA (RS). **Decreto Executivo nº 94, de 30 de agosto de 2013**. Dispõe sobre o Regimento Interno da Secretaria de Município de Desenvolvimento Rural, de conformidade com a Lei Municipal nº 5189/09 e alterações, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/proposicoes/Decretos-do-executivo/2013/3/0/11078>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PASCHOAL, T. **Bem-estar no trabalho**: relações com suporte organizacional, propriedades axiológicas e oportunidades de alcance de valores pessoais no trabalho. 2008. 218 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) — Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Construção e validação da Escala de Bem-Estar no Trabalho. **Avaliação Psicológica**, Bragança Paulista, v. 7, n. 1, p. 11-22, 2008.

PEREIRA, E. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 241-250, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/rbefe/article/view/45895>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ROTHBARD, N.; EDWARDS, J. R. Mechanisms Linking Work and Family: Clarifying the Relationship Between Work and Family. **The Academy of Management Review**, New York, v. 25, n. 1, p. 178-199, Jan. 2000.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well being. **Annual Review of Psychology**, San Mateo, CA, n. 52, p. 141-166, 2001.

SANTOS, A. S.; CUBAS, M. R. **Saúde coletiva**: linhas de cuidado e consulta em enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. da C. Qualidade de Vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 13-25, mar./abr., 2004.

SIQUEIRA, M. M.; PADOVAM, V. A. R. Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 24, n. 2, p. 201-209, 2008.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. **Psicologia Positiva**: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas. Porto Alegre: Artmed, 2009.

THE WHOQOL GROUP. Development of the World Health Organization WHOQOL-B: quality of life assessment. **Psychological Medicine**, Cambridge, v. 28, n. 3, p. 551-558, 1998.

THE WHOQOL GROUP. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**, Oxford, v. 41, n. 10, p. 1403-1409, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. Human Development Report 2019. **Beyond income, beyond averages, beyond today**: Inequalities in human development in the 21st century. New York: UNDP, 2019. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2019.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2021.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Olha o trôco, olha a troca!  
dou-lhe duas, dou-lhe três!  
Cacaso / Cláudio Nucci.*

Chega a hora de encerrar um ciclo de pesquisa, fértil, produtivo e desafiador. Muitas foram as trocas, as negociações, as desconstruções de certezas, verdades e sentimentos. Desconstruir para reconstruir, uma narrativa que buscou analisar a qualidade de vida dos agricultores familiares que atuam em feiras livres na cidade de Santa Maria – RS, um olhar acerca da constituição da equidade entre homens e mulheres que exercem o trabalho de feirantes, a compreensão das percepções das condições de trabalho segundo a ótica dos feirantes e quais domínios da qualidade de vida são mais presentes na percepção dos sujeitos de pesquisa.

Entende-se que a feira encontra-se num entrelugar, construindo um espaço de fronteira entre o campo e a cidade, sofrendo o tensionamento das demandas capitalistas da urbanização e do esquecimento do campo. Contudo, a feira pode ser entendida como potência, fertilidade, humanização e desenvolvimento social.

Ao passo que a feira destoa da constituição urbana, das grandes construções, dos arranjos econômicos modernos, do apressamento do viver, ela representa um respiro, ousar dizer que as feiras são capazes além de esperança, um movimento de resistência frente à avassaladora pressão midiática de felicidade instantânea. As feiras resistem, permanecem e oferecem um lugar de viver a natureza, as relações humanas e os afetos.

Somos afetados pelo humano, pelos alimentos, pelas relações. Somos interpelados na constituição da vida, que pulsa na feira, que permanece e se mantém ao longo da história, como possibilidade de repensarmos nossos modos de vida. A resistência e permanência das feiras livres são também um ato político.

Ao passo que se planta, cole, seleciona, produz e comercializa os produtos na feira, é urgente a luta por melhores condições de vida e trabalho para quem prove parte da nossa subsistência. Assim, o presente estudo buscou compreender essas demandas, a partir da voz dos feirantes, no propósito de encorpar as discussões acerca das feiras e dos feirantes frente às demandas sociais enfrentadas.

Para atingir esse propósito, o estudo desdobrou-se em quatro objetivos específicos que resultaram em quatro artigos apresentados neste relatório final de doutoramento. Cada objetivo apresentou resultados significantes para a temática estudada.

O primeiro objetivo específico, deu-se pelo levantamento do perfil predominante dos agricultores participantes das feiras livres na cidade, realizado com um estudo bibliográfico e descritivo utilizando o Google Acadêmico, Scopus, Web of Science, Scielo, Periódico Capes, Domínio Público e Pesquisa com 90 feirantes da Cidade de Santa Maria- RS Leitura, Seleção, Sumarização, Conceituação e caracterização do perfil.

Pode-se considerar a partir dessa investigação foi possível perceber, mais do que o perfil dos feirantes, não apenas dados demográficos, mas histórias de vidas que demonstram tanto amor à profissão que vem de gerações, valores que foram passados de pais para filhos e que hoje estão dando continuidade a essa trajetória.

O segundo objetivo verificou qual o contexto rural feminino e se há equidade entre homens e mulheres feirantes, caracterizado por uma pesquisa qualitativa, com amostragem não-probabilística por conveniência, em que a seleção dos sujeitos da população decorre do julgamento do entrevistador, análise qualitativa. Esse recorte da pesquisa contou com 7 (sete) mulheres que estão inseridas no contexto rural, que exercem atividades econômicas em conjunto com seus afazeres domésticos e que atuam em conjunto ou sozinhas nas feiras livres de Santa Maria – RS ou Região.

Os resultados dessa pesquisa apontam que as mulheres exercem multitarefas, ou seja, além dos afazeres domésticos, cuidado com os filhos, ainda precisam compartilhar as atividades econômicas com seus companheiros ou filhos, participando das feiras. Apesar deste acúmulo de funções, os resultados, apontam para uma grande satisfação delas em participar das feiras livres, na cidade, pois a troca de vivências e o convívio com outras pessoas são os principais fatores motivacionais em suas percepções.

O terceiro objetivo de pesquisa identificou as condições de trabalho e como eles exercem a profissão de feirantes nas feiras livres da cidade. O estudo teve caráter qualitativo, pautando-se em entrevistas em profundidade, conforme roteiro pré-estabelecido. Participaram do estudo 18 (dezoito) feirantes.

Esse estudo demonstrou a necessidade iminente de grandes desafios que a gestão municipal precisa fazer, para minimizar os impactos que interferem diretamente na qualidade de vida destes feirantes, pois condições relacionadas a falta de infraestrutura básica foram as mais levantadas pelos feirantes, principalmente para o atendimento às necessidades fisiológicas como a falta de banheiro, além de enfrentarem muitas horas de trabalho a exposição do tempo, os feirantes não possuem locais muitas vezes adequados para a exposição de seus produtos.

O quarto objetivo do estudo identificou quais são os domínios físicos e psicológicos mais comprometidos a partir do que for apresentado pelos feirantes em relação a sua qualidade

de vida. A pesquisa foi realizada a partir do instrumento WHOQOL-BREF, desenvolvido por um grupo de pesquisadores de qualidade de vida, conduzido pela OMS. Utiliza análise quantitativa, descritiva e correlação. Participaram do estudo 90 (noventa) feirantes que responderam o formulário de pesquisa WHOQOL- Bref, que atuam nas feiras livres da cidade de Santa Maria – RS.

Essa parte da pesquisa apresentou dados que consistem nos principais domínios que visam o questionário, ou seja, domínio físico, domínio psicológico, domínio das relações sociais e meio ambiente. Os resultados encontrados apontam para uma boa qualidade de vida dos feirantes, apesar dos relatos das dificuldades encontradas no dia a dia, eles se sentem satisfeitos com sua qualidade de vida, sendo que alguns dos escores merecem atenção, tais como: dor e desconforto (30%), dependência de medicação ou tratamentos médicos (37,78%) e sentimentos negativos (29,72%) escores que apresentaram uma baixa pontuação e que estão diretamente relacionados à qualidade de vida dos feirantes.

A partir do desenvolvimento da pesquisa, considerando os quatro objetivos propostos, pode-se considerar que segundo os atores participantes do estudo, a qualidade de vida é considerada como fator positivo, tendo em vista os resultados apresentados, sendo destaque a importância do convívio no lar que apresentou o maior escore positivo relacionado a importância da qualidade de vida com 84,17%, o que reforça a hipótese que as famílias passam seus valores de geração para geração, contribuindo assim para um ambiente salutar.

Os achados da pesquisa mobilizam indicadores para a continuidade dos estudos acerca das relações de tensionamento e produção entre o urbano e o rural, em especial na luta por melhores condições de trabalho e locais de comercialização das feiras e os desdobramentos das representações de trabalho da mulher frente às demandas culturais e sociais estabelecidas. O conjunto de estudos teóricos e empíricos desenvolvidos na presente tese, teve como ponto de partida o reconhecimento das ausências e das limitações da literatura científica e a falta de definições construtivas acerca da avaliação da qualidade de vida, condições de trabalho e valorização das mulheres que atuam nas feiras livres, em centros urbanos, em especial na cidade de Santa Maria – Rio Grande do Sul.

No andamento da tese, um conjunto de preocupações de ordem conceitual, bem como um eixo balizador do estudo: o destaque às feiras livres. Em síntese, foram propostos estudos que se relacionam e interligam as mais variadas análises dos percursos metodológicos, mas com um mesmo eixo norteador, avaliar a qualidade de vida dos feirantes em estudo.

Os relatos do estudo, corroboram com as teorias dos autores utilizados, que demonstram como os sujeitos “feirantes”, fazem com que os espaços sejam, espaços praticados de



desenvolvimento sociocultural e econômico, com evidências de uma etnotemática peculiar aos seus saberes e fazer, que vem de várias gerações. Ser feirante, é muito mais que ser um comerciante de seus produtos, é destacar suas origens, seus costumes e disseminar seu conhecimento e construir relacionamentos. Neste contexto, compreende-se que a feira não é só o espaço onde ocorre a venda de alimentos para a semana, mas o “palco” em que se desenvolvem diversas práticas sociais, onde seus clientes já possuem seus itinerários certos, onde foram construídas relações sociais.

Contudo, é possível reconhecer que, não obstante os problemas que tenham as feiras de Santa Maria, se constituem em espaços privilegiados, para compra de produtos de boa procedência e qualidade atestada, por quem os consome. Durante o desenvolvimento do estudo, os desafios teóricos e empíricos presentes nesse novo campo de pesquisa, foi altamente estimulante, embora ainda sejam necessários aprimoramentos, tendo em vista a novidade que o tema representa em termos de pesquisa desenvolvida até o momento. Nesse sentido, é coerente elencar as limitações do estudo, uma vez que evidências de validade atingidas pela presente pesquisa necessitam de confirmações em diferentes, regiões, contextos e populações.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, G. S. O Desafio do Desenvolvimento Sustentável. **Visões**, Macaé, n. 4, v. 1, p. 1-11, jan/jun. 2008.
- BOSI, A. Fenomenologia do olhar. IN: NOVAES, A. et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 86-87.
- DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. Mercator. **Revista de Geografia da UFC**, ano 07, n. 13. 2008. p.88-101.
- FLECK M. P. A. et al. Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 198-205, 1999.
- FLECK, M. P. A. et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 17-29, 1999.
- HERCULANO, S. A Qualidade de Vida e seus Indicadores. In: HERCULANO, S.; PORTO, M. F. de S.; FREITAS, C. M. **Qualidade de vida e riscos ambientais**. Niterói: Eduff, 2000. p. 31-44.
- MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.
- OMS – Organização Mundial de Saúde. **Versão em português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida**. Programa de Saúde Mental. Genebra: Grupo Whoqol, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/tools/whoqol> . Acesso em: 11 fev. 2021.
- SANTA MARIA (RS). **Decreto Executivo nº 94, de 30 de agosto de 2013**. Dispõe sobre o Regimento Interno da Secretaria de Município de Desenvolvimento Rural, de conformidade com a Lei Municipal nº 5189/09 e alterações, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.camara-sm.rs.gov.br/proposicoes/Decretos-do-executivo/2013/3/0/11078>>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- SATO, L. **Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade**. [S.l: s.n.], 2012.
- SILIPRANDI, E. Urbanas e Rurais. In RECAMAN, M. et al. (Org.). **A Mulher Brasileira nos espaços público e privado**. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, julho de 2004.
- SERVILHA, M. M.; DOULA, S. M. O mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras. **Revista Faz Ciência**, v. 11, n. 13, p. 123-142, 2009.
- SILVA, J G. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos avançados**,v. 15, n. 43, p. 37-50, 2001.
- THE WHOQOL GROUP. Development of the World Health Organization WHOQOL-B: quality of life assessment. **Psychological Medicine**,, v. 28, n. 3, p. 551-558, 1998.

THE WHOQOL GROUP. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Social Science and Medicine**, Oxford , v. 41, n. 10, p. 1403-1409, 1995.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa faz parte do Processo de Tese do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria. Os dados serão coletados simultaneamente nos dois Estados. **O interesse do estudo é fundamentalmente acadêmico.**

Prezado(a) Senhor(a):

O Senhor (a) está sendo convidado a participar como voluntário(a) em uma pesquisa. O estudo tem como título: “Todo o dia é dia de feira: avaliação da qualidade de vida dos feirantes da cidade de Santa Maria/RS com a utilização do WHQOL-Bref”, tem por objetivo “analisar a qualidade de vida dos agricultores familiares que atuam em feiras livres na cidade de Santa Maria/RS”. Será conduzido pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM.

Como benefícios, esta pesquisa visa contribuir para a sistematização e divulgação do conhecimento científico, o qual será difundido em formato de tese, dissertação e artigos com fins acadêmicos e científicos. Esses elementos de informação poderão proporcionar maior conhecimento sobre o tema abordado, gerar subsídios para reflexões futuras e, sobretudo, ajudar a desenvolver práticas de gestão públicas que ampliem e aprofundem a qualidade de vida dos agricultores familiares que atuam nas feiras livres na cidade de Santa Maria - RS. Neste primeiro contato, logo ao ingressar na organização, buscamos conhecer características pessoais e suas experiências de trabalho que possam apontar o tipo de vínculo que você desenvolverá com o tempo nesta organização. Assim, faremos perguntas sobre como você se percebe, como vê a sociedade e o trabalho e o seu futuro neste emprego que está começando. O risco que poderá estar presente neste estudo é relacionado a algum desconforto que pode ser gerado no momento de responder o questionário, podendo desistir de participar da pesquisa a qualquer momento sem penalização alguma. A sua participação neste estudo é livre e voluntária. Não haverá nenhuma forma de compensação financeira e também não haverá custos para o participante. A identidade do participante permanecerá em sigilo durante toda a pesquisa e, especialmente, no momento da publicação dos resultados. O participante terá garantias de esclarecimentos antes e durante o curso do estudo. Em caso de dúvida, poderá entrar em contato com a Professora Dra. Andrea Cristina Dorr do Curso de Extensão Rural da UFSM (55) 99997-1978 ou (55) 3220-8000, no período da manhã, Ramal: 8165 na Coordenação do Programa de Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria – RS e na sua ausência o doutorando Thiago Kader Rajeh Ibdaiwi, seu orientando através do e-mail: [thiagokader@hotmail.com](mailto:thiagokader@hotmail.com) .

Eu, \_\_\_\_\_ (nome do participante), ciente e após ter lido as informações contidas acima, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Prof. Andrea Cristina Dorr - Pesquisadora responsável



## ANEXO A – QUESTIONÁRIO

### BLOCO 1 – ANÁLISE DE PERFIL

Idade: \_\_\_\_\_

Local da Pesquisa (qual feira):

\_\_\_\_\_

Em qual cidade você reside atualmente: \_\_\_\_\_ ( ) Urbano ( ) Rural

Gênero ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro

Cor/ Etnia ( ) Branco(a) ( ) Pardo(a) ( ) Negro(a) ( ) Amarelo(a) ( ) Indígena

Qual seu estado civil?

( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a) ( ) Viúvo(a) ( ) União estável

Possui Filhos? ( ) Sim. Quantos? \_\_\_\_\_ ( ) Não Eles residem com você ( ) Sim ( ) Não

Quantas pessoas moram em sua casa? (Incluindo você)

( ) Duas pessoas. ( ) Três pessoas. ( ) Quatro pessoas. ( ) Cinco pessoas ( ) Seis pessoas. ( ) Mais de 6 pessoas. ( ) Moro sozinho

Qual a renda mensal de sua família? (Considere a renda de todos os integrantes da família, inclusive você)

( ) Até 02 salários mínimos. ( ) de 02 até 04 salários mínimos. ( ) Superior a 05 salários mínimos

Qual é a sua religião? ( ) Católica ( ) Evangélica ( ) Espírita ( ) Umbandista ( ) Não tem religião ( ) Outro. Qual?

Qual seu grau de escolaridade? ( ) Analfabeto ( ) Primeiro Grau Incompleto ( ) Primeiro Grau Completo ( ) Segundo Grau Incompleto ( ) Segundo Grau Completo ( ) Ensino Superior Incompleto ( ) Ensino Superior Completo

Frequência de venda (participação em feiras por semana) ( ) 1 Vez ( ) 2 vezes ( ) 3 vezes ( ) 4 Vezes ( ) 5 vezes ( ) 6 vezes

### BLOCO 2 – ANÁLISE QUALIDADE DE VIDA - ANÁLISE DO WHOQOL-BREF

**Instruções:** Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. Por favor responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha. Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as duas últimas semanas. Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:

	Nada	Muito Pouco	Médio	Muito	Completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas. Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" apoio como abaixo.

	Nada	Muito Pouco	Médio	Muito	Completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" de apoio como no exemplo.

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe parece a melhor resposta

	Muito Ruim	Ruim	Nem Ruim Nem Boa	Boa	Muito Boa
1. Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5
	Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Satisfeito Nem Insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
2. Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre o quanto você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas:

	Nada	Muito Pouco	Mais ou Menos	Bastante	Extremamente
3. Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4. O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5. O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6. Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7. O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8. O quanto você se sente em segurança em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9. Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão completamente** você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas

	Nada	Muito Pouco	Médio	Muito	Completamente
10. Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11. Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12. Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13. Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14. Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam **sobre quão bem ou satisfeito** você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas

	Muito Ruim	Ruim	Nem Ruim Nem Bom	Bom	Muito Bom
15. Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5
16. Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19. Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20. Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21. Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22. Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
23. Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24. Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5



25. Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5
----------------------------------------------------------------	---	---	---	---	---

As questões seguintes referem-se a com que frequência você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas

	Nunca	Algumas Vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Sempre
26. Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

Alguém lhe ajudou a preencher este questionário?

\_\_\_\_\_

Quanto tempo você levou para preencher este questionário?

\_\_\_\_\_

**Agradecemos sua colaboração!**